# Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 160 Quinta-feira, 11 de Setembro de 1986 Preço 40$00

## CHILE

## Ditador feroz deu golpe há 13 anos

Pág. 16

## Entrevista inédita: Michel Foucault fala de Literatura

*Hoje no "Ler/Escrever"*

## Grupo de sócios empurra Jaime Duarte para chefia do Sporting

Pág. 19

## *Presos "dois destacados elementos"*

# BANCO BURLADO EM 33 MILHÕES

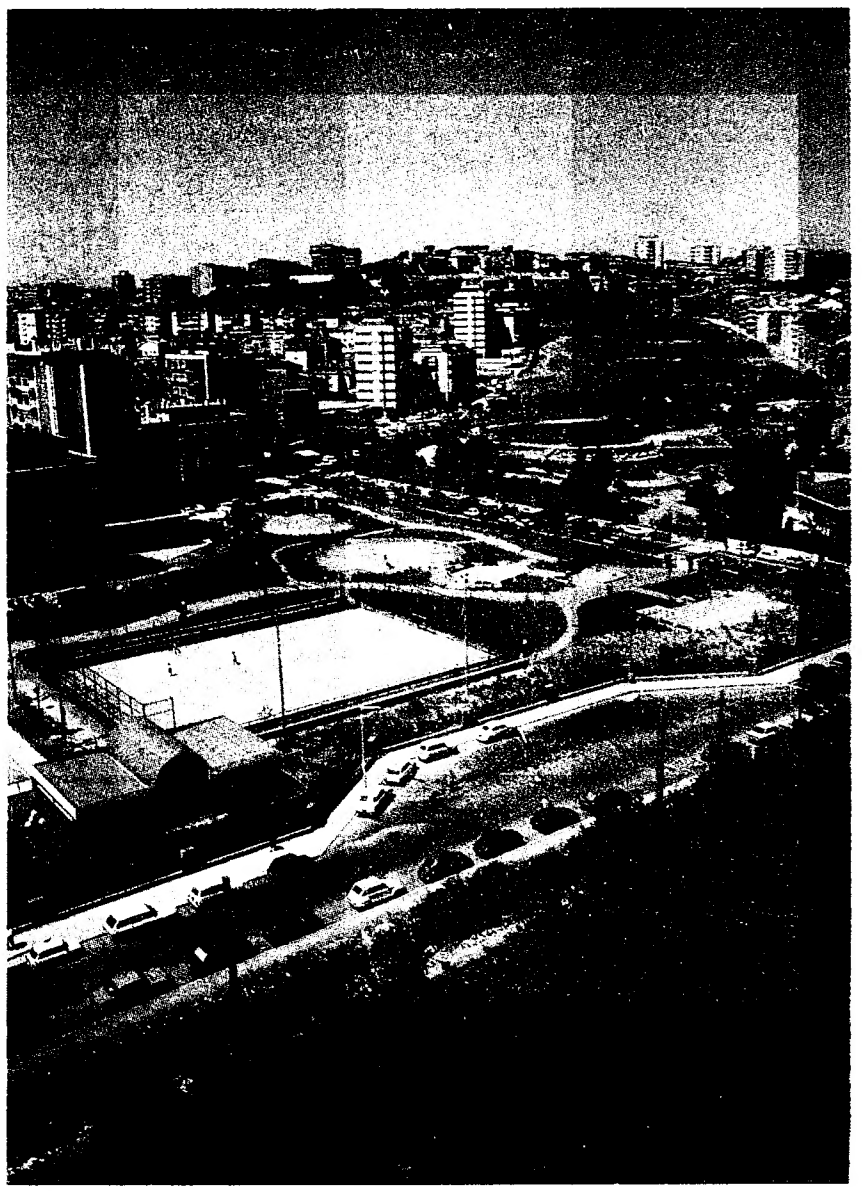
Dois destacados elementos de uma instituição bancária com balcão em Lisboa foram presos ontem à noite pela Polícia Judiciária sob suspeita de terem praticado uma burla de 33 mil contos. O facto de o processo ainda se encontrar entregue ao Juiz de Instrução Criminal foi a razão evocada pela P.J. para não indicar os nomes dos dois detidos nem do banco defraudado. No entanto, elementos investigados pelo «DL» apontam no sentido de a burla ascender a montante superior a cem mil contos e envolver personalidades exteriores à própria instituição em causa. A denúncia terá sido apresentada há dois dias no piquete daquela corporação policial, tendo sido presente ao JIC que emitiu os respectivos mandatos de captura

## *AMADORA*

# De como se é grande apenas com sete anos

O município da Amadora faz hoje sete anos. Tem sido uma luta persistente de uma autarquia nova com o objectivo de transformar «o caos em local aprazível de convivência para a sua população». Muito tem sido feito, muito ainda há ainda por fazer, apesar do enfraquecimento da situação financeira da autarquia. De qualquer modo, aí está um exemplo de como se pode ser grande apenas com sete anos de idade.

Pág.9 a 14



*Cem anos de luta contra a raiva (conclusão)*

# Uma revolução em microbiologia

**Ainda reconhecendo que o valor terapêutico da descoberta de Pasteur é inegável, há que atender que sempre foi considerada uma descoberta polémica. Muitos médicos mostraram-se renitentes em utilizá-la, como é, aliás, do conhecimento dos estudantes e praticantes de medicina. Porquê? Porque até há poucos anos apresentava uma alta percentagem de impurezas que a transformava em caldo de cultivo para os efeitos colaterais. Em termos práticos isso significa que ao ser extraído da corrente sanguínea ou da saliva de um raivoso, poderá ser um antídoto contra a hidrofobia, mas também era um veículo portador de outras patologias subjacentes. Ainda mais: o prolongamento do tratamento era um factor contrário. No início as sessões totalizavam 20 injecções, que acabaram por ser reduzidas a cinco. Actualmente com o «interferon» e com as novas técnicas laboratoriais que permitem diagnosticar a doença num par de horas, basta uma única injecção.**

*Luís Pasteur dedicado às tarefas de investigação no seu laboratório*

### Remédios caseiros

Tradicionalmente as vacinas só são utilizadas «in extremis». Os médicos da antiguidade baseavam a profilaxia, depois da mordida ou do arranhão, na aplicação de uma dupla ligadura, tentando por todos os meios evitar que o vírus avançasse até ao cérebro. A gravidade do vírus da raiva é proporcional à zona onde se deu a lesão. Quanto mais afastada ficar da zona afectada do corpo, mais lento o desenvolvimento e evolução, e por conseguinte, é maior a possibilidade de cura. A ferida era também cauterizada e succionada, por meio de ventosa, nunca com a boca, pelo risco que isso implica para a saliva. Também se aconselhava a manutenção do cão em observação — nunca abatê-lo — pois facilita os diagnósticos. Hoje em dia esta medida já não é tão necessária devido às novas técnicas.

Na «Revista de Saúde e Higiene Pública», da Direcção-Geral de Saúde do governo de Espanha (1933) o dr. Matella, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Sevilha publicou um artigo sobre as suas experiências clínicas, tudo muito crítico relativamente à vacina de Pasteur. Por duas vezes utilizou a vacina e em ambos os casos os doentes morreram — um deles ficou doente dez meses depois ao fazer uma pequena ferida enquanto jogava à bola com um cão-d'água.

Um terceiro doente, a que em ele não aplicou a vacina por já ter entrado no hospital com sinais inconfundíveis de hidrofobia, na sua fase final, e a quem foi aplicado um tratamento de sangrias, ventosas e vermicidas, salvou-se e duas semanas mais tarde teve alta. Eis o que diz a notícia feita pelo médico de Sevilha: «O doente, Juan Diaz, de Carmona, entrou neste hospital com uma forte indisposição, angústia e dificuldades em engolir água, por contracção da faringe e que chegava ao espasmo. Apresentava dificuldades respiratórias e convulsões com paralisia muscular, especialmente nos músculos superiores e nos ombros. As dores faziam-no dar saltos na cama. Estes acessos aconteciam não só quando tentava beber, mas também pela simples presença de um copo de água, de um objecto brilhante, de uma corrente de ar ou de um ruído. Apresentava a boca aberta e com bastante espuma. Decidimos sangrá-lo, aplicando ventosas na ferida e vários antiespasmódicos. 24 horas depois de iniciado o tratamento o doente surpreendeu o corpo clínico com as melhoras apresentadas.»

### Pai da microbiologia

A grandeza de Pasteur não reside apenas no facto de a sua invenção ser mais ou menos perfeita, mas por se ter tornado no pai da microbiologia. Pasteur serviu de fonte a Ramon e Cajal e a todos os químicos e investigadores franceses do instituto que ostenta o seu nome.

Ainda hoje continua a ser o modelo dos homens das ciências que estudam as mais primárias manifestações da vida, em tubos de ensaios e provetas. Com o seu aspecto tranquilo, barba grisalha e esbranquiçada, a sua enorme sensibilidade faziam do homem e do químico francês um verdadeiro exemplo para aqueles que, afastados do mundo, fechavam-se nos laboratórios estudando as chaves dos mistérios que envolvem as origens do Homem e da vida.

A regra é de que todas as grandes invenções foram fruto do acaso ou mera consequência da simples observação da natureza. Newton formulou a lei da gravidade sentado à sombra de uma macieira. Pasteur extraiu as suas deduções sobre a vacina partindo de uma coisa tão antiga e vulgar como era a homeopatia — profilaxia que volta a estar em moda — cujo princípio se baseia no facto de dois elementos semelhantes se contradizerem até atingirem o equilíbrio de forças. Quer dizer: curar o mal com o próprio mal.

Do mesmo modo refutou a tese da geração espontânea, que tinha feito carreira no séc. XVIII. Pasteur demonstrou que na biologia tudo é uma cadeia de causa-efeito. Nada surge por acaso ou por si. Só pode dar vida aquilo que a teve, pois não há seres vivos oriundos de matéria inorgânica.

### E da sociedade de consumo

Pai da microbiologia o cientista revolucionou toda a indústria alimentar ao conseguir prolongar a duração dos produtos mediante a pasteurização ou destruição das bactérias, por meio do calor. Antes de Pasteur o leite tinha de ser consumido no mesmo dia. Mas as pesquisas sobre a fermentação e putrefacção provocaram uma autêntica revolução no consumo e na indústria alimentar. Esta esterilização diminuiu o custo dos alimentos, evitou muitas doenças e sobretudo a fome.

*Esta é a casa em que Pasteur viveu os últimos anos da sua vida e morreu, em França*

*Cavaco Silva chegou esta madrugada dos EUA*

# "Vão ser abolidas algumas restrições às nossas exportações de aço e têxteis"

## ● *"Pequenas divergências" em relação ao "apartheid" na África Austral*

**O «bom relacionamento e abertura» da administração norte-americana às posições portuguesas, nomeadamente a respeito das restrições que estavam a ser impostas às importações de têxteis e de aço, foi um dos aspectos focados esta madrugada por Cavaco Silva no Aeroporto da Portela, à chegada a Lisboa de uma visita de oito dias aos Estados Unidos da América, onde avistou com Ronald Reagan, George Bush e Shultz, entre outros**

O Primeiro-Ministro salientou que nesta sua primeira visita oficial aos EUA «ficaram delíneadas as bases para soluções concretas, a muito curto prazo», no domínio das relações bilaterais entre os dois países.

«As interpretações restritivas quanto às nossas exportações vão ser abolidas» — sublinhou Cavaco Silva, que disse ter «essa garantia» do secretário de Estado norte-americano do Comércio.

«A concretização de facilidades anteriormente negociadas no âmbito da ajuda militar e económica dos Estados Unidos a Portugal, nomeadamente o reequipamento e modernização das Forças Armadas Portuguesas» — foi um dos pontos discutidos e em relação ao qual, segundo Cavaco Silva, «foi possível estabelecer as bases para passar ao domínio do concreto».

Durante a sua deslocação de cinco dias aos Estados Unidos, o Primeiro-Ministro disse ter privilegiado os contactos pessoais, tendo participado em 55 reuniões.

«A minha viagem não teve banquetes, teve sim muitos contactos» — salientou Cavaco Silva.

«O papel de Portugal na NATO e o reforço da participação portuguesa, enquanto força do Ocidente», foram também debatido nos encontros mantidos pelo Primeiro-Ministro português com a administração norte-americana e com o presidente Ronald Reagan, como noutro local referimos.

### África Austral: alguma convergência

Cavaco Silva disse ter defendido o melhor possível os interesses de Portugal e dos portugueses na sua deslocação aos EUA, ao fazer um balanço dos contactos que manteve nesta sua visita.

As conversações do Primeiro-Ministro nos EUA versaram as relações bilaterais luso-americanas, nomeadamente a ajuda económica a Portugal, o reequipamento das Forças Armadas e as restrições impostas pelos Estados Unidos às importações de têxteis e aço de Portugal.

Cavaco Silva afirmou que houve «um bom relacionamento e abertura» das autoridades americanas em relação ao reequipamento das Forças Armadas, e acrescentou que «em alguns casos» foram delineadas bases para um entendimento «a muito curto prazo».

Em relação à ajuda económica a Portugal, o Primeiro-Ministro afirmou que as intervenções que proferiu nas duas Câmaras do Congresso norte-americano a esse propósito foram realizadas «no momento apropriado», dado que se está a discutir o Orçamento dos Estados Unidos para 1987.

Sobre a questão da África Austral, Cavaco Silva disse ter havido «pontos de convergência» com a posição norte-americana, tendo o ponto de vista do Governo português sido «entendido», embora existam «pequenas divergências». «Portugal manifestou o interesse que tem nessa zona do globo», tendo sempre em conta a necessidade de desmantelar o «apartheid».

Cavaco Silva salientou a esse respeito que há «pontos de convergência» entre Lisboa e Washington no sentido de «desmantelar rapidamente o 'apartheid» na África do Sul.

«Existem pequenas divergências» entre Portugal e os Estados Unidos em relação à África Austral, disse Cavaco Silva, «mas o que estava em causa era mostrar à administração norte-americana o conhecimento que Portugal tem daquela zona».

Em relação a Angola, o Primeiro-Ministro referiu apenas ter havido uma troca de pontos de vista.

A delegação portuguesa discutiu com as autoridades norte-americanas o papel e o reforço de Portugal na NATO, tendo havido «grande abertura no que se refere ao reequipamento das Forças Armadas».

### Cavaco em Belém esta tarde

O Primeiro-Ministro encontra-se esta tarde com o Presidente da República, a quem transmitirá os resultados da viagem que efectuou aos Estados Unidos que considerou «oportuna», dado estar neste momento a ser discutido o orçamento norte-americano para 1987.

Questionado na Portela (onde era aguardado pelo ministro da Administração Interna e seu substituto durante esta visita, Eurico de Melo, pela ministra da Saúde, Leonor Beleza, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Azevedo Soares, e chefe do Gabinete do PR, Nunes Barata) sobre se era portador de uma mensagem de Reagan para Soares, o Primeiro-Ministro disse que não, mas que o presidente dos Estados Unidos, quando se reuniu com ele, começou a conversa recordando a viagem a Portugal, o seu discurso na Assembleia da República e os contactos que realizou, tendo-se referido a Mário Soares e ao ex-presidente da República, Ramalho Eanes.

# Convite a empresários para investirem em Portugal

Cavaco Silva voltou a lamentar em Nova Iorque a existência de «barreiras proteccionistas que algumas das nossas exportações encontram, por vezes, em mercados de países altamente industrializados», e convidou empresários norte-americanos a investir em Portugal, contribuíndo para a modernização da economia do País e para o reforço dos laços de amizade e cooperação com os Estados Unidos.

As declarações de Cavaco Silva foram proferidas em Nova Iorque perante destacados homens de negócios ligados às relações luso-americanas em diversos sectores de actividade, durante um almoço organizado pela Câmara de Comércio Portuguesa nos Estados Unidos.

«Posso afirmar que estamos no limiar de um novo ciclo da vida portuguesa, favorável ao relançamento económico, sem o qual não é possível modernizarmos a nossa economia», afirmou, acrescentando que «esse relançamento conta, naturalmente, com um contributo externo».

O Primeiro-Ministro disse que o investimento estrangeiro, embora respeitando as indicações do mercado, se poderia orientar para a utilização e valorização dos recursos naturais, para a modernização das produções tradicionais e, fundamentalmente, para projectos que envolvam a inovação e a promoção de uma matriz tecnológica adequada ao nosso desenvolvimento devendo ainda permitir o acompanhamento selectivo das profundas mutações tecnológicas que vêm alterando, dinâmica e profundamente, os equilíbrios estabelecidos.

Cavaco Silva visitou, nesta sua viagem aos EUA, dois dos mais importantes jornais norte-americanos, o «Wall Street Journal» e o «New York Times», tendo-se ainda reunido com o ex-embaixador norte-americano em Lisboa, Frank Carlucci, antes de deixar os Estados Unidos, no termos de uma visita de uma semana a convite do vice-presidente George Bush.

*CDS critica Cavaco Silva por desfavorável à Unita*

# "O PM não tem conhecimento do que se passa em Angola"

## — *afirma aquele partido*

**O CDS acaba de criticar o recente apelo do Primeiro-Ministro às autoridades norte-americanas, no sentido de cessarem o apoio militar à Unita, afirmando que Cavaco Silva «não deve ter conhecimento do que se passa em Angola».**

O presidente da Juventude Centrista, Manuel Monteiro, que visitou durante 20 dias zonas controladas pela Unita em Angola e assistiu ao sexto Congresso daquele movimento de oposição ao Governo de Luanda, «lamentou» em conferência de Imprensa, realizada na sede dos democratas-cristãos, a posição do Primeiro-Ministro português, acrescentando que «não é assim que os interesses portugueses são defendidos».

Falando em nome do CDS, Manuel Monteiro disse que a posição do seu partido é a de reconhecimento da existência daquele movimento angolano, e de que «ele está implatando em bases sólidas, onde se circula com segurança».

«É fundamental que Portugal diga que a paz é necessária» — disse Manuel Monteiro, que acrescentou que «Portugal deve pedir negociação entre as partes em conflito e não ficar impávido e sereno em relação a esta guerra».

«Portugal pode e deve ser parceiro privilegiado no sentido de se conseguirem negociações que conduzam à paz em Angola» — acrescentou.

Sobre o Congresso da Unita, que se realizou em Angola, nas zonas controladas por aquele movimento, Manuel Monteiro afirmou não se ter apercebido de «eventuais divergências internas», mas sim de «um reforço e confiança redobrada em Jonas Savimbi».

Manuel Monteiro leu uma mensagem de Savimbi dirigida à juventude portuguesa, na qual o presidente da Unita pede aos jovens portugueses que «não fiquem calados» e solicita «solidariedade e apoio» para a luta da Unita.

«Vós que tendes a liberdade e a paz, façam com que a vossa voz se levante, no sentido de que os russos e os cubanos abandonem a nossa Pátria, para que todos possamos viver de mãos dadas» — diz a mensagem de Savimbi.

*Macau*

# Progressos registados nas conversações Pequim-Lisboa

As delegações chinesa e portuguesa que debatem o futuro de Macau concluíram em Pequim a segunda fase das conversações e divulgaram ter alcançado progressos, pelo que vão manter novas reuniões na segunda quinzena de Outubro.

Tal como em Julho último, no final da primeira fase de conversações, os dois lados emitiram um comunicado lacónico e formal, que não entra em pormenores sobre os temas debatidos nas reuniões, iniciadas terça-feira. Os membros das delegações recusaram-se também a produzir comentários sobre elas.

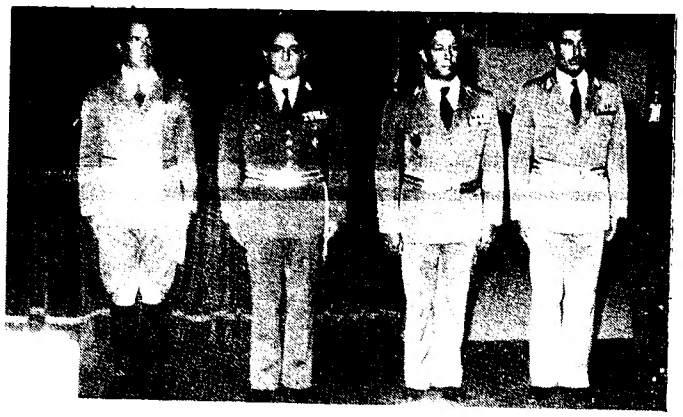
«As duas partes discutiram, num ambiente de amizade e harmonia, matérias substanciais dos diversos pontos da agenda, tendo-se registado progressos» — refere o comunicado final das reuniões, divulgado simultaneamente nas duas capitais.

Tal como até aqui, a próxima fase das conversações terá igualmente lugar na capital chinesa, onde se tem deslocado a equipa negociadora portuguesa, liderada pelo embaixador Rui Medina.

Mas ontem foi também anunciado oficialmente que o chefe da delegação negociadora chiensa, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, deslocar-se-á em Novembro a Lisboa para uma visita designada como «de amizade», a convite do Governo português.

Não foi indicada a data exacta da visita de Zhou Nan, que esteve na capital portuguesa pela última vez em Março deste ano, integrado na delegação oficial chinesa que assistiu à tomada de posse do Presidente Mário Soares.

Embora nada tenha sido ainda referido de concreto sobre o desenrolar das conversações, fontes diplomáticas têm indicado recentemente que as duas partes esperam concluir as negociações até final do ano, podendo o acordo sobre a transferência do poder em Macau estar concluído no início do próximo ano.



# Espadas de oficial general para quatro brigadeiros do Exército

Quatro novos brigadeiros do Exército receberam espadas de oficial general, em cerimónia solene realizada no Estado-Maior do Exército.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, general Jorge Salazar Braga, e contou com a presença do Vice-Chefe Interino e dos Directores de Departamento e Chefes de Gabinete e Repartições do Estado-Maior do Exército.

O cerimonial de entrega da espada de oficial general simboliza a importância da investidura oficial nos mais altos postos da hierarquia militar.

Os novos brigadeiros que receberam a espada são Rui Ernesto Freire Lobo da Costa, Alípio Emílio Tomé Falcão, Adelino Rodrigues Coelho e António Guerreiro Caetano.

# Ocupação militar de Timor "não é facto consumado"

A União Democrática Timorense (UDT) afirmou ser «inconstitucional» a afirmação do Primeiro-Ministro Cavaco Silva, nos Estados Unidos, de que a ocupação militar de Timor «é já um facto consumado.»

«Timor-Leste continua a ser um território português e a repatriação de funcionários timorenses, embora justa, não é razão suficiente para se afirmar que Timor é já um facto consumado» — salienta a Comissão Política da UDT.

A UDT lamenta também que «o Ministério dos Negócios Estrangeiros não tenha preparado com a necessária antecedência a participação de Portugal na Conferência dos Não-Alinhados, em Harare». Esta foi a primeira vez que a questão de Timor-Leste não foi debatida na Conferência dos Não-Alinhados.

A Comissão Política da UDT denuncia ainda o «massacre por forças militares indonésias, em 3 de Agosto, dos habitantes da povoação de Fo-Mano, no Suku de Xana, em Uato-Lari, na zona Leste de Timor» que atribui às «autoridades militasres indonésias».


ESPECIAL
FÉRIAS / 86

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

SE AINDA NAO GOZOU AS SUAS MERECIDAS FERIAS, VENHA ATÉ AO ALTO-MINHO E VIVA CONNOSCO AS FESTAS DA VINDIMAS DO VINHO VERDE
OFERECEMOS-LHE CONDIÇÕES ESPECIAIS NO SOSSEGADO AMBIENTE DAS NOSSAS 4 ESTRELAS E 2 PISCINAS NO VERDE NATURAL DESTA REGIÃO. 7 DIAS: 11 200 P P EM QUARTO DUPLO A PARTIR DE 1 DE OUTUBRO (SUP. PARA MÊS DE SETEMBRO 1 750$00).
PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS «FINS-DE-SEMANA» E «MINI-FERIAS» ATRAVES DOS TELEFONES 24151/5 — TELEX 3211 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

EXT. SÉNECA
E S. GAMA

CICLO PREPARATÓRIO — GERAL — 7.º, 8.º e 9.º anos
COMPLEMENTAR — 12.º ano-INFORMÁTICA

inscrições abertas
MENORES • PARALELISMO • manhã • tarde • noite
ADULTOS • PEDAGÓGICO

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º
Telef. 52 00 92 (Metro Anjos)
Telefs. 82 27 76 — 82 35 31 (Frente à Portugália. Metro Arroios)


*Os deputados foram mesmo os últimos a saber*

# Governo enviou ao Parlamento o parecer sobre os Açores

**O Governo enviou ontem ao Parlamento o parecer do Ministério da Defesa contestando o Artigo 6.º do Estatuto dos Açores recentemente aprovado por unanimidade nas Assembleias Regional e da República. O parecer diz textualmente que o estatuído nos números dois e três do referido artigo «não oferece garantia constitucional no que respeita a cerimónias militares e a unidades das Forças Armadas, face ao princípio da unidade nacional das FA's firmado no número dois do Artigo 275.º da Constituição.**

O documento, com duas páginas apenas, cita depois um comentário do constitucionalista Gomes Canotilho a respeito daquele princípio.

Para Gomes Canotilho, o princípio da unidade nacional das FA's analisa-se em vários subprincípios, nomeadamente o da «estadualidade, pois só o Estado pode estabelecer uma organização única para todo o território nacional».

Outro subprincípio contempla a proibição de milícias nacionais ou municipais, «excluindo-se da competência do poder regional ou local a organização e disposição de corpos armados» — diz ainda Gomes Canotilho, citado pelo Ministério da Defesa.

«Como corolário desse o princípio — continua depois o parecer — ressalta a impossibilidade de as FA's ostentarem outros símbolos representativos que não sejam os da própria Nação».

«Caso negativo, correr-se-ia o risco da regionalização das Forças Armadas, o que é proibido constitucionalmente e afectaria gravemente a operacionalidade das mesmas» — considera ainda o Ministério da Defesa no seu comentário ao Estatuto.

«A título de mero exemplo do que por último se disse, cita-se a cerimónia militar de maior impacto, que é o juramento de bandeira» — prossegue o texto daquele departamento do Governo.

«Quererá a referida norma (Art.º 6.º do Estatuto) dizer que esse juramento será prestado pelos militares em serviço na região perante, ou melhor, sob a bandeira da região, ainda que ao lado da nacional? Ou sob as duas simultaneamente? » — pergunta depois o parecer governamental.

O parecer recorda depois que o número três do referido Artigo 6.º prevê tratamento protocolar dos símbolos regionais, mas não especifica quais sejam estes.

Pergunta depois o que deve entender-se pelo «tratamento oficial e protocolar correspondente» para os referidos símbolos previsto neste artigo e interroga-se sobre se quererá esta norma dizer que tal tratamento deverá ser «igual aos dos correspondentes símbolos nacionais».

No final, o parecer contém ainda uma referência ao adiamento do serviço militar para os deputados e membros do Governo Regional, dizendo que uma disposição semelhante se encontra prevista na futura lei do serviço militar.

O parecer é assinado pelo chefe de gabinete do ministro Leonardo Ribeiro de Almeida, o brigadeiro da Força Aérea, A. Orlando Queirós, e datado de 8 de Julho último.

Entretanto, o contestado e já famoso Artigo 6.º do vetado estatuto dos Açores tem apenas três números, todos eles referentes aos símbolos regionais.

«A região tem bandeira, brasão de armas, selo e hino próprios, aprovados pela Assembleia Regional» — diz o primeiro.

«Os símbolos regionais referidos no número anterior serão usados sempre conjuntamente com os símbolos nacionais nas cerimónias oficiais e nos edifícios públicos, civis e militares» — acrescenta o segundo.

«Os símbolos regionais são reconhecidos em todo o território nacional e devem ter o tratamento oficial e protocolar correspondente» — preconiza o terceiro.

Esta nova redacção do artigo 6 agora contestada resultou de uma proposta do PS dos Açores, que, tal como todos os outros partidos representados na Assembleia Regional, votaram a favor do agora contestado estatuto.

Depois de aprovado por unanimidade na Assembleia Regional, o estatuto subiu à Assembleia da República como proposta de lei.

A exemplo do que tem acontecido noutras ocasiões, quando são debatidas propostas e projectos relevantes não oriundos do Governo, o executivo forneceu à bancada que o apoia no Parlamento, o PSD, um parecer contendo a sua posição sobre o assunto.

Este parecer, elaborado pelo Ministério da Defesa, foi entregue pela Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares ao grupo parlamentar do PSD vários dias antes do debate na generalidade (que ocorreu a 16 de Julho) e muito antes do debate na especialidade (24 de Julho).

Em ambos os debates o diploma foi aprovado por unanimidade.

Mais tarde, a Imprensa veiculou informações acerca de um parecer «das Forças Armadas» de teor idêntico ao que tinha sido enviado ao PSD pelo Ministério da Defesa (cujo titular é o dirigente social-democrata Leonardo Ribeiro de Almeida).

O assunto foi agitado nos «media» e a controvérsia acerca da matéria desenvolveu-se até que o presidente convocou o Conselho de Estado para se aconselhar sobre a questão.

Com excepção de Mota Amaral, Alberto João Jardim e Amândio de Azevedo, os restantes conselheiros tomaram posições contrárias à nova redacção proposta para o artigo 6.

O presidente devolveu depois ao Parlamento para reapreciação o «Decreto da Assembleia da República» (é este o nome dos diplomas aprovados pelo Parlamento antes de serem leis) referente ao novo estatuto dos Açores.

Na mensagem de justificação do veto que enviou à Assembleia, o Presidente fez questão de salientar que não estava em causa o respeito pela instituição parlamentar e recordou a polémica surgida na Imprensa acerca do caso.

A Comissão Permanente da Assembleia tomou conhecimento da mensagem e ouviu intervenções de todos os partidos parlamentares sobre o assunto na sua primeira reunião de Setembro.

# "Havemos de triunfar porque temos razão"

## — assegura Mota Amaral

«De tudo havemos de triunfar porque temos razão» — disse ontem, no Pico, o presidente do Governo Regional dos Açores, numa referência aos acontecimentos relacionados com o estatuto político administrativo da Região.

«Conjuram-se contra nós o centralismo em estertor, o saudosismo do império perdido e os apetites do domínio» - salientou.

Mota Amaral, que se encontra no Pico em visita governamental, referiu-se às recentes calamidades provocadas pelo forte temporal que se abateu sobre o arquipélago, afirmando: «vamos provar uma vez mais que não nos deixamos vencer pelo desânimo, que das nossas próprias fraquezas sabemos fazer forças».

«As forças da natureza, mesmo destruindo-nos, enriquecem-nos» — disse.

O presidente do Governo dos Açores disse ainda na sessão de boas-vindas na Câmara Municipal de S. Roque do Pico que «a autonomia é devida aos açorianos por justiça, a autonomia é para o povo açoriano a liberdade. Rejeitando radicalismos, manter-nos-emos unidos, firmes e serenos».

### PSD da Terceira contra Soares

O PSD da ilha Terceira repudiou a alegada «onda centralista que para obter os seus intentos pretende confundir a luta pela autonomia com a independência».

Num comunicado distribuído em Angra do Heroísmo os sociais-democratas terceirenses contestam o veto de Mário Soares à Lei de Revisão do Estatuto Político-Administrativo dos Açores.

Consideram que o veto «desrespeita a vontade dos legítimos representantes do povo açoriano, secundada por unanimidade pelos representantes do povo português».

O veto de Mário Soares causou ao PSD da Terceira «estranheza e pesar», refere o comunicado.

### Distrital de Braga do PS contra PSD

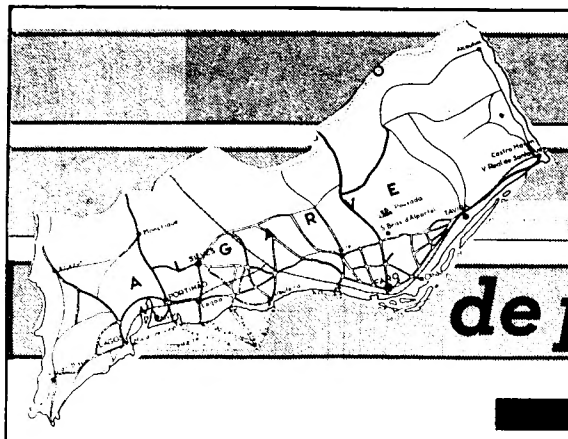
A Federação Distrital de Braga do PS, acusou o PSD de estar «paralisado na permanente dualidade dos seus critérios».

Em comunicado, que surge na sequência da crise levantada pelo presidente do Governo Regional dos Açores, os socialistas de Braga consideram ter sido útil para a opinião pública «a revelação de que o Governo fornece informalmente à bancada do PSD elementos que sonega às restantes bancadas parlamentares».

A fundamentar esta acusação, os socialistas exemplificam com o «facto de as Forças Armadas terem transmitido ao Governo em tempo útil informação para que esta crise tivesse podido morrer no ovo».

Essa informação, acrescentam, foi dada à bancada do PSD, que a não utilizou, nem revelou a ninguém e foi sonegada a todos os demais partidos e ao próprio Parlamento».

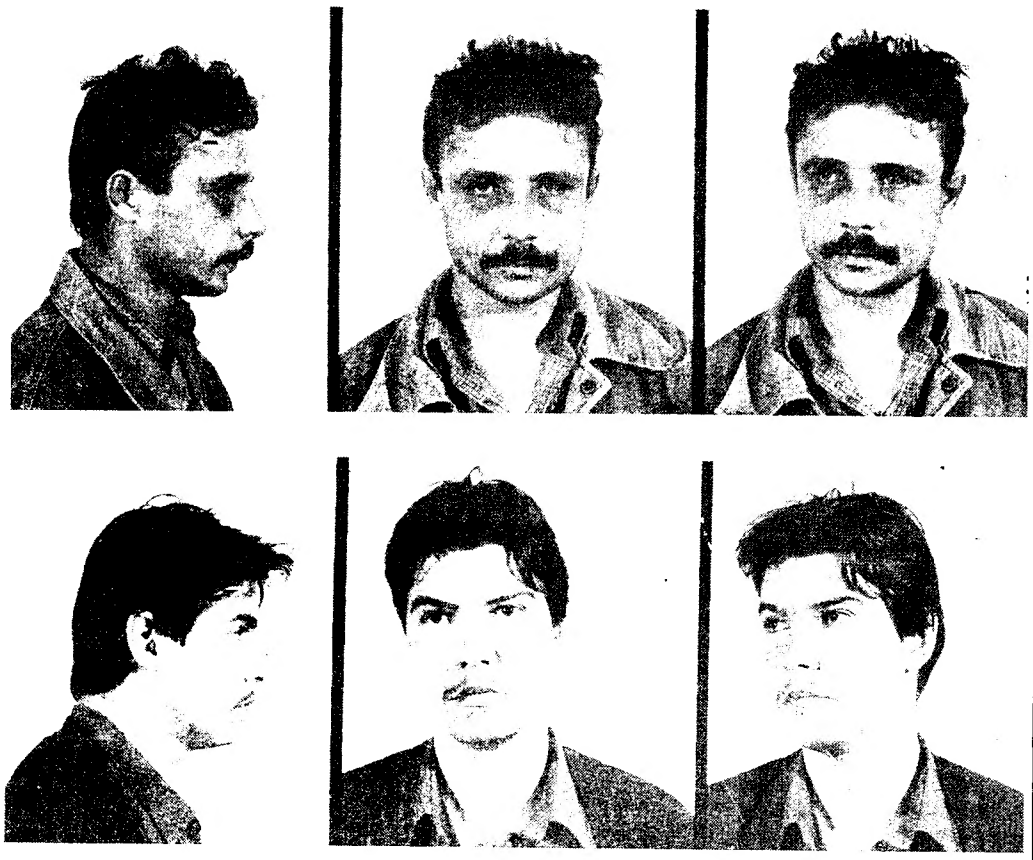
Em face disso, o comunicado sublinha finalmente que «a crise artificial ganha, assim, contornos de artificialíssima e o seu rosto, que era o de Mota Amaral, começa a mudar de feições» e interrogam: «afinal quem quis, quem fez, a crise do estatuto autonómico dos Açores?»



# Algarve: uma região de papelão? (7)

# Como é a criminalidade na terra dos Cavacos?

Nuno Ribeiro



**Após ousada e sangrenta fuga de Pinheiro da Cruz, o Algarve, do litoral à zona da Serra, passou a ser conhecido como o refúgio do grupo que, a 28 de Julho, trocou o quotidiano da prisão pelo jogo do rato e do gato com a polícia. O extremo sul do País era o destino final da fuga, porque eram do Algarve três dos cadastrados, por sinal, os que a polícia considera mais perigosos.**
**Passado o tempo da recpatura anunciada, como é a criminalidade na terra dos Cavacos?**

«Zona de férias, zona de dinheiro, zona de negócios fáceis e de oportunidade, zona de elevada densidade populacional no período de Verão são características que facilitam um leque de crimes com grande incidência no Algarve», revela uma informação da delegação de Faro da Polícia Judiciária.

Em poucas linhas, o responsável da PJ enumera um conjunto de factores, cujas implicações no desenvolvimento da criminalidade não estão, ainda, totalmente estudados. De facto, até hoje nenhum técnico fez um estudo sobre as incidências da criminalidade do Algarve.

Se as estatísticas fornecem as «preferências» e dão algumas pistas, confirmando no essencial as previsões, relatos mais completos não existem e, não será o facto de Olhão ter um porto e Loulé a presença da Serra, que determinam que seja nestas áreas que se exprime a criminalidade mais violenta.

## «Vêm fazer férias de trabalho»...

No entanto, para os investigadores, há aspectos que favorecem o desenvolvimento da criminalidade no Algarve, nomeadamente a grande concentração de pessoas, o facto de ser uma zona de difícil controlo e de existirem muitas instalações turísticas clandestinas.

De acordo com a informação da Polícia Judiciária, «nos últimos tempos tem-se notado um aumento persistente e gradual dos crimes que, de algum modo, se relacionam com a actividade económica, nomeadamente emissão de cheques sem provisão, abuso de confiança, burla».

A par desta actividade, numa zona onde, sazonalmente, se vive ao ritmo do consumo do «turismo de massas», onde as libras e os marcos chegam a ter direito à coluna da direita dos cardápios dos restaurantes, tem-se verificado uma subida na «passagem» de moeda falsa.

«De Lisboa e do Norte vão os carteiristas, os burlões, os «gigolos», todos os que trabalham entre Julho a Setembro», revelou ao «DL» uma fonte policial. E, em Maio, as ruas de Faro já eram percorridas por alguns conhecidos «mãos de veludo» do Porto...

A presença dos que «vêm fazer férias de trabalho, e que encontram no clima descontraído do Verão as oportunidades para fácilmente subetrairem máquinas fotográficas deixadas ao abandono nos veículos, blusões largados nas esplanadas, relógios escondidos à vista de todos num saco de praia antes do mergulho, leva a um aumento dos furtos.

## «Placa de penetração do haxixe»

Se, como em todos os aspectos da vida do Algarve, a criminalidade é marcada, do ponto de vista qualitativo, pela sazonalidade, os pequenos roubos são apenas a ponta mais visível de um «iceberg» que tem no tráfico de droga a sua expressão mais importante.

A este respeito, a informação da delegação de Faro da polícia Judiciária atribui grande importância à subida em flecha, nos últimos anos, do consumo de heroína, mas é no haxixe que «a proximidade de Marrocos e a existência de uma actividade marítima com grande implantação facilitam tal tráfico».

«O Algarve, como o sul de Espanha, é uma placa de penetração do haxixe na Europa», revelou ao «DL» um dos investigadores, adiantando números impressionantes de consumo: «só na zona de Portimão, o número de toxicómanos dependentes em idade escolar é de cinco mil».

Esta actividade desenvolve-se, sobretudo, «entre Abril e Maio quando há a constituição dos stocks», e, com redes bem organizadas e equipadas, das lanchas rápidas a completos e sofisticados sistemas de comunicações, «muitas vezes ficamos limitados a vê-los passar».

## «Jovens em situação difícil»

É entre a população jovem que o consumo se desenvolve, e é entre os jovens locais que se encontram os principais agentes da criminalidade. «É uma tentativa de arranjar dinheiro para fazer um determinado estilo de vida, inclusivamente no caso do consumo de droga, que vêem nos jovens estrangeiros».

O mimetismo do comportamento social dos estrangeiros é ainda agravado pela situação laboral que se vive no Algarve. Como sublinhou um dos investigadores, «os problemas dos jovens não podem ser resolvidos pela via repressiva, e se não há estruturas montadas para um determinado tipo de apoio social no caso da profilaxia da droga», a oferta de trabalho agrava, ainda mais, a situação.

«O Algarve é escandaloso em questões de trabalho, as pessoas são marginalizadas, são exploradas, quanto muito trabalham durante oito meses, e depois o que é que fazem?».

A sazonalidade, que leva os jovens a encontrarem emprego durante um determinado período de tempo, desviando-os da escolarização ou da formação profissional, deixa-os ao abandono durante o resto do ano.

São quatro meses intermináveis, durante os quais o «mundo» criado para o turista se fecha e o Algarve demonstra as suas gritantes contradições e carências.

*Revela o novo "patrão" da RTA*

# "O Algarve também terá o seu bilhete de identidade turístico"

## • *Autarcas socialistas ausentes do acto*

**O novo presidente da Região do Turismo do Algarve, defendeu ontem a qualidade da oferta turística algarvia como linha prioritária da sua acção, nos próximos três anos. No discurso de posse que proferiu Horácio Cavaco Guerreiro afirmou ser já tempo do Algarve ter o seu «bilhete de identidade turística», assente na característica fixa e permanente da «qualidade de serviços em todas as suas componentes».**

Horácio Cavaco foi ontem empossado nas suas funções, apesar de toda a controvérsia gerada em torno de um processo que contra si corre os seus trâmites no Tribunal Judicial de Faro, acusando-o de burla e peculato. O novo presidente da RTA nega esse enquadramento e ontem no sector de posse do mais importante organismo económico da Região Algarvia, foi «abençoado, com a presença de Eurico de Melo, Primeiro-Ministro em exercício que presidiu à cerimónia, no Salão Nobre do governo civil de Faro, o qual se encontrava repleto de individualidades públicas e privadas.

Uma ausência bastante notada: a dos autarcas algarvios da área socialista, que à sua conta administram nove das dezasseis Câmaras Municipais da Região e como tal dispõem — só eles — de outros tantos lugares na Comissão Regional de Turismo o órgão colégio eleitoral da RTA, Filize Madeira, o presidente cessante neste momento em Estrasburgo, também não esteve presente. A falta dos socialistas ficou a dever-se ao facto de discordarem da tomada de posse, dado o envolvimento judicial do novo «patrão» da RTA.

Aliás, a Federação Distrital do PS deverá assumir dentro de dias nova posição pública sobre o assunto — revelou em Faro uma fonte socialista

### «O Algarve é diferente»

«Neste momento, e tendo em consideração a extrardinária concorrência dos países da bacia do Mediterrâneo, com oito milhões de camas, contra 220 mil existentes em Portugal, a aposta só pode ser na qualidade», disse o novo «patrão» da RTA.

Segundo Horácio Cavaco, os duzentos quilómetros de costa, a qualidade dos trabalhadores portugueses, a hospitalidade das nossas gentes e a qualidade dos equipamentos e do meio ambiente», constituem os ingredientes necessários para que o Algarve seja diferente e melhor na qualidade.

No seu discurso, o presidente da RTA, defendeu uma maior profissionalização do organismo que passou a dirigir pelo facto de o Algarve ser um dos destinos mais apetecidos pelos operadores europeus de países onde o turismo atingiu padrões elevados de desenvolvimento e qualidade.

No seu plano de intenções o novo presidente da RTA defende um plano de desenvolvimento regional que dê ao turismo o lugar que lhe pertence, sem o qual «a actividade continuará a processar-se indisciplinadamente.

Horário Cavaco entende que se deve considerar o turismo como «sector prioritário» do desenvolvimento regional e manifesta-se pronto a assumir os poderes da descentralização administrativa, tendo em vista a criação no futuro da Região do Algarve.

A concluir, Horáco Cavaco afirmou que gostaria de ver «um Algarve turístico em que numa ambiência fraterna se trate cada turista como um amigo e onde, simultaneamente, os algarvios se sintam mais na sua terra e os portugueses mais no seu país».

O novo presidente da RTA manifestou-se ainda «ferido» com a controvérsia gerada em torno da sua eleição, afirmando que continuará a ser «o cidadão e o profissional que sempre conheceram».

*Licínio Cunha na posse de Horácio Cavaco*

# Falar em turismo não é falar apenas no Algarve

Licínio Cunha afirmou ontem em Faro que o turismo algarvio não é só uma questão dos algarvios, mas também «uma questão do País», impondo-se o empenhamento de todos os responsáveis face à sua situação e perspectiva. O secretário de Estado do Turismo adiantou ainda — reafirmando números há dias citados pelo Primeiro-Ministro na sua «operação» da Costa do Estoril — que as receitas turísticas deverão atingir este ano os 240 milhões de contos.

Na óptica de Licínio Cunha, o turismo algarvio «é razão de ser do turismo português e cujos êxitos ou inêxitos o são também do turismo nacional».

Por isso, disse que aquele governante às «contradições e desequilíbrios» que o caracterizam têm de constituir o centro das atenções e preocupações, quer do Estado, quer dos órgãos do Poder Local e Regional.

O turismo no Algarve, segundo o secretário de Estado revela, por um lado, «um dinamismo e uma capacidade de atracção que são garantia de um futuro ainda mais promissor», mas, por outro, «são evidentes os desgastes provocados por um crescimento desordenado e desajustado que comprometem esse futuro».

Licínio Cunha reconheceu que, no Algarve, «existem desequilíbrios em que proliferam os negócios paralelos, ou mesmo clandestinos, e graves distorções e carências».

Contudo, acentuou que «o Algarve ainda está longe de esgotar as suas capacidades e potencialidades, constituindo uma das melhores e mais válidas reservas turísticas da Europa».

A solução para os problemas com que se defronta, actualmente, o sector na Região, passa — segundo o secretário de Estado — pela elaboração de um «plano de aproveitamento turístico», que, «nascido da vontade e dos compromissos regionais, garanta que o crescimento desordenado dê lugar ao desenvolvimento ordenado».

Esse plano garantiria ainda que «a destruição do ambiente fosse substituída pela preservação dos valores naturais, que a ganância cedesse à moderação e que o legítimo anseio do lucro e subordinasse aos interesses colectivos».

Licínio Cunha manifestou-se também preocupado pela «concentração da procura turística do Algarve no mercado inglês» que, em sua opinião, «ultrapassou o grau da razoabilidade».

### Sinais de quebra do poder de compra

O secretário de Estado do Turismo disse ainda em Faro que as receitas turísticas deverão atingir este ano os 240 milhões de contos, confirmando números referidos por Cavaco Slva.

Licínio Cunha, ao falar na posse do novo presidente da Região de Turismo do Algarve, salientou que este valor corresponde a entrada de cerca de 13 milhões de estrangeiros prevista para este ano, em Portugal.

O secretário de Estado preveniu, no entanto:

«Começam a ser evidentes os sinais de uma quebra da capacidade de compra dos turistas que nos visitam», disse Licínio Cunha que criticou os que consideram «que temos turistas mais, quando seria mais correcta a afirmação, de que passamos a ter qualidade a menos».

Em sua opinião, «os problemas mais agudos do turismo português situam-se fundamentalmente no lado da oferta», acentuando que a política a seguir deverá ser no sentido de criar condições para a transformação qualitativa do turismo nacional.

Só neste quadro será possível «garantir que a competitividade externa e interna se baseie na qualidade e não na prática de preços baixos», que, disse ainda o secretário de Estado, se é atractiva para os grandes operadores internacionais, não garante a conveniente remuneração dos factores produtivos».

Os primeiros passos para inverter a actual situação foram segundo Licínio Cunha, lançados com a aprovação do Plano Nacional de Turismo, com a criação de novos esquemas de apoio financeiro e com a aprovação da nova legislação sobre o alojamento turístico.

O passo seguinte — acrescentou — será «da criação de esquemas de incentivos de base regional», que, podendo vir a beneficiar de apoios financeiros da CEE, permitirão orientar os investimentos no sentido de um melhor o ordenamento da oferta.

*Medidas contra os nossos emigrantes*

# Federação Europeia do PS critica "inacção do Governo"

A Federação do Partido Socialista da Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) e Inglaterra criticou o Governo português e a secretária de Estado das Comunidades, Manuela Aguiar, pela sua inacção face às medidas consideradas discriminatórias, para os emigrantes portugueses, no quadro da CEE em que nos inserimos. Recorde-se que o «DL» foi o primeiro órgão da Comunicação Social portuguesa a alertar para os inconvenientes da legislação contra os emigrantes, aprovada na Assembleia Nacional francesa por proposta de Chirac.

A Federação Socialista Portuguesa daqueles quatro países europeus considera — segundo um comunicado ontem tornado público — que os emigrantes portugueses radicados em alguns países europeus estão a ser vítimas de medidas discriminatórias sobre emprego, direitos especiais, contribuições fiscais, estadia e assistência.

O secretariado daquela federação reuniu em Roterdão com os coordenadores dos núcleos do Partido Socialista na Holanda, Luxembrugo, Bélgica e Inglaterra.

Na reunião foi analisada a actual situação política em Portugal e na emigração e manifestado total apoio ao plano de acções imediatadas do PS português — refere o comunicado.

O Governo de Cavaco Silva foi acusado «de fomentar a desigualdade entre emigrantes e de não saber defender os interesses legítimos dos trabalhadores portugueses no estrangeiro» com iniciativas como as alterações legislativas referentes às contas dos emigrantes, aos empréstimos e respectivas taxas de juros.

«É um escândalo que o Governo minoritário do PSD tenha despedido injustamente professores da língua e cultura portuguesas no estrangeiro», acrescenta o comunicado da Federação.

### Menos problemas na terceira geração

Os problemas que se põem presentemente aos emigrantes «serão menores quando chegarmos à terceira geração da população emigrante», disse hoje Georgina Dufoix, deputada da Assembleia Nacional francesa.

Georgina Dufoix, que falava no primeiro ciclo de conferências sobre emigração, «Na Europa Hoje», que decorreu até esta tarde na Sala de Leitura do Passadiço, pertenceu ao Governo francês em 1982.

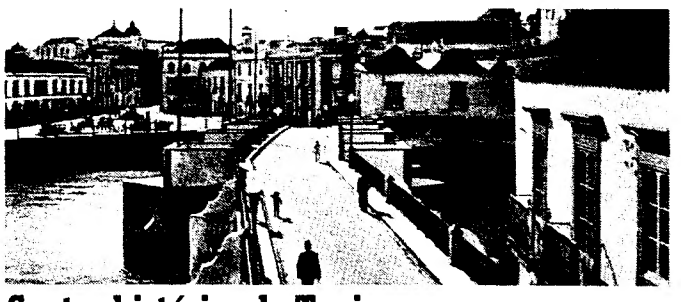
«Os problemas de integração social e cultural que se puseram aos primeiros emigrantes não surgiram já com tanta intensidade aos emigrantes da segunda geração. Isto leva-me a pensar que a terceira geração estará completamente integrada no país para onde foram os seus pais e avós e que não terá os mesmos problemas», defendeu.

Analisando a «segunda geração da emigração», a deputada francesa afirmou que «estas populações procuram saber quem são os seus antepassados e como viveram, para viverem de uma forma diferente».

A problemática da emigração — afirmou Georgina Dufoix «tem no domínio político, o seu campo de acção preferencial. As respostas à emigração podem ser de ordem religiosa, metafísica, social, cultural, etc. Mas o campo onde podemos agir é na política», acrescentou.

Sobre a política de emigração, Georgina Dufoix disse que os emigrantes «têm de ser tratados como os naturais do país, num regime de igualdade. Caso contrário, dá-se legitimidade aos que pensam que a emigração não deve existir».

A deputada francesa defendeu que falar sobre emigração «é falar sobre os problemas de várias gerações, vários tempos e vários homens».



# Centro histórico de Tavira: reabilitação é tema de exposição

Uma exposição sobre o trabalho de reabilitação do Centro Histórico de Tavira é inaugurada amanhã, dia 12, na «Casa das Artes» daquela cidade algarvia, permanecendo aberta ao público até ao fim do corrente mês de Setembro.

Esta exposição resulta, afinal, da publicação do plano para o Centro Histórico de Tavira com a análise da cidade a as propostas para a sua reabilitação, acompanhada de um conjunto de fotografias e documentos da autoria dos arquitectos lisboetas Carlos Duarte e José Lamas, a cujo atelier foi encomendado os respectivos estudo e elaboração. A iniciativa da elaboração do plano foi da Direcção-Geral do Equipamento Regional e Urbano e da Câmara Municipal de Tavira.

Cumulativamente com a exposição serão realizadas visitas guiadas ao Centro Histórico, a primeira das quais, conduzida pelo arquitecto José Lamas, se efectua no sábado, dia 13.

A exposição está patente ao público diariamente entre 18 e as 20 e as 22 e as 24 na «Casa das Artes», novo espaço cultural e artístico que a cidade viu abrir por iniciativa de um médico e de um advogado tavirenses, os irmãos Delgado Martins, que embora de há muito radicados em Lisboa pretendem deste modo contribuir para o progresso da sua terra.

*Ontem, na 187.ª sessão do julgamento FUP/FP-25*

# Onze testemunhas abonaram dois réus

**Onze testemunhas consideraram ontem no Tribunal de Monsanto que os réus do caso FP-25 João Rola e Jorge Pereira da Silva seriam incapazes de participar em quaisquer actos terroristas.**

Na 187.ª sessão do julgamento, quatro testemunhas abonatórias falaram do seu conhecimento da personalidade do réu João Rola, homem de 29 anos, pescador na Afurada, Vila Nova de Gaia.

«Não era de direita, não era socialista, talvez fosse comunista, mas não sei, nem sei se era da FUP» — explicou um amigo do réu, Adelino Gonçalves.

João Rola foi presidente do Sindicato dos Pescadores do Norte e, disse uma testemunha, «por vezes era até demasiado passivo».

«Chegou a haver zaragatas lá na terra e ele até foi maltratado, mas levava tudo a bem» — comentou.

O bom comportamento moral e cívico e a afabilidade no convívio social de João Rola foi também atestado por António Morais de Oliveira, presidente da Junta de Freguesia da Afurada e por Manuel Correia Coutinho, tesoureiro do Sindicato dos Pescadores do Norte.

Sobre o réu Jorge Pereira da Silva, 33 anos, empregado de café, residente na Cova da Piedade, Almada, testemunharam, entre outros, um primeiro-sargento, um agente comercial e um funcionário de Finanças. Todos se pronunciaram no sentido de demonstrar o bom carácter do réu, afirmando que na Cova da Piedade ninguém acredita que pudesse pertencer às FP-25.

Na sessão de ontem prestou declarações igualmente uma declarante, Efigénia Torres, que se limitou a dizer ter ouvido o ruído da explosão de uma bomba colocada na dependência bancária frente a sua casa, nas Caldas da Rainha. Não se lembrava do ano em que tal ocorreu e, quanto aos motivos, ouviu dizer «que foi por qualquer coisa relacionada com a Marinha Grande». Porém, nada mais poderia adiantar, pois «quase não leio jornais nem vejo televisão» — confessou.

O advogado de Hélio Salgueiro requereu, por sua vez, no início da sessão, que o o réu fosse transferido de urgência para o hospital-prisão de Caxias, por súbita indisposição. O Tribunal deferiu o requerimento, mas exigiu a apresentação, no prazo de cinco dias, de um relatório médico justificativo.

# Residência destruída pelo fogo em Coimbra

O fogo destruiu ontem, em Bordalo, subúrbio de Coimbra, as instalações e recheio de uma casa habitada por Ana Maria Pereira Duarte. Um curto-circuito esteve na origem do sinistro que não causou vítimas.

# Morta à punhalada pelo marido em Queijas

Em Queijas, nos arredores de Lisboa, um operário da construção civil, Delfim Pires, de 50 anos, assassinou, na madrugada de ontem, à punhalada, a mulher, de quem estava separado há meses, Maria da Saudade Simões da Silva, de 48 anos, natural de Soure. O crime ocorreu na casa que a vítima ocupava com uma filha do casal, na Rua António Nobre, daquela localidade do concelho de Oeiras. O homicida, que se embriagava com frequência, tem um passado aventuroso, com passagem pela Austrália, França e África do Sul.

# Mineiro português vitimado em Espanha

Um mineiro português, José Albano da Cunha Teixeira, de 31 anos, morreu ontem ao ser atingido por um desprendimento de carvão na mina espanhola de San António, em Torre del Bierzo, na província de Leon. O extinto residia na localidade de Bembirre, sendo casado e deixando dois filhos órfãos.


**BEJA**
**RECHEIO DE RESIDENCIAL**
**INVULGAR**

**LEILÃO**

**AMANHÃ, ÀS 15 HORAS**

**NA RUA DE ST.º ANTÓNIO, N.º 1 – 7800 BEJA**
**(Residencial situada em frente do Museu, por cima do Montepio Geral e ao lado do Teatro PAX JÚLIA)**

POR MOTIVO DE CESSAÇÃO DE ACTIVIDADE E POR ORDEM DO EXMO. PROPRIETÁRIO, SERÁ VENDIDO TODO O RECHEIO DOS 3 ANDARES, DA EX-RESIDENCIAL COELHO, **PELA MAIOR OFERTA E SEM BASE DE LICITAÇÃO**, E QUE CONSTA DO SEGUINTE:

Mobiliário em Mobílias completas de Sala de Jantar e Quartos, Móveis soltos, tais como, Estantes, Cómodas, Side Boards, Armários bar e de entrada, Jogos de Maples, Sofás e Maples soltos, Secretárias, Mesas de centro, de refeições e de cozinha, Camas de Casal e de pessoa, de estilo, modernas e em Ferro, Mesas para T.V. e vídeos, Cadeiras, Arcas, Mesas de Cabeceira, Divãs Forrados a napa, Cand. de tecto, chão e mesa, Quadros, Santas e galerias com cortinados, Relógios de parede, de mesa e de cozinha, Porcelanas e Faianças, interessante conjunto de Cristais em Serviços e peças soltas, casquinhas, alguns electrodomésticos, como sejam T.V. a cores e preto e branco. Máqs. de roupa e louça, Vídeo, Esquentadores, Fogão, Aspiradores, Ventoinhas, Auto-Rádios, Rádios relógio, idem c/AM e FM e de bolso, Auscultadores, Telefones com memória, Secadores de Cabelo, Ferros eléctricos, Exaustores, Grelhadores, Batedeiras, Lanternas de bolso, Fogão de campismo, etc., objectos de brinde e oferta, sanitários em louça e esmalte, cobertores, cobertas, lençóis, fronhas e almofadas, algumas ferramentas para a construção civil, tais como Pás, Picaretas, Forquilhas e diversa sucata de Ferro e Aço, além de muitos lotes de difícil discriminação.

**AUTOMÓVEL VOLKSWAGEN 1300**

**EXPOSIÇÃO: Amanhã (dia do Leilão) das 10 às 13 horas**

*Trimara Eborense*

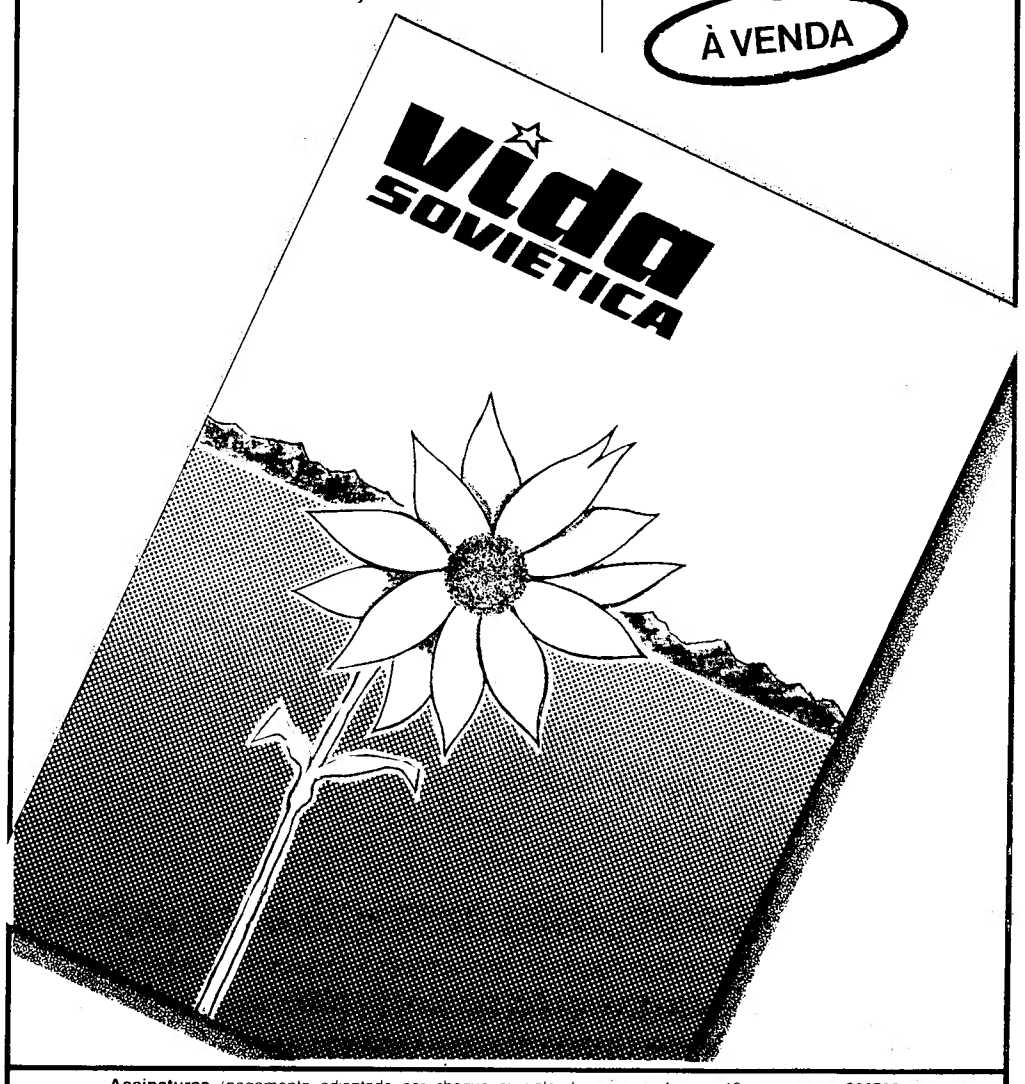
**SEDE / LOJA** RUA DR. JOAQUIM HENRIQUE DA FONSECA, 12-A
7000 ÉVORA – Telef. 24615
**ESC.: AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1-3.º DT.º – T / 547359 – 1000 LISBOA**



**O COMPLEMENTO NECESSÁRIO DA SUA INFORMAÇÃO**

**LEIA NO NÚMERO DE SETEMBRO:**
- **UMA CASA NO CAMPO**
  Será um luxo?
- **A escola a partir dos 6 anos**
- **KAMTCHATKA**
  Terra de vulcões

**À VENDA**




**Assinaturas** (pagamento adiantado por cheque ou vale de correio): 1 ano (12 números) — 200$00 • 2 anos (24 números) — 350$00 • 3 anos (36 números) — 500$00 • Preço de capa — 50$00
• **Distribuição, assinaturas e vendas de números atrasados:** Central Distribuidora Livreira (CDL) — Avenida Santos Dumond, 57, 2.º — 1000 Lisboa • 77 98 25 - 77 98 28

*Pastagens têm ocupado as zonas de floresta*

# Cheias são a factura dos Açores pela desarborização das ilhas

**As cheias que se registaram em algumas ilhas dos Açores na última semana têm a ver com a desarborização do arquipélago em favor do crescimento das zonas de pastagens. Esta afirmação foi feita à Anop por um responsável do Serviço de Protecção Civil da Região Autónoma que adiantou outra causa para o fenómeno: a falta de empenho da população insular em desobstruir as ribeiras.**

A declaração do responsável pela protecção civil corrobora um alerta lançado há dois anos pela Direcção Regional da Agricultura que classificava de «preocupante» o índice de revestimento florestal dos Açores.

Os dados deste departamento governamental então fornecidos denunciavam um estado de desequilíbrio assinalável: apenas 10 por cento da superfície dos Açores era revestida de floresta.

Tal situação «é preocupante na medida em que somos um arquipélago de nove ilhas, sujeito a condições climatéricas difíceis e instáveis», dizia a Direcção de Agricultura num documento divulgado em 1984.

No caso insular a floresta assume um papel fundamental «na protecção dos solos, na regularização dos caudais das principais linhas de água, na manutenção dos recursos hídricos e no abrigo de terrenos de cultura agrícola e pastagem», argumentava-se então.

O abate de árvores e substituição de matas por pastagens fez com que a capacidade de infiltração dos terrenos insulares diminuisse ao ponto de chuvadas habitualmente canalizadas pelas tradicionais linhas de água fazerem actualmente transbordar as ribeiras, dando lugar a inundações como as espectaculares cheias verificadas nos últimos dias nos Açores.

Os dados da Direcção Regional da Agricultura referenciavam em 1984 como áreas de matas apenas 22.655 dos 232.072 hectares dos terrenos que constituem a superfície das nove ilhas.

Quando chove intensamente sobre as ilhas é vulgar ver-se no mar à sua volta áreas consideráveis de águas lamacentas, o que denuncia, disse à Anop o responsável da protecção civil, outro problema da desarborização: a erosão dos terrenos, cada vez mais pedregosos, principalmente em altitude.

Endurecidos pela escassez de chuva nos meses de estio, os terrenos de pastagem vêem a sua capacidade de infiltração reduzida e a água não infiltrada em vastas áreas escorre para os leitos das ribeiras não dimensionadas para dar vasão a tais caudais.

A história dos Açores regista enchurradas confirmando o adágio popular local «em Setembro secam fontes ou caem pontes», mas a sua frequência e espectacularidade tem sido ultimamente agravadas.

Três mortos, um desaparecido, estragos estimados em mais de um milhão de contos são o balanço das cheias verificadas na semana passada na ilha de S. Miguel e no fim-de-semana nas ilhas Terceira, S. Jorge, Pico e Faial.

### Enchentes também nas cidades

Embora as zonas rurais tenham sido as mais atingidas pelas enchentes, os principais centros urbanos dos Açores — Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta — não escapam a este tipo de sinistro.

Aí o não escoamento rápido das chuvas deve-se, em parte, às obsoletas redes de esgotos, segundo o responsável da protecção civil contactado.

Sargetas entupidas aliadas a deficientes redes de drenagem de águas fazem com que a torrente atinja rapidamente níveis capazes de inundar as habitações.

Tal aconteceU, por exemplo, domingo na Horta, onde o nível de água atingiu na via pública da zona baixa da cidade 1 metro de altura.

Os efeitos das cheias nos Açores fazem-se sentir sobretudo na rede viária, provocando a queda de pontes e a destruição de vias que, em alguns casos, deixam isoladas povoações.

Casas destruídas e recheios danificados constituíram outras das consequências das cheias da última semana que semeou o pânico e o sobressalto na população insular.

Este tipo de sinistro vem juntar-se à continuada ameaça com que vivem os 250 000 habitantes dos Açores de crises sismo-vulcânicas.

As cheias do passado fim-de-semana no grupo central dos Açores criaram, por exemplo, aos habitantes das ilhas Terceira e S. Jorge a contigência de, ainda não completamente terminado o processo de reconstrução subsequente ao terramoto de 1980, se verem a braços com novas destruições.

Se é um facto que as intempéries são inevitáveis é possível criar condições para diminuir os seus efeitos. No caso dos terramotos, construindo em obediência às normas anti-sísmicas e, no caso das cheias, melhorando o sistema de escoamento de águas pluviais e garantindo o equilíbrio ecológico, comentou o responsável pela protecção civil ouvido pela Anop.

O problema da rearborização das ilhas faz parte dos programas de investimento do Governo Regional que tem em implementação um sistema de incentivos à plantação de matas e projectos próprios.

Algumas destas iniciativas constituem áreas para as quais foram requeridos financiamentos da CEE, nomeadamente no âmbito da pré-adesão.

## Operário da SAPEC apareceu morto em Setúbal

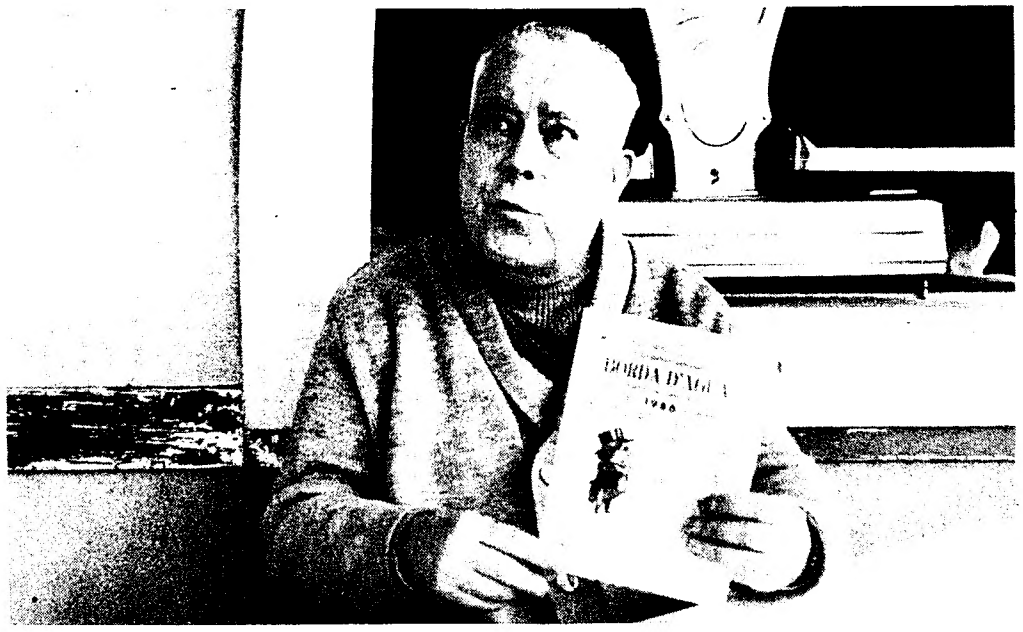
Ao fim da tarde de ontem, um operário da Sapec foi encontrado morto nas instalações sanitárias daquelllla empresa, em Setúbal. Trata-se de Arménio da Silva Santos, de 64 anos, natural do Cartaxo, tudo indicando estar-se perante um caso de doença súbita. O cadáver foi transportado para a morgue do cemitério local, a fim de ser autopsiado.

## Assassinou o irmão que lhe censurou o namoro

- Uma rapariga de 19 anos matou a tiro o irmão, após este lhe haver censurado o namoro encetado recentemente. A tragédia ocorreu ontem em Tapadinha, no concelho de Fundão, tendo Margarida Ferreira alvejado Joaquim da Silva Ferreira, de 23 anos, casado, com um projeĉtil de uma pistola em situação ilegal. A homicida foi detida pela GNR.

## Estudante de Azeitão ingeriu veneno para ervas

Um estudante de treze anos, residente em Azeitão, ingeriu ontem uma quantidade elevada de veneno para ervas, tendo dado entrada em estado grave no Hospital de Setúbal. De momento não são conhecidas as causas que levaram Carlos Manuel Santos Coutinho a tomar aquele produto tóxico. Esta manhã o jovem ainda se encontrava na Unidade de Cuidados Intensivos do hospital.



*Artur Augusto de Campos, o popular «Borda d'Água»*

# Morreu o homem do "Borda d'Água"

Era um homem popular, primeiro logo neste Bairro Alto onde desenvolvia a sua actividade diária, depois porque tinha uma audiência nacional e razoavelmente constante, através do seu «Verdadeiro almanaque Borda d' Agua». Morreu ontem, Artur Augusto de Campos, com 72 anos, alma daquela publicação, ele que desde há 36 anos mantinha uma informação constante e útil sobre marés e ocasos, tempos de sementeiras e horas de nascer o sol. Morreu, vai hoje a enterrar, pelas 15 e 3O, da igreja da Encarnação para o cemitério do Alto de S. João, mas deixou pronto o seu «almanaque» para o ano que vem, que a vida tem ciclos certos, o nascer tem ocasiões propícias, o fim depende. Morreu mas, pelo menos por mais um ano, os seus conselhos no «almanaque» perdurarão, assinados pelo «velhote da cartola». Depois, pelo menos o título «Borda d' Agua» ficará, a lembrar que o seu ciclo se cumpriu.

## DE FUNDO / ARTIGO

**Mário Castrim**

*A locutora de continuidade anuncia uma peça de André Brun, a rimar com fartum. Nada a dizer, se tal pronúncia estivesse «oficializada». Mas está. Apelido francês, quem o conhece. O que, de certeza, não acontece com a tal locutora. Ah, esta juventude, um espanto! Ah, estes profissionais, um espanto! Ah, esta Televisão, um espanto!*

**2**

*Aquele presidente de Câmara falou em* **exodo,** *como palavra grave.*
*Primeiro, não conhece o antigo testamento, o que é mau.*
*Segundo, não obedece à sinalização gráfica, o que é indesculável.*
*Terceiro, felizmente que é só presidente de um concelho. Se fosse membro do Governo, falaria pior. O que é frequente.*

**3**

*Vários locutores do Porto (vejam lá vocês tinham fama de falar bem!) referem-se aos problemas da pesca que, segundo eles, desta vez afectam o* **lingueirão.** *O que está em causa não é a ausência de trema sobre o* **u,** *mas a ausência de cultura e de experiência.*
*Experimentem uma boa arrosada de lingueirão! Mas peçam com trema, se não o cozinheiro prega-lhes com um estufado de língua de vaca.*

**4**

*O play-off é expressão que parece querer entrar na roda. Por favor, gente lúcida dos desportos, cortem-lhe as vasas enquanto é tempo.*

**5**

*— O emprego de expressões estrangeiras só quando de todo em todo não pode deixar de ser. Fora isso, fique bem claro que o emprego escusado de uma palavra bárbara deve entender-se como uma traição.*
*Comentadores desportivos da Televisão, vejam a responsabilidade que lhes cabe. Para quê o* **pressing,** *o* **forcing?** *Para quê, como ainda ouvimos numa noite destas, o ridículo «slow motion»?*

**6**

*Ainda com direcção para o sector desportivo e também para o locutor-base do* **Telejornal: ênfase** *é feminino. «Aquela ênfase apocalíptica» de que nos falava Ramalho Ortigão...*

**7**

*Já agora, e para terminar por hoje a minha actuação, como dizem os cançonetistas da velha guarda, aí fica a minha contribuição para o anedotário da televisão.*
*Há dias, uma locutora que me abstenho de nomear (e depois dizem que sou mau!) anunciou para o segundo programa um recital com a violoncelista Guilhermina Súguia...*
*Sugue-a o inferno, sugue-a, que é bem feito!*

## Município da Amadora faz sete anos

# Transformar o caos em cidade aprazível

Manuela Alves

**Ao receber esta tarde a Chave de Ouro da Cidade da Amadora, o Presidente da República assinalará um acto de duplo significado na história da cidade: a comemoração do sétimo aniversário da passagem da antiga vila do concelho de Oeiras a cidade e município e a primeira visita oficial de um Presidente da República ao município da Amadora.**

A entrega deverá ser feita durante a sessão solene nos Paços do Concelho em que, além de Mário Soares, deverão usar da palavra o presidente da Câmara da Amadora e o presidente da Assembleia Municipal.

Em seguida, o PR será convidado a inaugurar o monumento ao bombeiro — em que se destaca uma escada magirus estilizada — numa praça sem nome da cidade da Amadora.

Porquê um monumento ao bombeiro e uma praça sem nome?

O presidente da CM, engenheiro agrónomo, de 43 anos, Orlando de Almeida, que há sete anos ocupa a presidência da Câmara, explica:

— Desde que foi criada, a Câmara Municipal da Amadora tem acarinhadfo sempre os bombeiros, soldados da paz que têm um papel tão importante e arriscado. Temos na cidade uma única associação de bombeiros, a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Amadora e também por isso o nosso reconhecimento vai para ela. Prova ainda do nosso reconhecimento foi a verba de 28 mil contos com que a CM apoiou aquela associação humanitária no ano corrente.

Esta verba permitiu aos bombeiros voluntários da Amadora a aquisição de uma auto-escada e de uma ambulância a que deram oo nome de «Poder Local». O projecto de construção de um novo quartel está pendente do Ministério da Administração Interna, onde a CMA entregou em Fevereiro de 1985 o requerimento para expropriar, por utilidade pública, o terreno ocupado por um armazém onde deverão erguer-se as novas instalações.

Quanto à praça sem nome, o presidente do município explica ainda.

É uma praça (outrora um terreno baldio) que fica no cruzamento da Avenida General Humberto Delgado e a Estrada da Falagueira. Não tem nome, e para nós é difícil dar-lhe nome, até devido à numeração dos edifícios dessas duas artérias, mas será com certeza, conhecida futuramente pela Praça do Bombeiro Voluntário. Esta praça é fruto de sucessivas más urbanizações de que a Amadora foi vítima em tempos idos, sem que as autoridades interviessem.

O engenheiro Orlando de Almeida comenta que um dos factores de maior peso que presidiram à criação do município da Amadora foi a necessidade premente de instituir uma autoridade local que pusesse alguma ordem no caos desta antiga vila-dormitório, onde o casario crescia desordenadamente, segundo os interesses de especuladores imobiliários e construtores civis.

### Fazer do caos um local aprazível

—Tornar a cidade aprazível mediante a criação de melhores condis de vivência da sua população é o nosso principal objectivo e aquela para que qualquer Câmara Municipal deve estar vocacionada — afirma o presidente da CMA — Para melhor atingirmos esse objectivo, uma equipa de técnicos da Câmara está a elaborar desde há dois anos os estudos preparatórios do Plano Director do Município. Esses estudos são o Plano Negativo/Plano de Salvaguardas já aprovado pela Câmara e pela Assembleia Municipal e os Estudos Sumários de Planeamento, também já concluídos. O Plano Director será um instrumento fundamental para um mais correcto e mais racional aproveitamento do espaço em que a cidade pretende viver.

— Sendo assim, parece que devia ter sido o primeiro passo a dar pelos responsáveis da Câmara, há sete anos.

— E foi, de facto, mas não conseguimos concretizá-lo mais cedo devido à composição política desta Câmara que começou por ter quatro vereadores APU em 11; deepois passou para cinco e agora temos seis. Começámos por ter dificuldades de contratar uma equipa de técnicos que viesse elaborar o Plano Director. Foram abertos concursos, mas a Câmara rejeitou sucessivamente todas as propostas de adjudicação. Resolvemos então recorrer aos nossos próprios serviços e técnicos e é essa equipa que está actualmente a trabalhar. Entendemos também que o plano director tem de ser participado pela população, para não ser um plano apenas de gabinete e ultrapassado.

Os Estudos Sumários de Planeamento sintetizam a caracterização técnica do concelho da Amadora, sendo os temas em análise os seguintes: caracterização biofísica; estrutura demográfica e povoamento: estrutura económica. Actividades económicas; caracterização do parque habitacional; síntese da actividade municipal na área de habitação; síntese da actividade municipal na área dos bairros clandestinos; transportes; urbanismo; património; estrutura funcional; equipamentos; saneamento básico; caracterização e evolução do investimento municipal e síntese global da actividade municipal.

O Plano de Salvaguardas divide-se em dois capítulos: o que se deve evitar na expansão urbanística e protecção da paisagem e do património.

Nele são estudadas as seguintes questões: áreas não urbanizáveis; áreas parcialmente protegidas; património histórico e arquitectónico; instalações especiais (objectos de protecção específica); protecção da paisagem natural; Reserva Agrícola, criada em 1982 e Reserva Ecológica Nacional, criada em 1983; Recuperação de Terras Degradadas e Pedreiras.

### Habitação problema magno

Na entrevista concedida ao «DL» a propósito da comemoração dos 7 anos da cidade e do

município da Amadora, o eng.º Orlando de Almeida falou de alguns problemas que afligem o seu concelho. O primeiro e maior é o da habitação, que se trata, de resto, de um problema de dimensão nacional, como sublinhou o presidente da CMA.

— Uma das grandes machadadas nos Direitos do Homem é a impossibilidade de acesso à habitação. No nosso concelho — afirmou o presidente da CMA — o problema da habitação é um problema magno: dezassete por cento dos habitantes da Amadora vivem em bairros clandestinos e 12 por cento em bairros degradados, num total de 50 mil pessoas. Praticamente todos os bairros clandestinos têm hoje equipas de urbanização que estudam o problema: quanto aos bairros de barracas, nalguns casos há terrenos expropriados, planos de urbanização elaborados, projectos executados, tudo à espera de financiamento. Por outro lado, há falta de habitação para casais jovens. Na Amadora constroem-se cerca de 2000 fogos por ano, as pessoas recorrem a linhas de crédito, mas as taxas so elevadas, nem a todos é possível essa solução. A Câmara Municipal da Amadora constroi para venda, a um preço bastante mais baixo (enquanto uma casa de três assoalhadas construída por uma empresa privada orça os 3000 contos, construídas pela Câmara, as mesmas três assoalhadas rondam os dois mil contos). Mas também é solução insuficiente. A sublocação é outro problema que afecta números famílias; a Câmara tem vindo a construir realojamentos indispensáveis a obras de equipamento. Quanto à nova lei das rendas, veio agravar o problema; a Câmara notificou já mais de um milhar de senhorios para execução de obras porque uma parte do parque habitacional está degradada. Mas a solução do fundo do problema passa pela elaboração e lançamento de um Plano Nacional de Habitação.

O problema do desemprego é outra questão que afecta grande parte da população da Amadora, que diariamente se dirige à Câmara Municipal, mas não pode encontrar aí solução.

Os salários em atraso são outro flagelo que a Câmara Municipal vive de perto, mas a que também não pode responder.

### Transportes e educação

Os Transportes, sobretudo ferroviários, são outro sector em que os direitos humanos da população da Amadora, não são acautelados, na opinião do presidente da Câmara Municipal. Além de os comboios constituírem nas horas ditas «de ponta», autênticos «cachos humanos», a linha férrea

Continua na pag. 10

Continuação da pág. 9

que atravessa a cidade, sem condições de segurança para os peões (as condições de segurança só foram acauteladas nas passagens de nível utilizadas por veículos) é uma fonte de acidentes.

—Ainda na semana passada, comentou o presidente da Câmara — duas pessoas foram atropeladas na passagem de nível mesmo aqui em frente. Um dos casos foi mortal.

O índice de acidentes é muito elevado. A Câmara mandou já elaborar um estudo para construção de uma passagem subterrânea para peões. Estudámos as condições de acordo com os interesses da CP, com vista a um melhor escoamento de tráfego. Os estudos têm sido acompanhados por técnicos da CP e da Secretaria de Estado dos Transportes, mas os sucessivos pareceres a que têm sido submetidos, que apontam sempre alterações, têm vindo a protelar as obras.

Quanto ao problema do parque escolar, sempre grave nas zonas em crescimento populacional, neste momento, diz Orlando de Almeida, não é muito grave.

—A situação era muito crítica em 1980 e por isso demos prioridade ao campo escolar. Nessa altura, foi lançado um programa de construção de escolas primárias para 124 salas, número que posteriormente subiu para 160. A essa obra juntaram-se arranjos exteriores e outros, orçando tudo um total de 300 mil contos; 30 mil foram aindam gastos em mobiliário e 1500 em material didáctico. No referente a esoclas preparatórias e secundárias, o Município cedeu ao Governo terrenos no valor de mais de 100 mil contos para construção das escolas reivindicadas pelas populações. Em 1980, havia já 6 novas escolas e em 1985, 14.

O presidente da CMA acrescenta que este foi um sector prioritário para o Município, embora nem mesmo no ensino primário seja da sua responsabilidade a construção de escolas.

—As autarquias são responsáveis pela manutenção das escolas do ensino primário e concessão de subsídios de limpeza e expediente, em alguma acção social-escolar e transportes escolares. Neste último caso, como o parque escolar está razoavelmente distribuído e as escolas ficam relativamente próximo das zonas de residência dos alunos não temos grandes despesas com os transportes escolares. O problema que se coloca nesse campo é com alunos de outros concelhos, cujo parque escolar não cresceu ao ritmo do nosso e têm de frequentar as nossas escolas. A esses nós pagamos os transportees, embora depois sejamos reembolsados pelas respectivas autarquias de residência. Pontualmente tem havido um ou outro problema, que mais cedo ou mais tarde se tem, resolvido.

O orçamento municipal destinado em 1986 ao Ensino Básico é de 81 800 contos para reparações, arranjos exteriores e conclusão de unidades: também este ano, os subsídios para manutenção e limpeza totalizam 2250 contos; para transportes escolares serão de 7500 contos e para suplementos alimentares, 20 mil contos.

No concelho da Amadora 2600 crianças precisam de suplemento alimentar. A Câmara distribui também a crianças carenciadas, equipamento contra a chuva, agasalhos e subsídios para material escolar. Isto apesar de o poder central não ter reforçado as verbas atribuídas às autarquias.

Continua na pág. 11

AGÊNCIA Salgado
FUNERAIS — TRANSLADAÇÕES
OS ÚNICOS AUTO-FÚNEBRES AUTOMÁTICOS
SEDE * 54 82 58
RUA ST.ª MARTA, 43 – LISBOA * 54 87 24
INFORMATIVO NOCTURNO 54 82 58 * 54 82 60 (Com Gravador)
LISBOA
FILIAIS
RUA BENEFICÊNCIA, 1/3 77 13 49
ESTR. BENFICA, 669/673 70 07 33
RUA DA ROSA, 17 32 42 57
GARAGEM
RUA ALM. BARROSO, 11 A 56 26 56
ALMADA
FILIAIS
AV. D. AFONSO HENRIQUES, 12-LOJA
RUA CAPITÃO LEITÃO, 91 * 276 7583
AV. ANTÓNIO J. GOMES, 6-R/C * 276 7583
COVA DA PIEDADE
AMORA
ESTR. NACIONAL, LT-A-R/C-E 224 0544
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO GÉNERO

HORTA & PÊGO, LDA.
ALARMES
SEGURANÇA ELECTRÓNICA
— MONTAGEM DE ALARMES SIMPLES E SOFISTICADOS
— REPRESENTANTES DOS ALARMES MARCAS: BOSCH-MACH-PHILIPHS
— AUTO-RÁDIOS: BLAUPUINKT PONTO AZUL E PHILIPHS
— BATERIAS TUDOR
OFICINA
Rua C — Lote 90-C Traseiras
Tel. 4947547 Casal de S. Brás
2700 AMADORA
ESCRITÓRIO:
Rua da Madalena, 8-1.°
Telefs. 86 52 91 / 86 34 33
1100 — LISBOA

Continuação da pag 10

—No ensino primário verificam-se ainda algumas zonas de ruptura nas zonas de barracas habitadas sobretudo por emigrantes das ex-colónias. A Câmara pôs à disposição do Ministério da Educação terrenos para construção de novas salas.

### Falta o hospital e aproveitamento completo do Centro de Saúde

No campo da Saúde, mantém-se o problema de subaproveitamento do Centro de Saúde, que funciona parcialmente há cerca de ano e meio.

Este Centro, foi construído pela Câmara Municipal por indicação do Governo. A autarquia entregou o edifício ao Governo em Junho de 1982 mas os 150 mil contos que a obra custou à CMA, ainda estão por pagar...

Outro ponto crítico neste sector é a ausência de um hospital.

—Creio que em qualquer estatística da Organização Mundial de Saúde uma localidade com 200 mil habitantes, que é o nosso caso, tem direito a um hospital local. De acordo com estudos governamentais — afirmou o presidente da CMA, a Amadora, Queluz, Massamá e Cacém constituem uma zona urbana que necessita de um hospital com 900 camas. Já pusemos terrenos à disposição do Ministério da Saúde para construção do hospital, mas o problema continua por resolver. Depois de muitos trabalhos, de conversações, de constituições e troca de pareceres, e projectos, finalmente em Agosto de 1982, a comissão interministerial nomeada para o assunto, apresentou-nos o projecto de construção de um óptimo hospital a construir no Restelo... Nós, autarquias, não pudemos, evidentemente aceitar tal «solução»... E a inexistência do hospital continua a custar vidas às nossas populações.

—Ainda uma última questão: a rede viária da Amadora parece bastante degradada em certos troços. Que tem feito que pensa fazer a Câmara Municipal?

—A rede viária da Amadora está envelhecida, nalguns casos precocemente, devido à má qualidade da construção das vias. Temos adquirido equipamento e temos vindo a intervir sistematicamente no sentido de recuperarmos e melhorarmos a rede viária.

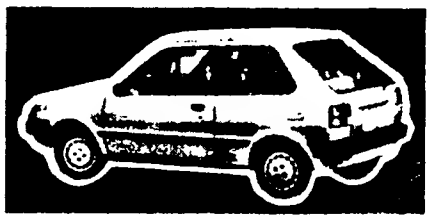
—Nem só de dificuldades e problemas o Município da Amadora regista, por certo, ao fim de sete anos, de existência. Alguma coisa, vos deve, entretanto ter corrido bem.

—O que nos corre bem é o reconhecimento da população pelo nosso trabalho, pois temnos recleito sucessivamente.

**BURACAUTO**

**OFICINA MECÂNICA, LDA**

*Gerência de: Manuel Costa*



BATE-CHAPA
PINTURA
MECÂNICA
ESTOFADOR
ELECTRICISTA

Reparações em autos
de todas as marcas
Especializado em DATSUN
☎ 97 87 89
R. 1º Maio, Lt. A-12-cv
BURACA - DAMAIA
(à Estr. Alfragide)

**PASTELARIA**
**ESTRELA DA BURACA**

Fabrico diário
Fornecemos Bolos
p/Casamentos
Baptizados
e Aniversários

**Visite-nos!**

Lg. Borges Carneiro, Lt-E-33/5-r/c-A
☎ 90 45 54 BURACA

**externato AMADIS**

Diurno / Nocturno
• Preparatório
• Unificado
• Geral
• Complementar
☎ *494 1145 *494 1399
Estr. Salvador Allende, Lt. 2
2700 AMADORA

**Centro de Enfermagem**
**BAIRRO JANEIRO**

*Aberto diariamente das 8 às 24 h incluindo*
*Sábados – Domingos – Feriados*
**Contratos para Consultas Médicas com vários organismos**
**Assistência Médica e Enfermagem no Centro e Domicílio**
**Análises Clínicas e Electrocardiogramas**
Av. D. Nuno Álvares Pereira, 43, 1.º-E
**Tel. 494 7601 – 2700 AMADORA**

**M. ALICE LEÃO**

Parteira - Enfermeira diplomada
Partos e Tratamentos de Senhoras

R. Baltazar Pereira do Lago, 56
AGUALVA - CACÉM ☎ 431 3227
FONTE DAS EIRAS

# Festas de Setembro prolongam-se até Outubro

**Embora o aniversário do munícipio seja a 11 de Setembro, o programa das comemorações começou em Agosto e prolonga-se até Outubro. Hoje, dia 11, além da sessão solene e inauguração do monumento ao bombeiro, são distribuídas várias medalhas municipais.**

Duas entidades, com mais de 75 anos de existência, a Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora (a mais antiga do município, com 108 anos) e a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Amadora, receberam a Medalha de Honra da Cidade; outras duas associações, com mais de 50 anos de existência, o Grupo Columbófilo da Amadora e o Clube de Futebol Estrela da Amadora, receberão a Medalha de Mérito Municipal de Ouro; a Medalha de Mérito Municipal de Prata será entregue a diversas entidades com 25 ou mais anos de actividade, entre elas o semanário «Notícias de Amadora».

Em Agosto, o programa de comemorações foi praticamente constituído por manifestações desportivas e exposições de pintura e desenho.

No programa de Setembro destacam-se, além das solenidades do dia 11, a realização da Feira do Livro, de 19 a 5 de Outubro, no Parque Delfim Guimarães.

A Feira será acompanhada de um programa de animação cultural com encontros com autores portugueses; exposição dos desenhos e textos originais do livro «A Cidade», nas instalações do BNU; recitais de música e poesia, espectáculo com Janita Salomé e Grupo Coral da SFRAA (dia 26 às 21 horas), pintura de um painel pelo Grupo Artever e Associação dos Gravadores da Amadora e «Feirarte» nos fins-de-semana.

Manifestações desportivas, entre elas o torneio de pólo aquático (na piscina municipal da Reboleira) «Cidade da Amadora» torneio de xadrez, um curioso torneio de «Futebol silêncioso» no próximo dia 20, no Parque Central; e um desfile de concertos de bandas pelas ruas da cidade da Amadora no próximo dia 21, às 15 horas, constituem o programa de Setembro.

O programa de Outubro tem um forte cariz cultural: 2º ciclo de Música Moderna com 12 bandas, até 5 de Outubro; festival de

# 7.º Aniversário do Município da Amadora

## *Programa das comemorações*

### *11 de Setembro*

- Sessão solene nos Paços do Concelho, às 17 horas.
- Concurso de montras de 11 a 15 de Setembro: Ano Internacional da Paz é tema livre
- Pára-quedismo no Parque Central
- Ateliers lúdo-expressivos: 10 h na Mina (Parque Central), 15 h na Venteira (Delfim Guimarães)
- II Encontro com a Arte: pintura e desenho (Quinta do Tivoli, 21 h)

### *12 de Setembro*

- Pólo aquático: Torneio «Cidade da Amadora» (Piscina Municipal da Reboleira, 17 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães, a partir das 15 h

### *13 de Setembro*

- Espectáculo para a juventude: com Rádio Macau, *show* de raios *laser*, Tó Neto e grupo de dança (Parque Central/lago, às 21 h)
- Pólo aquático Torneio «Cidade da Amadora» (Piscina Municipal da Reboleira, 9 h e 15 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães, a partir das 15 h
- II Encontro com a Arte: escultura e pintura (Quinta do Tivoli, 21 h)

### *14 de Setembro*

- Cicloturismo: Volta à Amadora (partida 10 h e chegada junto à CMA)
- Pólo aquático: Torneio «Cidade da Amadora» (Piscina Municipal da Reboleira, 9 h)
- Torneio de Xadrez (P. Delfim Guimarães, apuramento às 10 h e final às 15.30 h)
- Torneio de Tiro aos Pratos (campo de tiro do SF Damaiense, 10 h)
- Demonstração de Karaté (Parque Central, 16 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães, a partir das 15 h)
- II Encontro com a Arte escultura e pintura (Quinta do Tivoli, 21 h)

### *19 de Setembro*

- Abertura da Feira do Livro no P. Delfim Guimarães
- Inauguração da Exposição da Actividade Municipal (P. Delfim Guimarães, 21 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães a partir das 15 h
- Esplanada de Verão com o Quinteto Xis (Quinta do Tivoli, 21 30 h)

### *20 de Setembro*

- Torneio de Futebol Silencioso com equipas da Amadora, Lisboa, Almada e Barreiro (Parque Central, 10 h e 17 h)
- Ténis de Mesa: Torneio «Cidade da Amadora» (Sede do CR B.º Janeiro, 9 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães a partir das 15 h
- II Encontro com a Arte: colagem, gravura e pintura (Quinta do Tivoli, 21 h)
- Esplanada de Verão com o Quarteto de David Gandsen (Quinta do Tivoli, 21.30 h)

### *21 de Setembro*

- Desfile e concerto de bandas pelas ruas da cidade, às 15 h
- Corrida de carros de esferas (Av. D José I – Reboleira, às 9 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães a partir das 15 h
- II Encontro com a Arte: colagem, gravura e pintura (Quinta do Tivoli, 21 h)

### *22 de Setembro*

- Futebol de Salão apuramentos do Torneio inter-freguesias até 29 de Setembro
- Basquetebol Torneio de iniciados masculinos (Parque Central, 19 h e 20 h)

### *23 de Setembro*

- Basquetebol: Torneio de iniciados masculinos (Parque Central, 19 h e 20 30 h)
- Basquetebol. Torneio internacional de juniores femininos (Parque Central, às 10 h e Pav. Municipal da Venteira, às 20 h)

### *24 de Setembro*

- Basquetebol: Torneio internacional de juniores femininos (Parque Central, às 10 h e Pav. Municipal da Venteira, às 17 h)

### *25 de Setembro*

- Visita guiada ao concelho para professores (partida da CMA)
- Basquetebol: Torneio de seniores femininos (Parque Central, às 20 h)

### *26 de Setembro*

- Feira do Livro: espectáculo com Janita Salomé e Grupo Coral da SFRAA (P. Delfim Guimarães, às 21 h)

**EXPOSIÇÃO DA ACTIVIDADE MUNICIPAL**
**19 de Setembro a 5 de Outubro no Parque Delfim Guimarães**

- Hóquei em Patins. Torneio internacional juvenil (Pav. da Académica)
- Basquetebol Torneio de seniores femininos (Parque Central, 20 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimaraes a partir das 15 h

### *27 de Setembro*

- Ateliers lúdo-expressivos 10 h em Alfragide, 15 h na Buraca
- Torneio de Andebol de 7 – femininos (Pav. da Escola Roque Gameiro, às 15 h e às 20 h)
- Hóquei em Patins: torneio internacional juvenil (Pav. da Académica)
- Basquetebol: Torneio de seniores masculinos (Pav. Municipal da Venteira, 20 h)
- Pingueponguíada da Juventude (Sede do CR B.º Janeiro, 9 h)
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães a partir das 15 h
- II Encontro com a Arte: pintura, desenho e montagem visual (Quinta do Tivoli, 21 h)

### *28 de Setembro*

- Basquetebol: Torneio de seniores masculinos (Parque Central, 20 h)
- Torneio de Andebol de 7 – femininos (Pav. da Escola Roque Gameiro, às 15 h e às 20 h)
- Hóquei em Patins: Torneio internacional juvenil (Pav. da Académica-
- FEIRARTE no P. Delfim Guimarães a partir das 15 h
- II Encontro com a Arte: pintura, desenho e montagem visual (Qta. do Tivoli, 21 h)

### *1 de Outubro*

- 2 º Ciclo de Música Moderna: com 12 bandas, até 5 de Outubro (Recreios da Amadora/ex-«Plaza», 21 h)

### *4 de Outubro*

- Festival de Corais Alentejanos saída da SFRAA (Falagueira), desfile para o Parque Central
- Ciclismo. provas organizadas pela União Ciclista da Buraca, de manhã

### *5 de Outubro*

- DESFILE DO MUNICÍPIO, às 15 h
- Final do 2.º Ciclo de Música Moderna (Recreios da Amadora/ex-«Plaza», 15 h)
- Ciclismo: provas organizadas pela União Ciclista da Buraca, de manhã

### *8 de Outubro*

- Espectáculo da Companhia de Bailado da Fundação Gulbenkian (Lido, 21.30 h)

### *12 de Outubro*

- Torneio concelhio de Chinquilho (Lg. António Silva – Reboleira)

### *18 de Outubro*

- Torneio de Andebol de 7 – masculinos (Pav. Municipal da Venteira, às 9 h e às 14 h)

### *19 de Outubro*

- Torneio de Andebol de 7 – masculinos (Pav. Municipal da Venteira, às 9 e às 14 h)

### *23 de Outubro*

- Visita guiada ao concelho para professores (partida da CMA)

### *26 de Outubro*

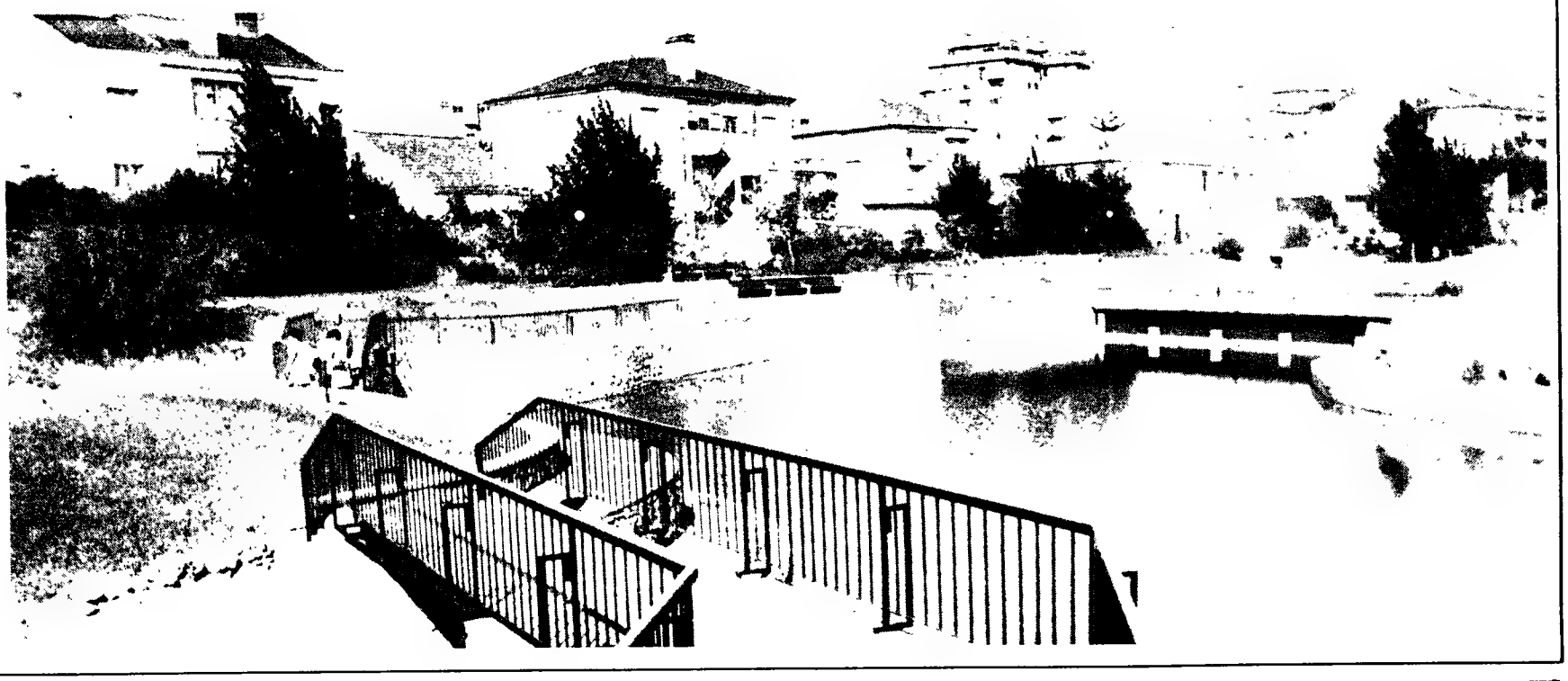
- Atletismo para escalões masculinos e femininos: partidas do Lido às 10 h, Reboleira às 10 20 h e Buraca às 10.45 h, meta na CMA
- Corrida para deficientes em cadeiras de rodas, às 9.30 h

**Entidades que organizam as acções constantes neste programa das Festas do Município**

*Câmara Municipal da Amadora, Juntas de Freguesia, Clube Recreativo do Bairro Janeiro, Associação dos Antigos Alunos da Escola Roque Gameiro, Desportivo Operário do Rangel, CIBA, Sociedade Filarmónica Recreio Artístico, Sport Futebol Damaiense, Associação Cultural de Surdos-Mudos da Amadora, Associação Académica da Amadora, Clube de Natação da Amadora, União Ciclista da Buracà, Centro Cultural Roque Gameiro, Grupo Artever, Sociedade Filarmónica Comércio e Indústria, Teatro das Portas, Grupo Desportivo da Reboleira.*

corais alentejanos no dia 4; espectáculo da companhia de bailado da Fundação Gulbenkian no dia 8, às 21 e 30, no Lido; no dia 23, visita guiada ao concelho para professores, com partida da Câmara Municipal, entre outras manifestações.

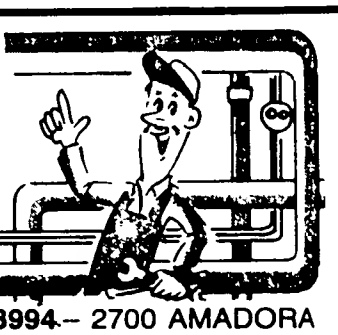
A comissão organizadora das comemorações é composta pelo presidente da Assembleia Municipal, 1 vereador de cada força política (APU, PS e CDS), presidente do conselho municipal, presidentes das juntas de freguesia do Conselho, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Amadora, Sociedade Filarmónica Comércio e Indústria, Associação Académica, Sociedade Filarmónica Recreio Artístico, Delegações Sindicais da Amadora, Clube de Futebol Estrela da Amadora, Comissão para a Paz do Conselho da Amadora e, Centro Cultural Roque Gameiro.




Simões & Fitas, Lda.

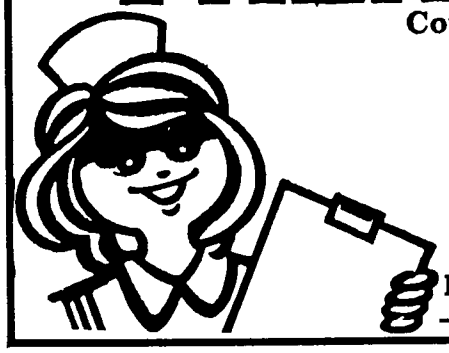
ARTIGOS ELÉCTRICOS

**SERVIÇOS DE:**
CANALIZADOR E ELECTRICISTA



AV. MARQUÊS DE POMBAL, 55-B ☎ 493 8994 – 2700 AMADORA

CENTRO DE ENFERMAGEM
DA
FALAGUEIRA



**Consultas de todas as especialidades**
ANÁLISES CLÍNICAS
ELECTROCARDIOGRAFIA
***Serviço ao Domicílio***
*INJECÇÕES E TRATAMENTOS*
*PARTEIRA*
aberto das 8hs. às 24hs.
**Estr. Falagueira, 14E**
**— VENDA NOVA Tel. 494 1521**

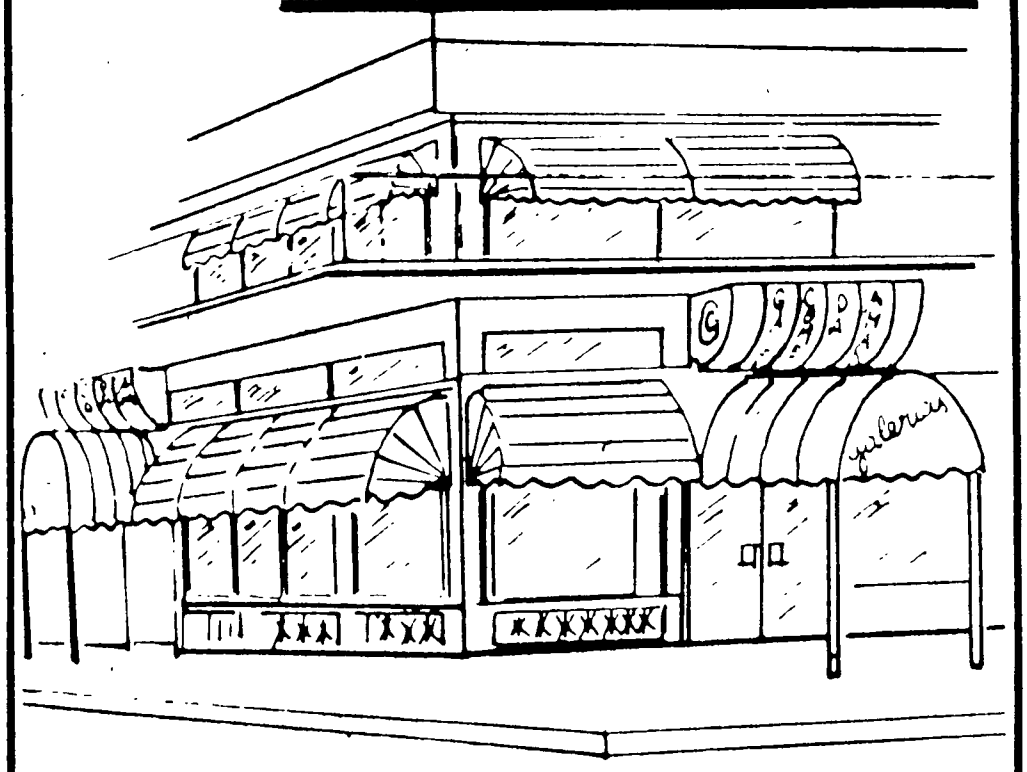
TECNOALEGRIA
**REPARAÇÃO DE MATERIAL ELECTRODOMÉSTICO E ELECTRÓNICO**
Assistência técnica
**PHILCO**
e outras marcas
Reparações e acessórios

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORÍFICOS
ARCAS FRIGORÍFICAS
AR CONDICIONADO
TV A CORES E A PRETO E BRANCO
RÁDIOS E GIRA-DISCOS
GRAVADORES • HI-FI
LEITORES DE CASSETTES
BOBINAGEM DE MOTORES
ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO

**ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO**

**Casal de S. Brás, Lote 105, Loja-A Telefs.: 4930996 - 4931400**
**2700 AMADORA**

GALERIA COMERCIAL
DA AMADORA



Loja 1 – Artigos para o Lar
» 2 – Avantgarde – Perfumaria
» 3/4 – Avantgarde – Cabeleireiro
» 5 – Croissanteria – Gelataria
» 6 – Artigos Electricos – Venda e Reparações
» 7/8 – Materiais de Construção – Bricolage
» 9 – Boutique
» 10 – Adega – Charcutaria Fina
» 11 – Artigos Decoração – Mobiliário
Loja 12 – Pronto a Vestir
» 13 – Pronto a Vestir – Infantil e Juvenil
» 14 – Brindes
» 15 – Papelaria e Fotocópias
» 16 –
» 17/18 – Snack-Bar
» 19/20 – Congelados

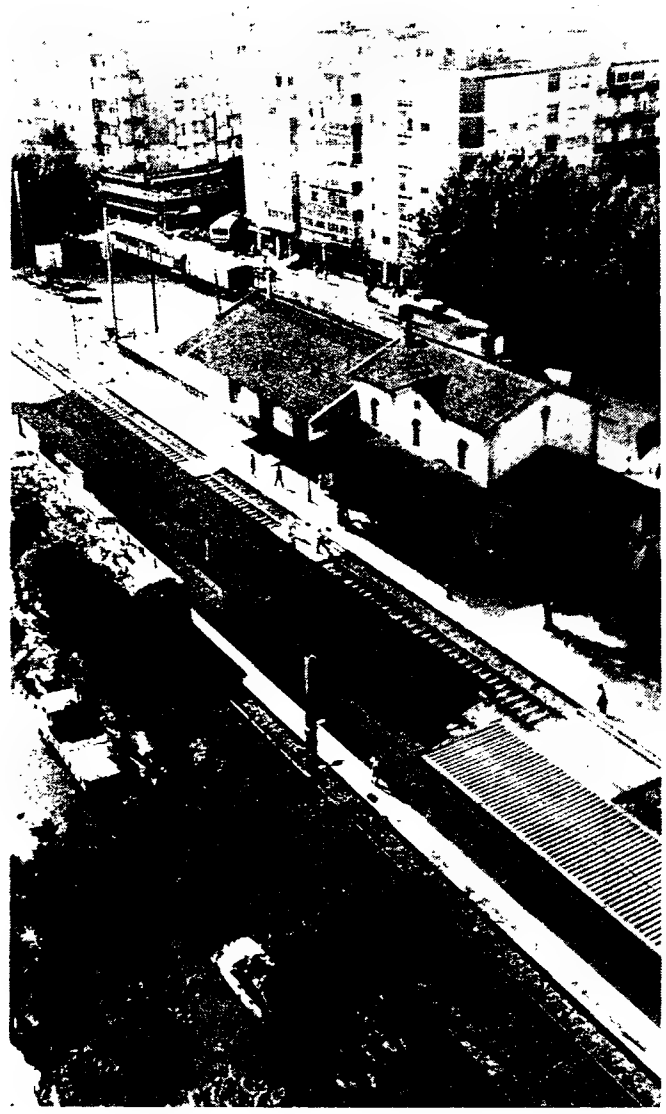
**CONTAMOS COM A SUA PRESENÇA**

**FESTEJE CONNOSCO O NOSSO SEGUNDO ANIVERSÁRIO EM 28.SETEMBRO.1986**

**AV. SANTOS MATOS, 10 – TEL.: 493 51 15 – AMADORA**

## Amadora e amadorenses

# Quem são e como vivem



Com 23,79 quilómetros quadrados de área, o município da Amadora tem uma população residente de cerca de 200 mil habitantes.

A população distribui-se por 8 freguesias: Alfragide, Brandoa, Buraca, Damaia, Falagueira-/Venda Nova, Mina, Reboleira e Venteira. A freguesia com maior número de habitantes é a Falagueira/Venda Nova com 32 759, mas a freguesia que regista maior densidade populacional é a Reboleira, com 16 360 [illegible] numa área de 73,5 [illegible] ao da uma média de [illegible] habitantes por hectare. [illegible]em-se a Damaia (165 ha[illegible]) e Falagueira Venda Nova [illegible]39 habitantes por hectare. A freguesia com menor densidade populacional é Alfragide, com uma densidade de 29 habitantes por hectare.

Segundo os «Estudos Sumários de Planeamento do Plano Director Municipal», o território do município é formado por terras planas, rodeadas das serras de Mira, Carnaxide e Marco, avultando na sua constituição geológica duas manchas: a dos calcários a Norte e a dos basaltos a Sul. Quatro linhas de água atravessam o território do município; as ribeiras da falagueira, Algés e Carenque e o rio da Costa que desagua no rio de Loures.

Quanto a arborização, possui a mata da Quinta da Fonte Santa, o eucaliptal dos Moinhos da Funcheira e vestígios de pinhal e olival.

Quarenta e quatro por cento dos amadorenses são provenientes da região de Lisboa, 13% do Alentejo, 11% do centro e em igual percentagem das Beiras, e 9% do Norte; 7,4% são estrangeiros.

No concelho trabalham 24 865 residentes; fora da Amadora, trabalha o triplo, ou seja, 73 395 pessoas.

A maioria — 55,8% — trabalha na indústria, nomeadamente metalúrgia e metalo-mecânica, químicos, gráficos e têxteis; nos serviços trabalham 21,5% dos amadorenses.

A maioria da população vive em condições legais (71%); em fogos clandestinos, 17% e em degradados 12%. Este é um dos problemas maiores do município da Amadora, cujo défice de fogos é actualmente de 11 405, assim discriminados: sem condições de habitabilidade, 2234 (mercado legal), mais 260 (mercado ilegal); com sobreocupação, 3982 (mercado legal), mais 4929 (em bairros degradados).

Os amadorenses dispõem de 8 centros municipais de apoio à infância, 8 de IPPS, 58 particulares lucrativos; 16 centros de tempos Livres; 19 centros de apoio à terceira idade, 4 dos quais de carácter lucrativo. Existem no território da Amadora 28 escolas do ensino primário oficial, num total de 292 salas de aula; 7 escolas preparatórias e 8 secundárias.

Quanto a equipamentos desportivos a população conta com 2 piscinas, uma das quais em urbanização de Alfragide; 2 campos de futebol, 7 ringues, 4 polidesportivos, 8 gimnodesportivos e 1 ginásio.

Mas um município com as características da Amadora tem necessidade de serviços públicos que ainda não foram lançados e que a Câmara Municipal não pode resolver, em parte, em consequência da elevada dívida do Estado ao Município, que ascende actualmente a várias centenas de milhares de contos.

EM)Assim, a Amadora carece, entre outros serviços, de um hospital, um tribunal, repartições de finanças na Mina e Damaia e a esquadra da PSP da Brandoa.

Por outro lado, a cidade reinvindica a construção urgente da estação subterrânea da CP na Amadora, as passagens desniveladas da via férrea e o Quartel dos Bombeiros.


clínica de sto antónio

CIRURGIA GERAL • CIRURGIA PEDIÁTRICA • MICROCIRURGIA • OTORRINOLARINGOLOGIA • OFTALMOLOGIA • UROLOGIA • GINECOLOGIA • ORTOPEDIA • CIRURGIA PLÁSTICA • CIRURGIA TORÁCICA • RADIOLOGIA GERAL • MAMOGRAFIA • XERORADIOGRAFIA • CITOLOGIA POR BIOPSIA ASPIRATIVA • ELECTROCARDIOGRAFIA • ANÁLISES CLÍNICAS E HISTOLÓGICAS • FISIOTERAPIA

GASTROENTEROLOGIA • ELECTROENCEFALOGRAFIA • ECOGRAFIA • CLÍNICA DA MULHER (Ginecologia Preventiva e Medicina de reprodução) • CENTRO DE MAMA (Prevenção, Diagnóstico e Tratamento)

Suites, quartos particulares, quartos semiprivados (2 camas) e enfermarias (de 3 e 5 camas), todos com casa de banho privativa

Avenida dos Hospitais Civis de Lisboa – Alto da Reboleira – AMADORA
☎ 97 25 21 e 97 25 50 (10 linhas)

ANTÓNIO NEVES SILVA
SERVIÇO PERMANENTE DE REBOQUES PARA TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO DE LIGEIROS E PESADOS
TELS 494 2131
494 2132
494 2133
SERVIÇO NOCTURNO 494 8617
RUA ELIAS GARCIA, 224A - AMADORA
RUA DAS FLORES, LT. 8 - CASAL MIRA

JORIBEL
AMADEU MARTINS RIBEIRO
CONSTRUÇÃO DE:
• Caixilharias metálicas
• Estruturas em ferro e alumínio
• Marquises e serralharia civil
Aplicação de vidros -CLIMASOL- e -ROCHEDO-
OFICINA E ESCRITÓRIO:
Moinhos da Funcheira, Lote 14
Serra Mira – 2700 AMADORA – ☎ 494 8753

CERVEJARIA
ÁGUIA DE S. BRÁZ
Encerrado à 4.ª Feira
Aberto das 7 h da Manhã às 24 h
ESPECIALIDADES EM MARISCOS FRESCOS E COZIDO À PORTUGUESA
Tel. 494 7423
Casal S. Brás, Lt.55 — 2700 AMADORA

CARLOS SANTOS
&
A. VARÃO LDA
ACESSÓRIOS
E EXTRAS
PARA AUTOMÓVEIS
MATERIAL ELÉCTRICO
Telefone — 4946236
Rua Venteira, 12-A
2700 — AMADORA

CUMPRA os sinais das bandeiras

## Pavilhão português em Hannover ocupado por 15 empresas de Águeda

Quinze empresas de Águeda estarão presentes na Feira de Hannover (RFA), em Abril do próximo ano, num pavilhão colectivo exclusivamente português.

Numa organização da Associação Industrial de Águeda, as quinze empresas exporão as suas capacidades do «Primeiro Salão Nacional de Subcontratação».

O pavilhão colectivo permitirá às empresas de águeda a divulgação das suas capacidades de subcontratação e produção nas áreas de metalomecânica, plásticos, ferramentas, material eléctrico, fundição, serralharia, cerâmica técnica, estampagem e torneira.

Segundo previsões da organização, a Feira de Hannover contará com a visita de 400 mil pessoas de 8 a 15 de Abril de 1987.

Uma das principais vantagens desta iniciativa, apoiada por uma empresa de consultadoria alemã-federal implantada em Portugal, é a redução dos custos de participação, que não ultrapassam 25 por cento dos custos de um expositor individual.

Portugal foi convidado de honra da feira de Hannover em 1983.

## Governo francês privatiza três gigantes empresariais

As três primeiras empresas privatizadas pelo governo francês são a Saint-Gobain, Paribas e a seguradora «Assurrances Generales de France», confirmou o ministro da economia, Edouard Balladur.

O ministro disse «recusar calendarizar a privatização das empresas», acrescentando que as escolhas se efectuarão em «tempo útil e em função de dois critérios»: por um lado, a situação do mercado financeiro e, por outro lado, a degradação de cada uma das empresas.

A empresa Saint-Gobain faz parte de um grupo económico em que trabalham 148 922 trabalhadores em todo o mundo. Produz material para canalização, tem interesse na construção civil e presta diversos tipos de serviços a outras empresas. Em 1985, esta empresa teve um lucro líquido de 753 milhões de francos.

A companhia financeira Paribas e o «holding» financeiro de um grupo que conta com 29 000 trabalhadores com sedes por todo o mundo.

O lucro líquido registado pela Paribas ascendeu, em 1985, a 1350 milhões de francos, enquanto que o resultado total do grupo totalizou 2700 milhões de francos.

A empresa de seguros «Assurance Generales de France» é a décima segunda empresa do sector e emprega em todo o mundo 18 000 trabalhadores.

*As "guerras" das telecomunicações mundiais*

# CGE negoceia apoio da ATT para compra da ITT/Europa

A American Telephone and Telegraph (ATT), número um da indústria das telecomunicações a nível mundial, está a negociar com a CGE o seu apoio a este grupo nacionalizado francês para a compra do sector europeu das telecomunicações da ITT, afirma a edição de ontem do «Le Monde». A concretização da venda de 63% do capital da ITT telecomunicações e de todas as suas filiais europeias a um grupo europeu, designado provisoriamente por Eurotel e liderado pela CGE, foi já autorizada pelo Governo de Paris e deverá ter lugar até ao fim do ano. O montante exigido pela ITT - 1 152 milhões de dolares em dinheiro, reembolso de um empréstimo de 354 milhões e responsabilização por uma dívida de 800 milhões - é de tal maneira elevado que a CGE não terá rejeitado o apoio proposto pela ATT.

Segundo o «Le Monde», a ATT desmentiu oficialmente a existência de quaisquer contactos nesse sentido, mas fontes da CGE (a cujo grupo pertence a Alcatel) e da administração pública francesa confirmaram que Pierre Suard, o novo presidente da companhia, esteve na passada semana em Nova York para discutir a proposta e terá aceite o princípio da ajuda americana.

Ainda que limitada a aspectos financeiros, a participação da ATT no negócio CGE/ITT virá certamente alterar profundamente a fisionomia do acordo assinado em Julho passado, e que transformaria o grupo francês no número dois mundial do sector. A sua concretização poderá igualmente influir na posição do Governo francês face a um outro acordo já negociado entre a CGE, a ATT e a Philips, com vista à aquisição da companhia de construções telefónicas CGCT, igualmente nacionalizada, contra a abertura de certas faixas do mercado dos EUA à CGE.

Este negócio está a ser contrariado pela Siemens que põe como condição à entrada dos franceses no mercado alemão, via SEL (a filial local da ITT), a sua participação no capital da CGCT e o acesso das suas centrais digitais ao mercado francês. De acordo com o diário parisiense, o Governo francês estará presentemente mais inclinado para a venda da CGCT à ATT/Philips, concedendo eventualmente «outras compensações» à Siemens.

Na RFA, porém, a eventual substituição dos americanos da ITT pelos franceses da CGE no controlo da SEL é muito pouco apreciada nos meios industriais e financeiros. Neste contexto, os comentadores franceses entendem geralmente que a concretização do acordo entre a ITT e a CGE está a ser prejudicada pelas rivalidades franco-alemãs.

Entretanto, este acordo tem sido igualmente dificultado pelo facto da a CGE não ter conseguido senão dois aliados para o grupo Eurotel: a Société Générale de Belgique e a Telefónica espanhola. A primeira entrará com 250 milhões de dólares e a segunda com 300 milhões. Os espanhois põem todavia diversas condições, designadamente a não supressão de postos de trabalho em Espanha.

*Falando para empresários no Porto*

# Delors defendeu grande mercado da CEE

O presidente da Comissão das Comunidades Europeias, Jacques Delors, anunciou ontem no Porto que vai propor no próximo ano a liberalização total da circulação de capitais nos países membros.

Delors, que introduzia um debate com industriais e empresários do Norte de Portugal, classificou esta medida como a «moeda de reserva» que permitirá ao Mercado Comum continuar a sua caminhada no sentido da liberalização total dos mercados.

O presidente da Comissão das Comunidades lembrou que a Europa necessita de ser «coerente e consciente» para ser completamente independente do exterior e fazer face às políticas proteccionistas dos norte-americanos e às crescentes ameaças industriais vindas do Japão.

Para o presidente do órgão executivo da Comunidade, a CEE não só deve ser um projecto económico como, fundamentalmente, deve ser um projecto político onde se ceda lugar à vontade de superar as necessidades específicas de cada país e de cada região.

Depois de recordar que o objectivo principal da Comunidade é conseguir um grande mercado onde não haja lugar para fronteiras, Delors frisou que esta plena liberalização só pode ser conseguida quando houver a total igualização entre os doze Estados membros do Mercado Comum.


Associação PORTUGAL BULGÁRIA

SESSÃO COMEMORATIVA DA LIBERTAÇÃO DA BULGÁRIA

- *Orador:* VASCO GONÇALVES
- *Colectivo Poético Paz*

*12 de Setembro — 21.30 Horas*
*Junta de Freguesia de Alcântara*
*Rua dos Lusíadas, 13*

*Agradecemos a vossa presença*



*Bom gosto... é uma questão de opinião*

*VENHA VER SE A SUA COINCIDE COM A NOSSA*

MORADIAS
Encosta do Restelo
QUARTEIRÃO ROSA
*FACILIDADES SEM PRECEDENTES*
Empreendimento da Avenida
Av. Gonçalo Nunes
(Junto à Av. Ilha da Madeira) - Tel. 615158
VISITE-NOS
Todos os dias úteis, sábados e domingos
EPUL HAUS


## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por unidade)

| COTAÇÕES DE NOTAS | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 39$90 | 45$90 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 70$60 | 71$80 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 10$00 | 10$20 |
| BÉLGICA (franco) | 3$203 | 3$453 |
| BRASIL (cruzado) | 3$90 | 6$40 |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 105$10 | 107$60 |
| (notas de 5 a 1000) | 105$60 | 108$10 |
| DINAMARCA (coroa) | 18$65 | 19$05 |
| ESPANHA (peseta) | 1$051 | 1$171 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 145$80 | 199$30 |
| (notas de 5 a 1000) | 146$30 | 149$80 |
| FINLÂNDIA (marka) | 29$55 | 30$15 |
| FRANÇA (franco) | 21$60 | 22$30 |
| HOLANDA (florim) | 62$60 | 63$70 |
| IRLANDA (libra) | 195$45 | 199$45 |
| ITÁLIA (lira) | $093 | $108 |
| JAPÃO (iene) | $899 | $954 |
| NORUEGA (coroa) | 19$80 | 20$30 |
| REINO UNIDO (libra) | 217$00 | 221$50 |
| SUÉCIA (coroa) | 20$95 | 21$45 |
| SUÍÇA (franco) | 87$00 | 88$50 |
| VENEZUELA (bolívar) | 6$15 | 7$15 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

# 24 HORAS

## Fome no Sudão

Pelo menos dois milhões de pessoas no Sudão estão na iminência de morrer de fome em virtude de os combates na área terem cortado as vias de abastecimento de alimentos, disse um grupo das Nações Unidas. Entre os afectados encontram-se milhares de refugiados do Chade, Etiópia e Uganda. A decisão do Uganda de encerrar a sua fronteira impedindo a passagem dos veículos que transportam os alimentos tornou a situação ainda mais precária.

## Abu Nidal suspeito

O grupo de Abu Nidal parece estar envolvido no sequestro de um avião a semana passada em Karachi, disse o secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, em entrevista ao «Washington Post». Citando «fontes dos serviços secretos» que se recusou a identificar, Weinberger disse: «Existem dados importantes e recentes que indicam que foi uma acção de Abu Nidal.» Na tentativa de desvio do Boeing 747 da Pan Am, morreram 19 pessoas e mais de 100 ficaram feridas quando quatro homens armados se apoderaram do avião onde seguiam mais de 300 passageiros.

## Caso Daniloff

O jornalista norte-americano Nicholas Daniloff, preso na URSS sob suspeita de espionagem, apelou aos governos de Washington e Moscovo para «arrefecerem a retórica», considerando que isso prejudica as negociações para a sua possível libertação. Daniloff, da revista «U.S. News and World Report», telefonou à mulher, Ruth, da prisão de Lefortovo, afirmando que as autoridades soviéticas lhe têm dito que toda a controvérsia em torno da sua detenção está a tornar uma solução diplomática mais difícil, revelou um elemento do escritório da publicação em Moscovo, Jeff Trimble.

## Conferência sobre mulheres

Na primeira sessão da conferência sobre mulheres que decorre até amanhã em Atenas, a secretária-geral do governo grego para a igualdade dos sexos referiu-se especialmente à falta de participação das mulheres gregas das zonas rurais na vida política.

Para a delegação portuguesa, que se encontra em Atenas a participar nesta conferência, a situação da mulher rural portuguesa é semelhante.

## Mineiros bolivianos

PELO menos 1500 mineiros bolivianos continuam em greve de fome, enquanto outros se mantêm em greve como protesto contra os planos governamentais de encerramento de minas. Várias centenas de mineiros juntaram-se ontem aos protestos, depois do malogro das negociações entre o Governo e a Federação de Mineiros para chegar a acordo sobre as medidas governamentais.

## Minicimeira no Malawi

O presidente Samora Machel partiu para o Malawi, onde juntamente com o presidente zambiano, Kenneth Kaunda, e o primeiro-ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, deverá reunir-se com o presidente malawiano, Kamuzo Banda. Uma fonte oficial moçambicana disse à AIM que no encontro serão discutidas formas para um maior incremento da cooperação regional no âmbito da Conferência Coordenadora do Desenvolvimento da África Austral (SADCC). Para além destes quatro países, fazem parte da SADCC a Tanzânia, o Lesoto, Angola, Botswana e Swazilândia.

## Gafanhotos ameaçam

A invasão de gafanhotos em África pode alastrar, apesar dos esforços de controlo, disse em Yamoussouhkro um funcionário da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Lukas Brader, director das operações de emergência para os gafanhotos disse que 30 a 40 milhões de hectares do Botswana estão infestados por gafanhotos.

*Repressão prossegue no Chile*

# Quatro mortos e 44 detidos em três dias de estado de sítio

**Quatro mortos e 44 detidos é o balanço de três dias de estado de sítio promulgado pelo governo chileno, após o atentado falhado de domingo contra o general Pinochet. O Ministério chileno do Interior confirmou ontem à noite oficialmente estas prisões, sublinhando que se relacionam com a «vinculação explícita com as acções de violência e subversão da ordem pública e a sua promoção».**

Na relação oficial dos detidos, o Ministério destaca os dirigentes políticos Ricardo Lagos, do Partido Socialista da Aliança Democrática, German Correa, presidente do Movimento Democrático Popular (MDP), Patrício Halles, comunista, e Rafael Marotto, porta-voz do «Movimento de Esquerda Revolucionária» (MIR).

Entre os detidos, encontram-se também os sacerdotes de nacionalidade francesa Pierre Dubois, Patrick Carruete e Jaime Lancelot, assim como o ex-ministro do Governo de Salvador Allende e dirigente da comissão chilena de Direitos Humanos, Pascual Barrasa.

Entretanto, outro grupo reivindicou ontem por telefone a autoria do atentado.

Segundo uma voz anónima, os autores do atentado, o primeiro considerado grave contra Pinochet, foram membros do «Comando 4 de Setembro».

O general Augusto Pinochet saiu praticamente ileso do atentado, salvo um arranhão na mão esquerda, mas cinco membros da sua escolta morreram e 12 ficaram feridos.

Segundo a descrição dada pela pessoa que telefonou em nome do «Comando 4 de Setembro», cuja existência era ignorada até à data, na operação tomaram parte três unidades com 25 homens, que emboscaram a comitiva presidencial.

Acrescentou que após 10 minutos de combate, quando o automóvel com o general Pinochet se dirigia para casa, as unidades parte da sua escolta.

«Conseguimos passar todos os cercos policiais e militares» — afirmou o suposto representante do grupo, salientando que «todos os homens que intervieram na operação regressaram sãos e salvos».

A voz afirmou que o objectivo da acção era «eliminar» o general Pinochet, que o grupo considera «o principal obstáculo para o retorno da democracia no Chile».

Interrogado sobre se o grupo tinha alguma relação com a Frente Patriótica Manuel Rodriguez (FPMR), o interlocutor respondeu «não» e interrompeu bruscamente a comunicação telefónica.

Em Madrid, em telefonema deste grupo iniciaram a retirada em veículos que simularam fazer para a Rádio Nacional de Espanha, o cantor chileno exilado Patrício Manns apresentou-se como porta-voz da Frente Patriótica Manuel Rodriguez no estrangeiro e atribuiu a esta organização a responsabilidade pelo frustrado atentado contra Pinochet.

Em consequência do atentado, o Governo chileno decretou o estado de sítio em todo o país, encerrou seis revistas opositoras e as agências noticiosas internacionais.

Nas primeiras 72 horas do estado de sítio quatro pessoas foram encontradas mortas crivadas de balas, incluindo o jornalista chileno José Carrasco, da revista «Analisi», que tinha sido sequestrado na segunda-feira em sua casa por desconhecidos que se disseram polícias.

# Treze anos

O Chile assinala hoje o 13.º aniversário do golpe de Estado que levou ao poder um governo militar, com avisos do presidente Augusto Pinochet de que guerrilheiros de esquerda estão a preparar uma guerra revolucionária.

Pinochet, que no domingo sobreviveu a uma tentativa de assassínio que resultou na morte de cinco dos seus guarda-costas, foi citado pela Rádio Nacional como tendo afirmado que haverá outros ataques.

A emissora citou o presidente como tendo afirmado que foi descoberto um plano para «desencadear uma guerra revolucionária para acabar não só com o governo (...) como com o monte de pessoas ingénuas que continuam a acreditar que a democracia é a única saída para o país».

Pinochet falava ontem aos generais da Força Aérea que o felicitaram pela passagem do seu 13.º aniversário no poder.

Também ontem, Pinochet disse aos jornalistas que assinalaria hoje o 13.º aniversário do derrube do governo de Salvador Allende marcando uma data para a realização de um plebiscito sobre novos poderes governamentais para combater os ataques da oposição.

*Sarney nos EUA:*

# A única ideologia do Brasil é a democracia

A «única ideologia do Brasil é a democracia: ela nos guia e nos permitiu vencer os desafios que tivemos de enfrentar no passado recente» — afirmou em Washington o presidente brasileiro, José Sarney.

José Sarney, que falava na cerimónia de chegada à Casa Branca antes da sua primeira reunião com o presidente norte-americano, destacou a «decisiva contribuição pessoal» de Reagan para as relações bilaterais entre os Estados Unidos e o Brasil «num momento de grande incerteza».

No encontro que se seguiu, os dois estadistas concordaram com a criação de um grupo de peritos encarregado de recomendar de que forma os dois países podem expandir a cooperação nos domínios da ciência e tecnologia.

Antes, Reagan afirmou que a prosperidade económica baseada no comércio tem de ser equitativa e mutuamente benéfica.

«O comércio tem de ser livre, tem de ser equitativo. A prosperidade não pode ser construída à custa dos outros, mas com base no princípio de benefício mútuo» — declarou Reagan, sublinhando claramente que o Brasil tem de abrir os seus mercados aos produtores estrangeiros.

«Nenhuma nação pode esperar continuar a exportar livremente se os seus mercados internos estão fechados à competição estrangeira» — declarou.

O Brasil tem actualmente a seu favor um excedente de 5000 milhões de dólares nas trocas comerciais com os Estados Unidos, cujos produtores se têm mostrado cada vez mais descontentes com a impossibilidade de penetrar nos mercados brasileiros.

*Assinado acordo de Taba*

# Peres encontra-se hoje com Mubarak

O Egipto e Israel assinaram um acordo sobre as condições de arbitragem internacional do litígio fronteiriço sobre o enclave de Taba.

Assinaram o acordo pela parte egípcia o chefe da delegação deste país, Nabil Al Arabi, e o membro da mesma delegação Badr Amn, e por parte de Israel Abraham Tamir, director do gabinete do primeiro-ministro Shimon Perese David Kimche director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O compromisso sobre Taba levou também as assinaturas do subsecretário norte-americano de Estado, Richard Murphy, e do embaixador dos Estados Unidos no Cairo, Frank Wisner.

A assinatura do acordo era a única condição imposta pelo presidente egípcio, Hosni Mubarak, para aceitar entrevistar-se com o primeiro-ministro israelita, Shimon Peres.

A Televisão estatal de Israel confirmou a noite passada que Peres deverá chegar hoje a Alexandria a fim de se encontra com Mubarak, na primeira cimeira oficial israelo-egípcia nos últimos cinco anos.

Em círculos diplomáticos considera-se que a entrevista entre Peres e Mubarak é «uma arma de dois gumes», pois Telavive «arrisca-se a que um encontro sem resultados anule toda a política de aproximação aos países árabes».

## A guerra Irão-Iraque

Violentos combates foram travados em três regiões da fronteira irano-iraquiana, envolvendo mais de 400 mil soldados de ambos os países, disse à Anop fonte oficial em Bagdad. As forças iraquianas causaram 300 baixas ao lado iraquiano, disse a mesma fonte, e repeliram com êxito as tropas iranianas concentradas nas zonas Norte, Central e Sul da fronteira. A força aérea iraquiana fez cerca de duas dezenas de bombardeamentos aéreos em território iraniano.

# "Volta das Comunidades": espanhol Indurain comanda

## • *Marco Chagas: o nosso melhor* • *Theakston na "Fagor"*

O espanhol Miguel Indurain venceu o prólogo da volta das Comunidades Europeias em ciclismo, disputado ontem no Porto, cobrindo os 4,8 quilómetros do contra-relógio individual em 5 minutos e 54 segundos, à média de 48,718 quilómetros-/hora, a seguir ficaram:

2.º Guido Winterberg, (Suíça), a 11 segundos; 3.º Martial Gayant, (França), a 13 seg; 4.º Christian Chaubet, (França), mesmo tempo; 5.º Jonas Tegstroem (Suécia), a 14 seg; 6.º Bruno Wojtinek (França), mt; 7.º Karin Myyrylainen (Finlândia), a 15 segundos; 8.º Jerome Simon (França), a 16 seg; 9.º Philippe Bouvatier (França), a 17 seg; 10.º Frans Maassen (Holanda), mt; 11.º Vaclav Toman (Checoslováquia), a 18 seg; 12.º Holma Hafliger (Suíça), mt; 13.º Marc Gomez (Espanha), a 19 seg; 14.º Roy Knickman (Estados Unidos), a 20 seg; 15.º Per Pedersen (Dinamarca), mt; 16.º Jean-Claude Colotti (França), mt; 17.º Roland Le Clerc (França), mt; 18.º Jean-Jacques Philipp (França), a 21 seg; 19.º William Palacios (Colômbia), mt; 20. Miroslav Sykora (Checoslováquia), mt.

Classificação dos ciclistas portugueses no prólogo:

25.º Marco Chagas (Sporting), a 21 segundos do vencedor; 26.º Eduardo Correia (Sporting), a 22 seg; 49.º Manuel Cunha (Lousa), a 29; 60.º Carlos Santos (Lousa), a 32; 63.º José Xavier (Sporting), a 33; 92.º Carlos Moreira (Selecção) a 41; Manuel Vilar (Selecção), a 42; 99.º José Passos (Selecção), a 43; 100.º João Santos (Selecção), a 43; 101.º Serafim Vieira (Sporting), a 43; 104.º Américo Silva (Lousa), a 44; 105.º Jacinto Paulinho (Sporting), a 44; 107. Manuel Neves (Selecção), a 45; 115.º José Poeira (Lousa), a 48; 120.º Jose Santiago (Selecção), a 50; 124. Manuel Zeferino (Lousa), a 52; 132.º Alexandre Rua (Sporting), a 56. O último Concorrente: 138.º Juan Garcia Munoz (Espanha) a 1,13 minutos.

Apesar da chuva, algumas centenas de pessoas assistiram ao «prólogo», disputado num piso misto, de alcatrão e paralelepípedos.

A 1.ª etapa da «Volta» disputa-se hoje entre o Porto e Viseu, na distância de 162,5 quilómetros: a largada foi da ponte da Arrábida. Antes, e numa cerimónia frente à Câmara Municipal do Porto, fez-se a apresentação de todas as equipas, seguindo-se a partida simbólica e a passagem por algumas artérias da cidade até à ponte.

A caravana passa por Miramar, Esmoriz, Cortegaça, Ovar, Estarreja, Azurra, Águeda, Caramulo, Campo de Besteiros, Sabugosa e Viseu. A tiradaé praticamente toda plana, registando-se uma contagem de montanha (de 2.ª categoria) no Alto da Neve, aos 117 quilómetros de prova.

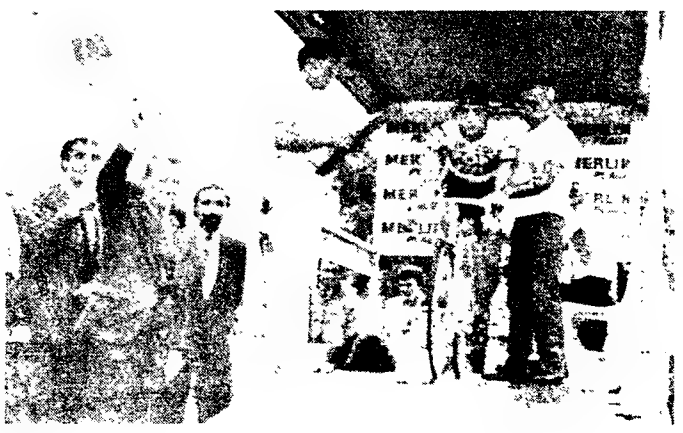
O inglês Cayn Theakston, o ciclista que mais tempo envergou a camisola amarela na recente Volta a Portugal, deixou o Louletano para ingressar na equipa francesa da «Fagor». Theakston (22 anos), considerado a «estrela» da Volta a Portugal e que integrou a equipa de Loulé, ao lado do irmão de Acácio da Silva (Francisco), participa na 1.ª edição da Volta do Futuro das Comunidades Europeias, patrocinada pela CEE.

O ciclista inglês, que os dirigentes do Louletano afirmaram nunca sair do clube e ter (inclusive) contrato para a próxima temporada, assinou compromisso com os franceses da «Fagor» por duas temporadas, ao que parece por cerca de cinco mil contos.

«Participei já, na semana passada, no Paris - Bruges ao serviço da 'Fagor', mas o contrato de dois anos só se inicia após o final da actual temporada», diz Theakston. «Estou satisfeito com a minha transferência», acrescenta o ciclista britânico, que, após a sua desistência (por queda) na Volta a Portugal, foi contactado pelos responsáveis da «Fagor», ainda em Viana do Castelo, no sentido de integrar a equipa. Theakston teria recebido outras propostas de equipas estrangeiras, mas a «Fagor» apresentou o convite mais vantajoso.

### Volta à Madeira

O ciclista Fernando Baptista (Sporting Pinheiro de Loures) assumiu a liderança da Volta à Madeira ao vencer a 4.ª etapa disputada entre Porto Moniz e a Ribeira Brava. Fernando Baptista percorreu os 87 quilómetros da etapa em 3.00,55 horas.



*Jacques Delors dá a partida para a Corrida das Comunidades*

## Delors à partida

Jacques Delors, presidente das Comunidades Europeias deu no Porto a partida para o «prólogo» da Volta do Futuro e das Comunidades Europeias que vai hoje para a estrada.

O «prólogo» foi percorrido por 132 ciclistas de 23 países (incluindo Portugal) na zona das Antas e interior da estrada de circunvalação do Porto. Nesta prova, para além da presença de ciclistas de países da CEE, participaram ainda as selecções do Japão, Colômbia e União Soviética.

Organizada pela empresa da Volta à França («Tour de France») a prova tem duas etapas em Portugal, passa por Espanha, França e Itália, terminando em Turim no dia 22.

*O espanhol Miguel Induran já com flores no pódio*

A turma do Sporting Pinheiro de Loures comanda a classificação por equipas com um total de 28.42,45 horas. A 5.ª etapa disputa-se hoje num percurso de 25 quilómetros entre Ribeira Brava e Serra de Água.

### Acácio na Catalunha

Acácio Silva classificou-se em 28.º lugar na 1.ª etapa da Volta à Catalunha disputada entre Platja D'Aro e Badalona, na distância de 181 quilómetros. Acácio Silva foi cronometrado com o mesmo tempo do vencedor: o belga Frank Hoste, que cobriu o percurso em 5 horas, 22 minutos e 15 segundos e bateu ao sprinte o irlandês Sean Kelly e o espanhol Jorge Dominguez.

Acácio da Silva é o 4.º classificado da geral, a 2 segundos do guia (Frank Hoste) e com o mesmo tempo do espanhol Anselmo Fuerte e do belga Tierry Marie, 2.º e 3.º classificados.

## Violência inglesa sem remédio

Incrivelmente, continua a violência dos adeptos britânicos de futebol: cerca de 50 jovens foram detidos ontem pela Polícia sueca, devido a desordens provocadas em Estocolmo, na sequência do jogo de futebol internacional entre a Suécia e a Inglaterra. Tanto as testemunhas oculares como a Polícia informaram de lutas entre «shikheads» (jovens com a cabeça rapada) suecos e adeptos ingleses. Apesar de tudo, um oficial da Polícia de Estocolmo comentou que «não foi pior que um jogo normal».

Segundo dados oficiais, somente se registou um ferido: um jovem inglês atingido com um corte de navalha na perna. Fontes policiais informaram que o número de detidos, de uma e outra nacionalidades, ascende a cerca de 50 pessoas, todas elas jovens. No grupo contam-se dois jovens ingleses que apedrejaram uns escritórios no rés-do-chão do mesmo edifício onde se encontra a Embaixada da Argentina em Estocolmo. Um funcionário sueco comentou: «Seguramente não sabiam que a Embaixada da República da Argentina estava no segundo piso».

# Palermo: futebol mete Mafia!

'A expulsão do Palermo do campeonato italiano de futebol da 2.ª divisão deve-se aos mesmos jogos de interesse que determinam a paralísia da luta antimafia, acusou o presidente da câmara da capital siciliana, Leolucca Orlando.

Comentando a decisão tomada na terça-feira pelo Conselho da Liga de Clubes Italianos de, por insolvência financeira, relegar o Palermo para a 3.ª categoria de amadores, o autarca siciliano disse que os mecanismos que a determinaram são os mesmos que impedem que a cidade entre numa «nova fase administrativa» e dificultam a luta antimafia, decorrentes de jogos de interesse nos organismos do Poder Central.

Leolucca Orlando, que tomou posse da presidência da Câmara de Palermo em 1985, no âmbito da renovação dos quadros políticos da Democracia Cristã, na Sicília (desacreditados pelas relações de alguns expoentes com a Mafia) exigiu a imediata demissão do presidente da Liga, António Matarrese, de forma a que o Comité Olímpico Italiano (CONI), que superintende toda a a actividade desportiva em Itália, possa proceder a um inquérito que apure a razão da decisão tomada por aquele organismo: «queremos que seja feita luz sobre as interferências de partidos e correntes que levaram ao cancelamento do futebol da cidade», disse.

A decisão da Liga foi tomada após duas semanas de espera, enquanto forças políticas e empresariais de Palermo tentavam impedir o fim da actividade profissional do clube, por acumulação de débitos da ordem de dois milhões de contos, e impossibilidade do seu conselho de administração de saldá-los.

Foi o próprio presidente da Câmara quem, nos últimos 15 dias, dirigiu a longa série de negociações que levou à formação de uma «pool» de empresas dispostas a comprar o clube e dar garantias da sua solvência financeira no futuro imediato. Tal «poll» (todavia) não conseguiu mais que um avanço, da parte de um banco siciliano, de cerca de 150 mil contos: que serviriam para a compra das quotas do clube, considerados insuficientes pelo Conselho da Liga, como prova de possibilidades de saneamento. **Não entenderam nada do que estamos a tentar fazer,** comentou o ministro italiano para as regiões, Carlo Vizzini, associando o movimento para a compra do clube por um colectivo de empresários a um episódio da luta contra a Mafia.

Em 1983, um anterior presidente do Palermo. foi obrigado a demitir-se após a descoberta do seu envolvimento num escândalo de favorecimentos em concursos públicos para obras de construção civil na cidade. **Que os senhores que decidiram fazer desaparecer o Palermo não venham depois trazer coroas de flores se algum de nós cair sob os golpes da Mafia, porque a Mafia se combate mesmo sem tirar o jogo da bola às pessoas,** adiantou Leolluca Orlando, que nos últimos dias ameaçou demitir-se da presidência da Câmara de Palermo por, no seu entender, os representantes do Poder central voltarem a manifestar desinteresse pelo combate à Mafia.

Entretanto, dois deputados comunistas apresentaram no Parlamento uma interpelação ao ministro do Turismo e do Espectáculo, onde observam que a decisão da Liga de Clubes foi tomada após um longo e atribulado processo, durante o qual foi evidente a ausência de critérios de transparência e de certeza jurídica no goveo do futebol profissional.

Além do caso do Palermo, os parlamentares referem-se ao do escândalo do Totobola clandestino («Totonero»), cujo processo desportivo levou, primeiramente, à condenação do Lazio a descer à 3.ª divisão e, em fase de apelo da sentença, reconduziu o clube romano à divisão secundária. A «reabilitação» do Lazio foi interpretada por alguns sectores como devida a factores económicos, nomeadamente ao grande número de adeptos que acorrem ao Estádio Olímpico de Roma para apoiar a equipa, mesmo quando não disputa provas de primeiro plano.

Comentários negativos foram também feitos pelo facto de o Conselho da Liga de Clubes, que decidiu a queda do Palermo do futebol profissional, ser integrado por homens como o presidente do Sampdoria (Paolo Mantovani) que responde a processo penal por suposto envolvimento num escândalo de tráfico de petróleo e o presidente do Roma (Dino Viola), recentemente condenado pela UEFA a quatro anos de suspensão por tentativa de suborno de um árbitro internacional.

A decisão da Liga insere-se no âmbito das medidas de austeridade decretadas pelo comissário extraordinário da Federação e presidente do CONI (Franco Carraro) devidas à crise económica da maioria dos 144 clubes de futebol profissional, que acumulam um défice superior a trinta milhões de contos.

# Leitão foi 5.º em Roma

António Leitão melhorou a melhor marca portuguesa do ano nos 5000 metros ao realizar o tempo de 13.15,18 minutos, durante o Grande Prémio da Federação Internacional de Atletismo, disputado em Roma.

Leitão classificou-se em 5.º lugar na prova ganha pelo marroquino Said Aouita (que realizou o tempo de 13.13,13 minutos, marca ainda distante do seu recorde mundial: 13.00,04 minutos).

O atleta do Benfica, que no «europeu» em Estugarda, se classificou também em 5.º, melhorou em 44 centésimos de segundo a marca que tinha alcançado no mês passado na Coruna. Leitão comandou por duas vezes a prova, a última das quais ainda na derradeira volta, mas foi batido por quatro atletas com ponta final mais rápida. Classificação: 1.º Said Aouita (Marrocos), 13.13,13 minutos; 2.º Stefano Mei (Itália), 13.14,29; 3.º Vincent Rousseau (Bélgica) 13.14,62; 4.º Sidney Maree (Estados Unidos) 13.15,01; 5.º António Leitão (Portugal) 13.15,18.

# Xadrez: mundial tem jogo adiado

A 15.ª partida do Campeonato do Mundo de Xadrez entre o campeão o soviético Garri Kasparov e o aspirante seu compatriota Anatoli Karpov, foi adiada para amanhã.

Kasparov solicitou ontem o adiamento (o 2.º que pede desde o começo do encontro) porque deseja descansar durante dois dias. O campeão totaliza 8 pontos contra 6 do aspirante, num torneio previsto para 24 partidas.

**Sokolov e Iussupov empataram**

Os soviéticos Artur Iussupov e Andrei Sokolov empataram a 4.ª partida da final do Torneio de Candidatos ao título mundial de xadrez, que estão a disputar na capital da Letónia. Iussupov e Sokolov tinham suspendido a partida na terça-feira, ao 41.º lance, e decidiram o empate sem a recomeçar. Iussupov está a ganhar por 3-1.

**Nosso Nacional**

João Cordovil (EDP) e João Sousa (Benfica) ficaram a par na liderança da fase prelimina do Nacional de Xadrez (com seis pontos), e já qualificados para a final, depois de terem ganho e empatado, respectivamente, frente a Fernando Ribeiro (GX Guarda) e Carlos Carneiro (Massamá). A última jornada realiza-se esta noite nas instalações da Associação dos Deficientes das Foraças Armadas, com cerca de uma dezena dos 37 concorrentes a aspirarem ainda aos restantes cinco lugares de apuramento.

*Futebol não trava*

# Europa arranca para o "Europeu"

Por aí fora, com calendários organizados a tempo e horas (o que não acontece pela nossa banda) as turmas do velho continente efectuam jogos de preparação para o «europeu» ou, como já aconteceu ontem, realizam cinco duelos «a doer», que redondaram num único êxito caseiro e em quatro empates nulos. Ora veja-se:

**Roménia, 4-Austria, 0**

Em Bucareste, a Roménia, com a ajuda de oito jogadores do Steaua de Bucareste, «esmagou» a Áustria por 4-0, em encontro inaugural do Grupo 1 de qualificação para o europeu. Stefan Iovan (do Steaua) foi o «carrasco» dos austríacos, ao bisar (com golos aos 44 e 63 minutos) tendo o talentoso Marius Lacatus e Gheorghe Hagi apontando os restantes tentos, aos 64 e 89 minutos.

Impondo um forte domínio territorial e jogando com grande agressividade ao ataque, os romenos (que falharam a sua qualificação para o último mundial no México dominaram completamente todas as situações.

Sob a arbitragem de Gerrad Biguet as equipas alinharam:

Roménia: Moraru; Iovan, Bumbescu, Belodecidi e Klein; Rednic, Boloni, Mateut (Balaci, 75) e Hagi; Camataru e Piturca (Lacatus, 46).

Áustria: Lindenberger; Lainer, Brauneder, Weber e Messlender; De Georgi, Kienast (Werner, 46) Baumeister e Turner; Schachner e Polster.

**Islândia, 0-França, 0**

A Islândia, com uma defesa firme como o gelo, congelou todos os ataques da França, impondo um empate (0-0) em jogo do Grupo 3 de qualificação para o «europeu» disputado em Reykjavik. Com os franceses (actuais campeões europeus) a tentarem pressionar o último reduto islandês, os donos da casa estiveramà beira da surpresa, quando Arnae Gudjohsen quase marcou nos minutos finais da partida. O jogador islandês havia já criado sério perigo para a baliza à guarda de Joel Bats aos 15 minutos, mas o remate saiu com pouca direcção.

No entanto, foram os franceses a criarem pânico nas hostes islandesas, nos últimos 15 minutos do confronto, com Jean Tigana e Luis Fernandez a rubricarem exibições de grande nível.

Sob a arbitragem de Fergusson (Escócia) alinharam:

Islândia: Sigursson; A. Jonsson, Gudjohnsen, Sigurvinsson e Edvaldsson; Toreasson, Gislasson, Petursson e Margeirsson; St. Jonsson e K. Johnsson.

França: Bats; Amoros, Boli, Battiston e Ayache; Fernandez, Vercrysse, Tigana e Genghini; Stopyra e Brille.

**Finlândia, 1-País de Gales, 1**

Um golo do suplente Neil Slatter (aos 66 minutos) salvou o País de Gales do pior frente à Finlândia, garantindo empate (1-1) em jogo do grupo 6 de qualificação para o «Europeu», em Helsínquia. Slatter, que rendeu o médio David Williams (aos 52 minutos) apontou o tento da igualdade num bom golpe de cabeça, após um «canto» transformado por Clayton Blackmore.

Os finlandeses, que fizeram uma cobertura impiedosa a Ian Rush, adiantaram-se no marcador (aos 10 minutos) também num golpe de cabeça e no seguimento de um «canto» apontado pelo avançado Kari Ukkonen, que milita numa equipa belga.

Nos últimos minutos, Robbie James falhou uma ocasião soberana de marcar, perdendo a hipótese de vitória para os galeses.

As equipas:

Finlândia: Kari Laukkanen; Esa Pekonen, Kari Ukkonen, Jukka Ikalainen e Jari Europaeus; Erkka Petaja, Pasi Tuuriaianen, Markus Toernvall e Ari Hjelm; Mika Lipponen (Ari Valvee, 76) e Jari Rantanen.

País de Gales: Martin Thomas; Kenny Jackett, Kevin Ratcliffe, Jeremy Charles e Robbie James; Peter Nicholas, Clayton Blackmore (Steve Lowndes, 81), Mark Aizlewood e David Williams (Neil Slatter, 52); Ian Rush e Dean Saunders.

**Bélgica, 2-Irlanda, 2**

Um golo de «penalty» no último minuto (por Liam Brady) garantiu à Irlanda um difícil empate (2-2) em Bruxelas, frente à Bélgica, em encontro do Grupo 7 de qualificação para o europeu. **«Estou muito desiludido com este resultado, pois pressionámos sempre ao ataque e cometemos um erro de distração no último minuto»** — lamentou-se o técnico Guy Thys.

Nico Claesen abriu o activo para os belgas (aos 14 minutos) mas Frank Stapleton igualou (volvidos quatro minutos), deixando maior suspense para o 2.º tempo. Aos 71 minutos, Enzo Scifo (coqueluche do futebol belga) fez o 2-1 para os locais, num golpe de cabeça, e quando tudo parecia fácil veio o «penalty», com Brady a não perdoar e a empatar.

Os belgas exibiram um futebol mais agressivo e aberto, com constantes trocas de bola, tendo o resultado final sido um prémio para o espírito lutador dos visitantes.

Sob arbitragem de Ioan Igna (Roménia) as equipas alinharam:

Bélgica: Pfaff; Grun, Van Der Elst, Leo Clijsters e Patrick Vervoot; Scifo, Stephane Demol, Ceulemans e Vercauteren; Nico Claesen e Filip Desmet.

República da Irlanda: Pat Bonner; David Langan, Chris Hughton (Jim Beglin, 82), Mark Lawrenson e Kevin Moran; Liam Brady, Ray Houghton, Paul McGrath er Frank Stapleton; John Aldridge e Tonny Galvin (Ronnie Whelan, 80).

**Escócia, 0-Bulgária, 0**

A Bulgária, com um futebol rápido e de contra-ataque, esteve perto de surpreender (em Glasgow) a Escócia, no Grupo 7 de qualificação para o Europeu, num jogo que terminou empatado sem golos. A Bulgária (um dos países de Leste presentes no último Mundial no México) deu à defesa escocesa muito trabalho, sobretudo durante os primeiros 45 minutos. Após o intervalo, o técnico escocês fez entrar o veterano Kenny Dalglish para o lugar de Charlie Nicholas, numa tentativa de explorar as qualidades daquele jogador. Dalglish (35 anos) que obteve a sua 101.ª internacionalização, mostrou-se impotente para resolver sozinho o problema, tendo o nulo perdurado até final.

As equipas:

Escócia: Leighton; Gough, Malpas, McStay e Narey; Miller, Cooper, Aitken e Johnston; Strachan e Nicholas (Dalglish, 53).

Bulgária: Mihaylov; Nikolov, Dimitrov, Petrov e Iliev; Simeonov, Kolev, Sadkov e Alexandrov; Sirakov e Yoynov.

Classificação do Grupo 7:

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Bélgica | 1 | 0 | 1 | 0 | 2-2 | 1 |
| R. Irlanda | 1 | 0 | 1 | 0 | 2-2 | 1 |
| Bulgária | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| Escócia | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| Luxemb. | 0 | 0 | 0 | 0 | - | 0 |

**Particulares**

Encontros particulares de diversas selecções: Noruega, 0 Hungria, 0; Checoslováquia, 1-Holanda, 0 e Dinamarca, 1-RDA, 0.

**Suécia, 1-Inglaterra, 0**

Um golo solitário do avançado Johnny Ekstroem, aos 51 minutos, deu à Suécia (adversário de Portugal na fase de qualificação para o «Europeu») a vitória (1-0) frente à Inglaterra, em jogo particular disputado em Estocolmo. O tento de Ekstroem garantiu ainda aos suecos a sua primeira vitória frente à Inglaterra desde 1959. O golo surgiu de uma abertura de Bjorn Nilsson para Ekstroem, que (isolado) não teve dificuldades em bater o guarda-redes e «capitão» da selecção inglesa, Peter Shilton.

A Inglaterra, que foi adversária de Portugal no último Mundial no México, ressentiu se da ausência de alguns jogadores chaves, como Gary Lineker e Peter Beardsley. A Suécia foi a equipa mais esclarecida sobre o terreno, justificando plenamente o resultado final.

As equipas:

Suécia: Jan Moller; Stig Fredriksson, Glenn Hysen (Torbjorn Persson, 71), Peter Larsson e Roland Nilsson; Ulf Eriksson, Robert Pritz, Glenn Stromberg e Anders Palmer; Bjorn Nilsson e Johnny Ekstroem.

Inglaterra: Peter Shilton; Viv Anderson, Kenny Sanson, Terry Butcher e Alvin Martin; Ray Wilkins, Glenn Woodle, Trevor Stvens (Chris Waddle, 71) e Steve Hodge; Kerry Dixon e John Barnes (Tony Cotte, 60).

**Olímpicos**

A selecção suíça venceu o Liechtenstein por 10-0 em jogo de qualificação para os próximos Jogos Olímpicos de Seul, de 1988. Os golos foram marcados por Sutter (3), Muller (2), Pelegrini (2), Hertig (2) e Hegi.

*Tróia: a belga Ilse Ruyscher vai bater a suíça Emanuela*

# Ténis movimenta-se

Nos «courts» do Estádio Nacional, continua a desenrolar-se o torneio «Água de Luso Portugal Open Junior», que a Escola de Ténis João Lagos organizou. Desfechos de embates femininos:

Pampoulova (Bulgária) e Curmi (Malta), passaram com «byes» por serem cabeças de série principais. As outras: Nicole Welte (Suiça) — Patrícia Teles, 6-2, 6-2; Sabine Appelmans (Bélgica) — Marta André, 6-0, 6-0; Maiken Olsen (Dinamarca) — Maria Rego, 6-1, 6-1; Tânia Couto — Claudia Kertchofer (Áustria), 6-7, 6-2, 8-6; Susane Gotil (Dinamarca) — Alexia Gera (Malta), 6-3, 4-6, 6-2; Ilse Veldeman (Bélgica) — Rita Ascenso, 6-3, 6-2.

**Elas em Tróia**

A eliminação da suiça Emanuela Zardo, uma das grandes favoritas, foi a grande surpresa do «Open» de ténis de Tróia (em femininos), que conta com a presença de tenistas de vários países estrangeiros. Emanuela, que foi finalista do torneio «Vitalis» (no Porto), cedeu frente a Isle Ruycher, pelos parciais de 6-4 e 6-1. A tenista helvética queixou-se do piso rápido do «court», revelando que o seu estilo de jogo se adapta melhor à terra batida.

O «Open» de Tróia teve ontem os resultados seguintes: Clare Wood (Inglaterra) — Karin Kschwendt (Luxemburgo), 6-1, 3-6, 6-0; Lone Vandborg (Dinamarca) — Martina Reinhardht (RFA), 6-4, 6-3; Patricia Hy (Hong Kong) — Sandrine Jaquet (Suiça), 6-2, 6-2; Nathalie Rodriguez (França) — Stephanie Rauch (EUA), 6-2, 6-1; Cornélia Dries (RFA) — Louise Pleming (Austrália), 4-6, 6-2, 6-4.

**Torneio «Aliança Seguradora»**

Abílio Oliveira venceu Luís Pinto Ribeiro (5-7, 7-6 e 6-1), na mais equilibrada das cinco partidas disputadas nos oitavos-de-final do «Torneio Aliança Seguradora», a decorrer no Clube de Ténis do Porto. Resultados dos jogos disputados ontem: Pedro Carvalho da Silva — Paulo Spratley, (6-0 e 6-1); Alberto Miguel — Manuel Silva, (6-3 e 6-3); António Figueiredo — Julio Mendes, (2-6, 6-3 e 6-4); José Maria Santiago — José Pedro Henriques (6-0 e 6-2) e Abílio Oliveira — Luís Pinto Ribeiro, (5-7, 7-6 e 6-1) os três últimos encontros dos oitavos-de-final realizam-se hoje e são os seguintes: Paulo Coelho — José Guilherme, Manuel Sousa — José Mário Silva, Manuel Pedroso — Luís Damasceno.

Na competição feminina, disputaram-se os dois derradeiros encontros de qualificação para o quadro principal, que tem hoje a sua jornada de abertura. Na 1.ª partida, Anabela Casanovas venceu Raquel Pereira, (6-0 e 6-1) e na segunda Inês Drumond eliminou Angelina Guimarães (6-1 e 6-0).

# Golfe no Estoril

Mercê do esforço de alguns entusiastas e de diversas empresas, o golfe sai de um período hibernal, ressurgindo como modalidade desportiva do agrado de muitos portugueses. Agora é a vez do Clube de Golfe do Estoril-Palácio (através do seu Departamento Juvenil) promover o 1.º Curso Golfe/Becel, que é disputado por filhos ou parentes dos seus associados (de idade compreendida entre os oito e os 16 anos).

São cerca de 80 jovens praticantes envolvidos neste certame que tem, incentivo da Estoril-Plage e da Becel: os mestres Henrique Paulino e Carlos Aleixo lá estão para tirar todas as dúvidas, enquanto os alunos dispõem (gratuitamente) de tacos e bolas. Nos intervalos, toca para a piscina: o professor Yokochi, o filho Alexandre e a Ana ensinam os meninos a nadar na piscina do Clube de Golfe do Estoril-Palácio.

Atenção: a 15 e 16 deste mês terá lugar um torneio a nível nacional, com representantes de jovens de várias zonas do País. Competição que será a meta do Curso Golfe/Becel.

# Modalidades

**Andebol: jugoslavo em Coimbra**

A equipa de andebol da Associação Académica de Coimbra contratou o jogador jugoslavo Spelic Feliks, atleta com 1,85m de altura que representou o Usnja, de Lubliana. É o primeiro estrangeiro da equipa estudantil e será apresentado aos adeptos da Académica no próximo dia 19, num jogo que oporá a turma de Coimbra ao Atlético Clube do Caramão.

A Associação Académica de Coimbra poderá ingressar na 1.ª Divisão nacional caso se confirme a desistência do Académico do Porto, vencedor da competição secundária na época passada.

# Sporting: Jaime Duarte apresentará candidatura?

Amanhã, pelas 21 horas, reúne o Conselho Leonino para analisar a situação decorrente da renitente abdicação de João Rocha à presidência do Sporting e ao aparecimento da proposta de candidatura do dr. Moisés Ayash, que (segundo o dr. Emídio Pinheiro, presidente da Assembleia Geral dos «leões») **é um associado que não faz parte dos nomes que têm estado em análise no Conselho Leonino».**

Ao mesmo tempo, José António Arsénio (tal como informámos nas nossas edições de ontem) comanda um numeroso grupo de associados «verdes» que pretendem que seja Jaime Duarte a tomar as rédeas do símbolo de Alvalade. Daí, portanto, que embora Jaime Duarte vá assegurando que não tem tempo para ocupar o lugar de chefia do executivo **Verde-branco**, exista sempre um possibilidade de quem o apoia e incentiva conseguir demover o antigo vice-presidente do clube e colocá-lo na lista dos «presidenciáveis».



*Belenenses, 2-Iraque, 1*

# E perdeu-se a telenovela...

Aproveitando a estadia entre nós a turma futebolista do Iraque (em estágio para os Jogos Asiáticos) o Belenenses concertou um jogo para a noite de ontem, num Restelo quase deserto. Pretexto maior para a função: a apresentação do brasileiro Paulo César, que deseja alinhar na turma comandante do nosso campeonato nacional.

«Show» que não contagiou patavina, Paulo César a desfilar quase anonimamente sobre o relvado, os jogadores emritmo de treino e sem grandes preocupações na procura do melhor resultado. No período complementar, com a onda de sunstituições, tudo ficou pior: e a pequena plateia mais se aborreceu, sobretudo porque não observava em Paulo César o mínimo de condições para vir ombrear com Silvério, Mapuata e Mladenov, ainda que só o zairense tivesse sido chamado para este embate-treino: mesmo assim foi a melhor unidade em campo, o que também não foi coisa que deslumbrasse, tal a fraca qualidade do duelo que era prodigalizado no rectângulo dos «azuis» para um conclave a bocejar.

Sob arbitragem de António Marçal (Lisboa) as equipas apresentaram:

**BELENENSES:** Jorge; Carlos Ribeiro, José António, Sobrinho e Teixeira; Jaime, Albrto e Jorge Silva; Paulo César, Mapuata e Djão. Jogaram ainda Justino, Murça, Artur, Hilário e Paulo Monteiro.

**IRAQUE:** Jasim; Kahil, Aduian, Hussen e Haris; Rady, Sadi, Basil e Shaker; Ganim e Salam. Actuaram também Mustafa, Karim e Rahim.

Golos de Jaime (17m), Mapuada (78) e Rady (79). Cartão amarelo para Kali e Teixeira.

### Algarve activa-se

O Esperança de Lagos qualificou-se para a final da Taça dos Vencedores das Taças do Algarve, ao bater o Silves por 3-0, em partida disputada no campo da Restinga, em Alvor, nos arredores de Portimão. Vítor (aos 55 minutos) e Gamboa (aos 80 e 85 minutos) deram a vitória à turma lacobrigense.

O Esperança de Lagos vai disputar a final com o Farense, em jogo a realizar no Estádio de S. Luís (Faro) na próxima 4.ª-feira.

•

O Farense venceu ontem o Imortal de Albufeira (2-0) em jogo de caracter particular, disputado no Estádio de S. Luís.

### Campeonato espanhol

O Barcelona e o Las Palmas alcançaram o Bétis no comando do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão, beneficiando da igualdade cedida em casa pela equipa sevilhana frente ao Atlético de Bilbao (0-0). Na jornada de ontem a (a 3.ª) o Barcelona venceu no «Nou Camp» o Cadiz (2-0) e o Las Palmas ganhou em casa ao Espanhol (3-2), enquanto o Real Madrid voltou a surpreender ao empatar a dois golos no terreno do Gijon. Outros resultados da Jornada: Santander-Maiorca, 1-2; Osasuna-Sabadell, 1-1; Real Sociedad-Sevilha, 0-2; Bétis-Atlético de Bilbau, 0-0; Saragoça-Valladolid, 0-0 e Atlético de Madrid-Múrcia, 2-0. Classificação: 1. Barcelona, Bétis e Las Palmas, 5 pontos; 4. Atlético de Madrid, Real Madrid e Maiorca, 4; 7. Saragoça, Real Sociedad, Espanhol, Osasuna, Gijon, Valladolid e Atlético de Bilbao, 3; 14. Sabadell, e Sevilha, 2; 16. Santander e Cadiz, 1; 18. Múrcia, 0.


Teatro Nacional de S. Carlos

E.P.

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA 1986/1987

ENTRADA LIVRE

AULA MAGNA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

12 DE SETEMBRO DE 1986 ÀS 21.30 HORAS

CONCERTO SINFÓNICO

PROGRAMA

F. LACERDA – 2 PEÇAS PARA ORQUESTRA
J. SIBELIUS – SINFONIA N.º 2 EM RÉ MAIOR OP. 43
P. HINDEMITH – SINFONIA «MATHIS DER MALER»
ORQUESTRA SINFÓNICA DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
JOHN NESCHLING maestro

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
SETEMBRO/1986

A VIÚVA ALEGRE

(FRANZ LEHÁR)
LA VEUVE JOYEUSE DIE LUSTIGE WITWE THE MERRY WIDOW
DIAS 22, 23, 24, 25 E 26 (21.00 HORAS) E 27 (16.00 HORAS).
PELA COMPANHIA RESIDENTE DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

INTERPRETES PRINCIPAIS
ELSA SAQUE/ELIZETTE BAYAN • LIA ALTAVILLA/FILOMENA AMARO
FERNANDO SERAFIM • VASCO GIL/JOSÉ MANUEL ARAÚJO
HUGO CASAES • LUÍS HORTA

BAILARINOS DO CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DA CNBTSC E DO CONSERVATÓRIO NACIONAL
COREOGRAFIA: VICENTE TRINDADE

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
Maestro Titular: GIANNNI BELTRAMI

ORQUESTRA SINFÓNICA DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
DIRECÇÃO MUSICAL: MANUEL IVO CRUZ

BILHETES À VENDA NO S. LUIZ A PARTIR DE 12 DE SETEMBRO

APOIOS: RÁDIO COMERCIAL/RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA/RADIODIFUSÃO PORTUGUESA - PROGRAMA 2 - MAIORES DE 3 ANOS



TEATRO NACIONAL D. MARIA II

e novo grupo apresentam

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
DE NOVO EM CENA
(apenas algumas semanas)
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 16

MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS

de
BERTOLT BRECHT

ENCENAÇÃO: JOÃO LOURENÇO

Com (por ordem de entrada em cena): Carlos Daniel – Orlando Costa – Mário Pereira – Eunice Muñoz – Irene Cruz – Francisco Pestana – Jorge Gonçalves – Rui de Carvalho – Carlos Fonseca – Rogério Paulo – Ruy de Matos – São José Lapa – Artur Mendonça – Carlos Costa – João de Carvalho – Igor Sampaio – Barroso Lopes – Carlos Duarte – Manuel Cavaco – António Banha – Madalena Braga – António Anjos – Catarina Avelar – Nuno Franco.

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA – TEL. 32 22 10



TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA

ANÚNCIO

O DR. ALBERTO JOÃO BORGES, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Franca de Xira.

FAZ SABER QUE, sob o n.º 137/86 da 1.ª secção do 1.º Juízo, desta Comarca, correm seus termos os autos de Falência em que é requerente GESTENTO – SOCIEDADE DE INFORMÁTICA E SERVIÇOS, LDA., com sede na Estrada Nacional n.º 10 ao km 127,2 em Alverca do Ribatejo e que são convidados a comparecer neste Tribunal, no dia 15 do próximo mês de Outubro, pelas 10 horas, todos os credores da requerente, com o fim de conseguir-se concordata com aquela, depois de serem apreciadas a situação do seu negócio e as causas do estado de falência e de se discutirem e apreciarem os débitos. Os credores que não figurem na relação apresentada pela requerente podem reclamar no processo os seus créditos até 10 dias antes daquele designado para a reunião; qualquer credor, nos 5 dias seguintes, pode impugnar creditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da requerente.

Vila Franca de Xira, 3 de Setembro de 1986

O JUIZ DE DIREITO
Alberto João Borges

O Escrivão Adjunto
Francisco Manuel F Monteiro

D.L. 11/9/86 – 1.ª Pub.



APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE
Uma Mulher de Armas ou O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos, também às 16 horas

A BARRACA
Rua Alexandre Herculano, 70 – 1200 Lisboa RESERVAS – TEL. 686300

PROCURA-SE!
0000$00

MARIA DO CÉU GUERRA
música
António Cardoso
direcção
Helder Costa

Recomeça sábado dia 13
AR CONDICIONADO

# Crónica de Touros

## Crónicas de Alcochete

# A tarde

**Soliloquio**

António Carvalho, o popular «Galinha», acaba de chegar do sorteio. Nos começos quis ser toureiro; e acabou consumindo a «aficion» como moço de espadas, conheceu de Espanha as praças e seus segredos, anda agora por cá, ao serviço dos Telles. Nessa condição se acha em Alcochete, doze anos correram sobre a tarde de Verão em que o fui encontrar em Elvas, interregno de seu viver taurino, estabelecido com uma sapataria. Diz-me que a corrida está bem-posta, embora sem ser o que dizem. Não sei o que dizem, sei apenas o que acabou saindo dos curros, honra seja feita à empresa, apresentou uma autêntica corrida de touros, cumpridos os quatro anos, e além disso impondo respeito; sem contar o conde de Cabral, que abriu praça e saiu coxo, corrido aliás fora de concurso, pois tapava a falta do anunciado Passanha. Mas aos concursos, em Portugal, não se lhe dá importância; começa logo por não se respeitar na ordem de lide a antiguidade das ganadarias; e depois falta o aparelho principalpara medir a bravura, a sorte de varas. Mesmo assim, além de terem cumprido, sobre o manso, tanto o Palha como o Pinto Barreiros, houve três touros de aplaudir: o de Ernesto de Castro, grande de esqueleto e poderoso de musculatura, que tinha que tourear; o de Murteira Grave, de imponentes carnes e pronta investida, que só não fez merecida de todo a volta ao redondel dada pelo «ganadero», porque no final começou a soltar-se do cavalo para buscar o abrigo das tábuas; e finalmente o exemplar do conde de Cabral que valia para concurso, corrido em quinto lugar, fez de toda a justiça a volta à arena do seu criador, ovacionada de modo a não deixar dúvidas que estava ali o vencedor, o touro de todos os lugares da praça acudia aos cites, de boca fechada sustentava a guerra até ao fim, na arena merecia ter morrido.

X X X X X

Café Central. Em terra que se preze, há sempre um café Central. Ou apenas houve, como em Vila Franca, um banco o levou. Como o nome indica, em Alcochete, o Central está no centro da vila. Em frente, do outro lado da rua, fica bilheteira dos touros, desde manhã movimentada, sinal da boa entrada que à tarde vai acontecer, ajudar à alegria do festejo. Para as bandas da igreja, e apesar da hora que pela tarde dentro já entrou, ajunta-se o gentio em multidão, à espera que passem os touros, hão-de voltar não se sabe donde, trazidos pelos campinos. Mas no Café Central o ambiente é tranquilo, da bica e jornal restam da manhã ainda uns dedos de conversa trivial. Uma senhora gorda entrou, com passo entre acelerado e comprimido do aperto que trás, sem tempo para tirar da cabeça o capacete. A motorizada ficou ronquejando à porta, com o marido ao leme, depenicando um cacho de uvas, ela vai direita á casa de banho, onde na porta há um delicado aviso: «Avariada. Muito Obrigado». Não tem nada que agradecer. Mas já não tarda que, saltando sobre a pacatez solitária do meu vermute, apagando da dama os urinários apertos, chegue da rua um sobressalto. A rapariga do balcão acorre, desliza numa pressa a porta de vidro, quase entala um fugitivo de óculos, que entra no Central na onda do pânico, do salve-se quem puder, vêm aí os touros. Através da transparência supostamente protectora da vidraça esperamos ansiosos que passem os brutos, oxalá não reparem no Central. Mas os brutos afinal não passam, o criado acha estranha a demora, entreabre a porta, espreita, logo seguido de diversas cabeças curiosas. É nisto que se ouve um silvo de ambulância, deve ter havido colhida, coisa séria. Não, não foi, que já a voz do povo chega da rua, podem abrir as portas, os touros já não vêm, parece que se escaparam para os lados das salinas, era rebate falso, o burburinho aconteceu por causa de um tipo que foi apanhado a aproveitar-se do aperto, a apalpar o rabo a duas pequenas, logo duas, o povo caíu-lhe em cima, deram-lhe uma tareia que o deixaram pronto, caramba, se fosse colhido por um touro não tinha sido pior.

X X X X X

Almoço tardio, de hora espanhola. Na ementa da «taberna» há um bacalhau da casa. O moço explica, é assim um estilo da Narcisa de Braga, está bem traga lá uma dose. Durante a espera, vejo à porta, investigando a lista, reconheço-os ao contra luz, dois antigos colegas de emprego, a Maria de Jesus e o Fonseca, que alegria. Abancaram ali mesmo, também pedem bacalhau ao estilo provável da Narcisa de Braga, deve ter batata frita às rodelas, a cebolada por cima da posta também frita, mais ou menos. Mas a posta é o menos, o mais é o prazer casual do reencontro da cavaqueira, passando em revista a lembrança de companheiros comuns, saber onde estão, se continuam sorridentes ou mal dispostos, se pensando no expediente ou na compainha que não há maneira de tocar. Como se estivéssemos outra vez sentados à mesma secretária. Como se aqueles papéis, cartas, listagens, consumidores de tantas horas e paciências, fossem apenas um pretexto, o importante são mesmo as pessoas, ter dividido com elas uns anos de vida que ali parecia retomada, saltando por cima dos trabalhos que vieram depois, distraída de vulgaridades e rotinas. Tão distraída, que nem repararam como a Maria de Jesus e o Fonseca se anteciparam na franqueza, pediam a conta, pagavam tudo, o bacalhau, e a cerveja, e o melão, e o café, já não adiantou reclamar, a sorridente briga tinha um tom de causa perdida, em restaurante discussão de pagar a conta quem a ganha é o primeiro a pagar, o resto é conversa.

X X X X X

À volta da praça, próxima a hora do festejo, animação. Gente que acorre às bilheteiras, que procura a porta do seu sector, ou que fica ali, por onde entram os chamados artistas, vendo desembarcar dos camiões os respectivos cavalos, fazendo uma conversinha à cata das últimas, ou esperando simplesmente uma borla. Também ali parou dona Maria Rebimbas. Quem vai às touradas, tem forçosamente de saber quem é. Dizem-na sobrinha do bispo, mas sua vida não é sacristia, passa-se a vender no mercado de Oeiras, tem ar decidido de que com ela ninguém faz farinha, e se fizer vai aviado. Mas onde há touros, aí está pronta para a festa, a blusa garrida, o chapéu negro de aba larga com cravo vermelho, e o carregamento das outras flores, os molhos já preparados, divididos para cada cavaleiro, cada bandarilheiro, cada forcado, se houver matador também leva a sua dose. Quando o artista passa, na volta à arena, dona Maria salta ágil para cima da barreira do Sol, debruça-se toda para a frente num problemático equilíbrio, em cada ramo deposita um beijo repenicado, vai-os lançando um a um, por fim aplica as mãos livres num bater de palmas que só visto, não sei como não lhe doem as mãos, tantas palmas tão vivas e sonoras, primeiro na direcção dos premiados, e depois voltada para o povo, a incitá-lo a que não fique atrás, aplauda com igual calor o acontecido. Dona Maria Rebimbas ali está, em Alcochete, pronta para mais uma tourada, com sua provisão de flores, negando remoques de preferências. «Eu trago flores para todos os que trabalham bem.» «Trabalhar, não, dona Maria», diz-lhe o bandarilheiro Baratum, «se fosse trabalho não havia toureios». E dona Maria sorri, talvez sem atingir o duplo sentido da ironia que não se dirigia apenas à preguiça dos toureiros (se fosse trabalho punham-se ao largo), mas também ao essencial da sua condição: tomando o toureio como trabalho, já toureiro se não pode ser.

X X X X X

Corre entretida a tarde, na arena de Alcochete, onde vão saindo touros mesmo touros. Assim, embora com as hastes escondidas à moda nacional, ganha a tourada uma emoção diferente da que nela é agora costumado. Não pode Veiga luzir-se entre os protestos contra o tal coxo primeiro; mas já na lide do Grave se adornou a frágil figura na delicadeza se disfarçou o apuro da técnica, a visão dos terrenos, a sábia prontidão no farpear a sesgo, assim que começou o touro a pedir tábuas. Desentenderam-se Paulo Caetano com o de Ernesto de Castro, numa lide porfiona e pesada; diferente daquela em que levou o Palha, em medida brega, separar-se do touro não era desligar-se dele, mas ganhar espaço para a vibração do encontro de frente, depois para o adorno da saída. Mas sucedeu que no cartel estava um senhor jovem cavaleiro chamado João Palha Ribeiro Telles, que umas vezes está frio, e outras vezes assim-assim, mas que desta vinha tocado pelo sopro da inspiração. E quando isso acontece, alto lá com o charuto. Já com o Pinto Barreiros dera João um aviso. Mas com o excelente touro que foi o quinto da tarde, o conde de Cabral vencedor, saltou a chispa da arte: na beleza garbosa dos cites, na colorida emoção dos ferros no alto, na graciosa alegria dos desplantes. E as palmas faziam fumo, até diferentes pareciam as de dona Maria Rebimbas, quem sabe se alguma lhe segredava, lá dentro, que aquilo afinal não era trabalhar.

# Gal confirmada para Outubro... mas sem Marco Paulo

A apresentação de Gal Costa em Portugal, nos dias 9, 10 e 11 de Outubro no Coliseu de Lisboa e a 16 e 17 do mesmo mês, no Coliseu do Porto, está definitivamente confirmada — segundo os organizadores dos espectáculos e a editora discográfica Polygram.

Estas entidades fazem ainda questão de sublinhar que, notícias vindas recentemente a lume sobre a eventual participação de Marco Paulo na primeira parte dos espectáculos de Gal, «são pura especulação».

Gal Costa apresentar-se-á nas datas previstas, acompanhada pelos músicos que habitualmente com ela trabalham, baseando o espectáculo no seu último Lp «Bem Bom», primeiro «disco de ouro» em Portugal, ainda hoje líder de vendas da tabela de LP's no nosso país.

# Cultural Portugal

*Imagem do filme de György Szomjas, «The Wall Driller» uma das muitas películas que integram a selecção oficial do XV Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.*

## Cinema

•( Tem hoje início na Figueira da Foz a décima quinta edição do seu Festival Internacional de Cinema que abre, como informámos em primeira mão, com uma sessão especial, dividida em três partes a partir das 15 horas, em que será projectado na íntegra o filme de Manoel de Oliveira «Le Soulier de Satin». O Festival da Figueira, com a duração de onze dias, tem o encerramento marcado para o próximo dia 22.

## Exposições

• Desde ontem na Galeria de Arte da Cervejaria Trindade, uma mostra de Pintura de Fernanda Igrejas «Nanda». Pode ser visitada das 12 às 15 e das 19 às 20 horas, todos os dias até 28 de Setembro.

• Até 30 do corrente mês na galeria Quadrum — Rua Alberto de Oliveira — Coruchéus, Alvalade, de segunda a sexta-feira, está patente uma «Colectiva de Pintura e Escultura dos artistas Gracinda Candeias, José de Carvalho, Eurico, José de Guimarães, Miranda Justo, António Mira, João Moniz, A. Palolo, Sérgio Pombo, Joaquim Rodrigo, Pedro Campos Rosado e Julião Sarmento.

• No Museu Tavares Proença Júnior em Castelo Branco, até 14 de Setembro, uma exposição de fotografias de Gisèle de Barbosa Araújo.

• Francisco Gaia expõe óleos até 18 de Setembro na Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova, na Estrada de Benfica n.º 503, todos os dias das 10 às 24 horas.

• Até 10 de Outubro na «Auto Palace» na Rua Alexandre Herculano n.º 66, uma exposição de fotografias de Vasco Callixto, com o título «Viagem a uma Europa Desconhecida», tiradas durante uma viagem de carro à Islândia e às Ilhas Faroe. De 2.ª a 6.ª das 8 às 20, aos sábados das 9 às 13 horas.

• Na Fundação Gulbenkian continua até meados do mês a III Exposição de Artes Plásticas: Obras de Pintura, Escultura, Arquitectura, Design, Desenho Gravura, Objectos, Fotografia e Vídeo.

• Na Sociedade Nacional de Belas-Artes na Rua Barata Salgueiro, os «Prémios AICA-86»: cento e vinte trabalhos de Pintura, Escultura, Desenho e instalação, que concorreram ao «Prémio AICA» deste ano. Patente até 2 de Outubro.

• No Espaço Poligrupo/Renascença, à Rua Ivens n.º 14, «Primeira Impressão» de Ricardo Gouveia (Rigo). Além de exposição de pinturas, há projecção de vídeos e as paredes e os tectos da galeria estão cobertos com manchas pretas, em estilo «BD».

• No Barreiro, na Biblioteca Municipal, de 2.ª a 6.ª feira entre as 10 e as 12 e das 14 às 17, uma colectiva de Pintura, Escultura, Fotografia, Tecelagem e instrumentos musicais, patente ao público até 31 de Outubro.

● Na Galeria do Hotel Albatroz, em Cascais, das 10 às 23 horas até dia 13 pintura e desenho de Pissarro.

● Na Galeria de Arte do Casino Estoril, todos os dias das 10 às 23, até dia 17, o artista brasileiro (da Baía) Carybé, expõe vinte e cinco óleos, trabalhos em têmpera e vinil e uma colecção de lito e serigrafias.

● Na Junta de Turismo da Ericeira, todos os dias (até 24 de Setembro), das 9.30 às 24 horas, pintura de Alice Alves Diogo.

## Alfas Triplex
— T. 806496

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

T. 763319
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

## Shopping Center de Lisboa

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

## Apolo 70

A ÁGUIA DA ESTERPE
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24 h

## Ávila
— T. 539930

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

## Avis
— T. 547163

RAPARIGAS PRECOCES
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

## Capitólio
— T. 372358

A FILHA DE ELISABETE
(int. a men. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

## Castil
T. 530194

UNS E... OS OUTROS
(n/acons. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

**Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444**

## Cinebloco
— T. 556824

PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A VIOLAÇÃO
(maiores 12 anos)
24.00 h

## Cinebolso

LOUCURAS SEXUAIS
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Cine Camões
T. 324194

ASSASSINOS SOBRE RODAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.45, 16.30 e 21.30 h

## Cinemateca

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA
18.30 h

INTOLERÂNCIA
21.30 h

## Cine 222
— T. 579460

PARÓDIA DE FÉRIAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Cine Portela
— T. 2524761

OS GOONIES
(maiores 6 anos)
16.00 e 21.45 h

A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

## City Cine
— T. 549999

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

## Condes
— T. 322523

VOLUNTÁRIO À FORÇA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Eden
— T. 320768

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Estúdio
— T. 555134

O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

## Estúdio ACS
— T. 887255

(A FACE DO PODER
(int. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

## Estúdio 444
— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

## Fonte Nova

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

## Forum Picoas
— T. 541037

FILME DE AMOR E ANARQUIA
(não acons. men. 18 anos)

## Gemini
— T. 734009

AS FORÇAS DO UNIVERSO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Hollywood
— T. 802859

VOLUNTÁRIO À FORÇA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

LOUCA POR SI PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

## Império
— T. 555134

QUE PARÓDIA DE FÉRIAS
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

## Las Vegas
— T. 631162

GANSOS SELVAGENS
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

## Londres
— T. 801313

TERNOS LAÇOS
(n/acons. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Mundial
— T. 538743

Encerrado para remodelação

## Nimas
— T. 574362

GINGER E FRED
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Odeon
— T. 326283

UM MARIDO MUITO INCAPAZ
(m. 18 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Olímpia
T. 325309

PRAZERES CLANDESTINOS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

## Pathé
— 821933

EXCALIBUR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

## Politeama
T. 326305

O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Quarteto
T. 771378

SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 23.30 h

SÉRIE NEGRA
(maiores 16 anos)
23.30

A CASA ENCANTADA
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

ESTRADA DE FOGO
(maiores 16 anos)
23.30

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23 h

TARZAN O HOMEM MACACO
23.30

OS INIMIGOS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h

TESS
23.30

## Roma
T. 889192

007 MISSÃO ULTRASECRETA
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Roxy
T. 548560

O HOMEM FURACÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## S. Jorge
T. 579144

THE COLOUR PURPLE — A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.30, 19.30 e 21.45 h

## 7.ª Arte
— T. 730715

A COR PÚRPURA
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

## Star
— T. 804210

GINGER E FRED
(n/acons. men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

## Terminal
— T. 371573

O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

## Tivoli
— T. 570595

A CANÇÃO DE HEIDI
(maiores 4 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

## Turim
T. 706666

OS PRISIONEIROS DO UNIVERSO PERDIDO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

## Xenon
T. 368480

O REBELDE MISTERIOSO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

## Zodíaco
— T. 570151

EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

## Linha de Sintra

**AMADORA — Cineteatro** — «Sangue por Sangue», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**AMADORA — Cinestúdio** — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flores** — «Desesperadamente Procurando Susana, às 15 e 21.30 h

**Babilónia** — «De Volta aos Treinos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

**Cine-Teatro Chaby** — Descanso

**Estúdio Dois EME** – «A Honra dos Padrinhos», as 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

## Linha de Cascais

**Casino Estoril** — «007 Operação Relâmpago», às 17, 21.15 (m. 12 anos)

**ALGÉS** — «Regresso ao Futuro», às 15.30, 21.30 h (m. 6 anos)

**OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1** — «Louca por si Professor», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

**Sala 2** — «Pela noite dentro», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (m. 12 anos)

**CARCAVELOS — Atlântida Cine** — «Ultra Secreto», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

**CASCAIS — Miramar/Sala 1** — «Absolute Beginers» às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

**Sala 2** — «Voando Sobre Um Ninho de Cucos», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

## Outra Banda

**ALMADA — Academia** — «Perversa Sedução», às 15.30 e 21.30 h (m. 13 anos)

**ALMADA — Cinestúdio** — «Por Favor Não Me Morda no Pescoço», às 15.30, 18.15 e 21.30 (m. 16 anos)

**COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1** — «Jovens Médicos Apaixonados», às 15.45 e 21.30 h (n/acons. men. 13 anos)

**Sala 2** — «Momento da Verdade», às 16.15 e 21.45 h (m. 12 anos)

**BARREIRO — Cinestúdio Barreirense** — «Loucas Aventuras de Amor e Sexo», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

**LINDA-A-VELHA — Cinetropical** — «Terra Sangrenta», às 16.00 e 21.30 h (m. 12 anos)

**ODIVELAS — Cineodivel** — «Com Asas nos Pés», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

**Cineoceano** — «Música no Coração, às 15.30 e 21.30 h (Para todos)

**CRUZ DE PAU — Cinema Lord** — «A Jóia do Nilo», às 16.00 e 21.00 h (m. 12 anos)

**ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine-St.º António** — «África Minha», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

## Farmácias

**Lisboa — PERMANENTE — AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-63 (T. 3270-67); **SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento**, R. dos Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Lanajeiras, 202-B (T. 724841); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

**REFORÇO — ALFAMA: Costa**, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **3BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PEDROUÇOS: Sociedade Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos. das Prioras (T. 2519939).**

**Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permamente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. Duarte, 67-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243729). Até às 22 horas, **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até ás 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VBEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31467). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS: Brandão**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 41915697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até ás 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Coreia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850365). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA: Campos**, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Clabel**, R. Antonio Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Ate às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 9501117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACEM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 2348120). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 29212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. D. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara**, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da Republica, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

# DL TEATROS

## ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 45**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

**«LISBOA TEJO E TUDO»**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

## Casa da Comédia

**R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99**

De 3.ª a sábado, ás 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00

**«A BELA PORTUGUESA»**, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe Lá Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

## Teatro Nacional D. Maria II

**Rossio — Tel. 37 22 46**

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

**«MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS»**, de Bertolt Brecht. Co-produção: Teatro Nacional D. Maria II/Novo Gurpo. Enc.: João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Int.: André Maia, António Anjos, António Banha, Artur Mendonça, Barroso Lopes, Carlos Costa, Carlos Daniel, Carlos Duarte, Carlos Fonseca, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Francisco Pestana, Igor Sampaio, Irene Cruz, João de Carvalho, Jorge Gonçalves, Madalena Braga, Manuel Cavaco, Mário Pereira, Nuno Franco, Orlando Costa, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Rui de Matos, São José Lapa.

## Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17**

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

**«ISTO É MARIA VITÓRIA»**, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

## Porto — Casa do Infante

**R. da Alfândega — Tel. 3160 25**

De terça a domingo, ás 22.00, excepto este fim-de-semana

**«PIOLHOS E ACTORES»**, de Sanchis-Sinistierra, pelo TEAR. Enc./Int.: António Capelo e Jorge Pinto. Num belo espaço um espectáculo estimulante que deve ser visto.

## Realejo

**R. dos Mercadores, 132, à Ribeira — Tel. 38 36 42**

De quarta a domingo, às 21.30.

**«DRÁCULA JÚNIOR»**, de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advirta e Sílvia Sequeira.

## Teatro Infantil de Lisboa

**R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74**

Sábados e domingos, às 16.00

**«GALILEU CONTADOR DE HISTÓRIAS»**, de José Jorge Letria.

## Porto — Cooperativa do Povo Portuense

**R. de Camões**

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

**«TODA A NUDEZ SERÁ CASTRIGADA»**, de Nelson Rodrigues. Enc. de Angel Facio. Inter.: Antonio Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Faicao, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

## A Barraca

**R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 10**

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 19.00.

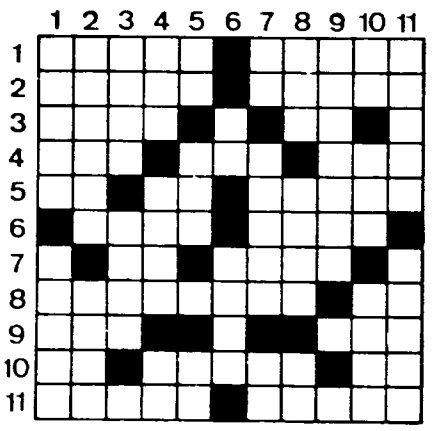
**«CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS»**, dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra. (Repõe a partir do dia 13).

# PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 831

**HORIZONTAIS:**

1 Equipar. Gemer (fig).
2 Bruma. Não nascida.
3 Nesse lugar. Socorra. O mais.
4 Altar cristão. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
5 Prendas. Içar.
6 Efectivos.
7 Aquele que. Bau.
8 Cantão da Suíça. Cabelos brancos. Rate (inv).
9 Caminhar. Unes pelo casamento. Concede.
10 Flutuam. Lista. Artigo definido.
11 Bailarina cigana, espanhola, já falecida. Guarneceis de asas.



**VERTICAIS:**

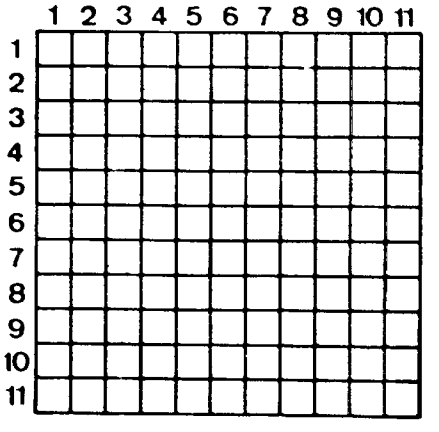
1 Em má hora (ant). Canto.
2 Monarca. Dão urros.
3 Nota musical. Tempo do verbo ser. Oferece.
4 Estima. Preposição. Tomba.
5 Casta. Artigo definido. Lento.
6 Tramaras.
7 Existência. Nome de mulher.
8 Nome de mulher. Solitários.
9 Galho (s.q). Prendera com elos. Lantânio (s.q).
10 Uma das ilhas Jonias. Codigo (abrev).
11 Amotinar. Tribo indígena brasileira.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

## NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 660

**HORIZONTAIS:**

1 Folha de videira. Taberna.
2 Caiam com estrondo. Prenderis com elos.
3 Érbio (s.q). Cidade da Argentina. Abreviatura de Santíssimo.
4 Cidade de Portugal. Carta de jogar. Cento e um em romano.
5 Agora. Gálio (s.q). Irmãos do pai.
6 Nome de homem. Letra grega.
7 Velhacas.
8 Metes em atoleiro. Ruim.
9 Parreira. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
10 Miadela. Prefixo que designa ar.
11 Restos mortais. Vala.



**VERTICAIS:**

1 Negro. Cada um dos cânticos da Bíblia.
2 Madrugada. Pronome demonstrativo.
3 Zomba. Pescadas jovens.
4 Medida antiga, correspondente ao alqueire. Arco da broca de ourives.
5 Angustiados.
6 Freguesia do concelho de Guimarães.
7 Orgão mamario. Pequena ilha francesa, fortificada do Mediterrâneo.
8 Espalhado.
9 Sadia. Uma das Cíclades. Fúteis.
10 Pó de carvão. Fontes (fig).
11 Cidade de Itália. Viatura.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

### N.º 16 830

**HORIZONTAIS:**

1 DEVER. Baila.
2 Arara. Airas.
3 Fria. E. Ri.
4 Nas. Olá. Aer.
5 Er. Sê. Parca.
6 Aios. Avio.
7 Ba. Broa.
8 Alisaras. Pu.
9 Gás. Sim.
10 Am. Proas. Ai.
11 Raera. HONRA.

**VERTICAIS:**

1 Dafne. PAGAR.
2 Errara. Lama.
3 Vais. Ibis. E.
4 Era. Soas. Fr.
5 Ra. Ois. Rã.
6 El. BRIO.
7 Ba. Apara. Ah!
8 Air. Avós. Só.
9 Iriaria.
10 La. Eco. Pur.
11 Asara. Sumia.

**PROVERBIO:** Dever, e homem pagar, é brio.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

### N.º 14 659

**HORIZONTAIS:**

1 Velo. Sago.
2 Respira.
3 Im. Moiro. Co.
4 Bate. Usos.
5 Ame. Aam. Uva.
6 Alem. Agai.
7 Amarga. Lá.
8 Ab. Adiar.
9 Bailo. Nasg.
10 Rataria. Are.
11 Elaram. Alia.

**VERTICAIS:**

1 Viba, Sabre.
2 Mama. Buai.
3 Er. Tella. Ita.
4 Lome. Emular.
5 Oso. Amadora.
6 Papa. Ri. Im.
7 Sir. Magana.
8 Areu., Cara.
9 Ga. Sua. Sa.
10 Covil. Cri.
11 Rosa. Aresa.

## Rádio

**Antena Um**

**16.00**: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**ã Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

**Programa 2**

**16.00**: Música do século XX; **16.30**: Árias de óperas menos conhecidas; **17.00**: Integrais; **17.38**: «Concerto Italiano», em fá maior, BWV 971, de Bach; **18.00**: 5 peças, para piano, op. 3, de Richard Strauss; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «Dido e Eneias», de Purcell; **23.45**: Solos instrumentais; **00.25**: Música sinfónica; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO COMERCIAL**
**Onda Média (283, 290 e 397m)**

**16.00**: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM Estéreo (97,4 MHz)**

**15.00**: A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

**RÁDIO RENASCENÇA**
**Onda Média**

**15.00**: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

**Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto**

**15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacional.

**Voz do Alentejo**

**14.00**: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

**Voz de Lisboa**

**15.00**: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

**FM-Estéreo**

**13.10**: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

# TELEVISÃO

## RTP/1

### 15.02 — Desenhos Animados
As Misteriosas Cidades do Ouro

### 15.30 — Falar de Macau
As cobras

### 16.00 — Inventário Musical
(10.º e último programa) — «Escolas paralelas (B.O.O.)» A música não é só para os músicos. É sobretudo para toda a gente uma vez que toda a gente (poderia) fazer. Na B.O.O. esta ideia informa uma actividade que engloba velhos, novos e crianças. Música para todos, feita por qualquer um.

### 16.25 — Retalhos da Vida de um Médico
(10.º episódio) — «Juanito» Lisboa, 1955. Pedro Martins é agora destacado para, juntamente com duas enfermeiras, prestar assistência aos doentes mais miseráveis ou que não podem deslocar-se até ao hospital.

### 17.00 — Ontem Viu?
«Foi êxito na TV»
«Gente Fina é Outra Coisa»

18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
— A Arca de Noé
— Era uma vez

### 18.45 — País, País
### 19.15 — As Portas do Desconhecido
(33.º episódio) — Sonhos II

No primeiro programa — «Os Sonhos I» — fez-se uma tentativa de abordagem do fenómeno dos sonhos, desde os tempos primitivos até à actualidade.

### 19.50 — O Livro Grande de Petete
### 20.00 — Telejornal
### 20.30 — Boletim Meteorológico
### 20.35 — Corpo a Corpo
(Episódio 133) — Rafael não perdoa a Bia por ela ter deixado de falar com ele sobre o que estava acontecendo. Vítor trata mal Eloá, deixando-a preocupada. Logo depois, ela pede para almoçar com ele e oferece-lhe um cargo de assistente do Olavo. Vítor aceita, contente. Alfredo diz a Lúcia que ela deveria ir a Paris sozinha, deixando-o para curtir a dor de ter perdido a filha. Osmar trata Teresa com indiferença e vai ao Rio para jantar com Eloá. Os dois combinam sair juntos, mas Vítor chega antes a casa dela. Teresa, na fazenda, recebe a visita de Raul.

### 21.25 — Danças Loucas
(último programa)

### 21.45 — Hill Street
(9.º episódio): Furillo empenha-se na prisão de dois empreiteiros que preparavam o assassínio do presidente da Câmara. Daniel J. Travanti, Bruce Weitz. Ed Marinaro. Realização de Rick Wallace

### 22.40 — Últimas Notícias

## RTP 2

### 16.30 — Europa TV
O tempo

### 16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic Tac»
«O mundo maravilhoso da Gigi»

*Às 20.30 no canal 2, a terceira parte do programa «O Novo Pacífico»*

### 17.05 — Europa Countdowm
### 17.45 — O Tempo
### 17.50 — Informação: Eurorepórter Especial
### 18.20 — O Tempo
Informação: o mundo amanhã (World Watch)

### 18.30 — Bailado
«As Sílfides»: Transmissão da consagrada recreação do clássico de August Bournonville pelo London Festival Ballet, no Coliseum de Londres. Primeiras figuras: Eva Evdokimova e Peter Schaufuss. Coreografia de Peter Schaufuss.

### 20.00 — Notícias
### 20.05 — Caminhos do Eterno
Autor do programa dr. Álvaro Manuel Machado, faz uma intervenção ao vivo sobre a Dinastia dos Braganças. Seguem-se imagens dos principais movimentos de Vila Viçosa. Seguidamente no jardim onde se encontra um busto de Florbela Espanca é lido um poema de Florbela (soror saudade).

### 20.30 — o Novo Pacífico
(3.º episódio): A necessidade de manter um sentido de identidade cultural, tem levado ao renascimento dos valores tradicionais dos povos locais, um pouco por todo o lado — no Hawai, no Tahiti, em Samoa e na Nova Zelândia. Este episódio apresenta uma cerimónia em Papua, na Nova Guiné, em que 700 culturas distintas são recordadas, sem abdicarem das suas características. Produção e realização de Michael Macintyre.

### 21.30 — Festival Asiático
(2.º programa): Nesta segunda parte do Festival Asiático de Dança e Música tradicionais actuam representantes da Malásia, Bangladeche e China.

### 22.35 — Últimas Notícias
### 22.40 — Vereda Tropical
(episódios 140 e 141)

## Amanhã

### RTP/1

15.02 — Desenhos Animados
15.30 — Espaço isual
(10.º programa)
16.00 — A Senhora Ministra
(2.º acto)
17.00 — O Mar e a Terra
(9.º episódio): Cenário submarino
17.30 — Se Bem me Lembro
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Recriar espaço
(5.º episódio)
19.50 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Corpo a Corpo
(134.º episódio)
21.25 — Coração a Quanto Obrigas
(2.º episódio)
21.55 — Fortunata e Jacinta
(6.º episódio)
23.00 — 24 Horas

### RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Coleccionando
(5.º programa)
20.30 — Adágio
21.00 — À Margem
(1.º programa): Manuel J. Gandra
21.30 — Notícias
21.35 — Directo/2
22.35 — Últimas Notícias
22.40 — Vereda Tropical
(episódios 142 e 143)

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Hill Street

RTP 2
Festival Asiático

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 11 54/5 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 DIBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115 1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 32 22 04 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00 DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

- MARÉS DE HOJE

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 08.50 | 3,50 m | 02.09 | 1,60 m |
| 21.31 | 3,30 m | 14.50 | 1,60 m |
| Dia 12 | | | |
| 10.14 | 3,40 m | 03.27 | 1,80 m |
| 23.12 | 3,20 m | 16.27 | 1,70 m |

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

| | |
|---|---|
| BRAGANÇA | 16º |
| VIANA DO CASTELO | 20º |
| VILA REAL | 18º |
| PORTO | 20º |
| COIMBRA | 20º |
| CABO CARVOEIRO | 18º |
| CASTELO BRANCO | – |
| PORTALEGRE | 19º |
| LISBOA | 20º |
| ÉVORA | 20º |
| BEJA | 19º |
| FARO | 22º |
| SAGRES | 20º |
| PONTA DELGADA | 20º |
| FUNCHAL | 22º |

# Todo-Bom afasta ilegalmente responsáveis do LNETI

O secretário de Estado da Indústria e Energia, Luis Todo-Bom, exonerou ontem dois altos responsáveis do Laboratório Nacional de En-genharia e Tecnologia Industrial (LNETI) sem possuir competência orgânica para o fazer, apurou o «DL» junto de fontes do Ministério da Indústria. O vice-presidente do LNETI, eng. Coelho de Carvalho, e o director do seu Departamento de Pré-Investimento, Promoção e Comercialização, eng. Campos Rodrigues, tinham sido acusados publicamente, através da página nas do «Expresso» de 2 de Agosto, pelo secretário de Estado da Indústria, de não terem «o mínimo controlo das aplicações financeiras» de verbas superiores a 2,5 milhões de contos afectas ao financiamento de projectos de desenvolvimento industrial. Todo-Bom afirmara na mesma ocasião que os responsáveis, cuja exoneração então anunciou, «não cumpriram as funções que desempenhavam», estando em causa não o LNETI e o seu presidente, Veiga Simão, «mas a forma como ali é feito o controlo financeiro e o relacionamento com o mundo empresarial».

A intenção de afastar Campos Rodrigues e Coelho de Carvalho foi vista desde logo, em meios ligados ao Partido Socialista, como mais uma manifestação do «terror político» que o ministro Santos Martins e o secretário de Estado Todo-Bom instauraram no Ministério da Industria e Comércio.

Curiosamente, e ao contrário do que deixavam prever as declarações prestadas ao «Expresso», Luís Todo-Bom fez publicar ontem no Diário da República os despachos de exoneração dos dois dirigentes do LNETI, alegando simplesmente a «conveniência de serviço».

De acordo com informações recolhidas pelo «DL» os eng. Coelho de Carvalho e Campos Rodrigues decidiram já recorrer da decisão para o Supremo Tribunal Administrativo, argumentando, designadamente, com a «ilegalidade» dos despachos de Todo-Bom. Os requerimentos de «suspensão imediata dos efeitos dos despachos» deverão ser apresentados no início da próxima semana, enquanto que o processo, mais moroso, do pedido de anulação dos mesmos deverá ser accionado

posteriormente. A «ilegalidade» referida tem por base o facto de o vice-presidente do LNETI apenas poder ser exonerado por despacho conjunto do primeiro ministro e do ministro da Indústria, enquanto que Campos Rodrigues apenas poderia ver a sua comissão de serviço interrompida a seu pedido, ou em resultado de um processo disciplinar. Segundo as nossas fontes, Todo-Bom ter-se-á visto impossibilitado de proceder disciplinarmente, por falta de matéria de facto, contra qualquer daqueles dirigentes do LNETI, optando assim por um «claro desvio da figura da conveniência de serviço» para alcançar os objectivos políticos que se tinha proposto.

# Jovens promovem vigília frente à Embaixada do Chile em Lisboa

Uma vigília de protesto contra a ditadura militar chilena e de solidariedade com os jovens e o povo do Chile assinala esta noite, em lisboa, o 13º aniversário do golpe que levou o general Pinochet ao poder. A vigília frente à Embaixada do Chile, na Av. Miguel Bombarda, nº5, é promovida por dirigentes das juventudes do PS, PRD, PCP, MDP/CDE e Verdes, tendo entretanto outras organizações aderido a esta iniciativa.

Em comunicado ontem divulgado, o Secretariado Nacional da Juventude Socialista exigiu o encerramento da representação diplomática do Chile em Lisboa, como forma de protesto contra a ditadura militar chilena.

A Juventude Comunista Portuguesa refere que «à luta popular e juvenil, no Chile, tem respondido a ditadura, em desespero, com a mais brutal e desumana repressão» e classifica a vigília de hoje como «um acontecimento de grande importância».

Em comunicado, o Grupo de Solidariedade com a América Latina diz que se associa « a todas as manifestações de protesto contra a lei do silêncio imposta no Chile, visando esconder os níveis de violência sistemática praticados pela ditadura».

Por seu lado, o Sindicato dos Jornalistas denunciou ontem o assassínio do editor da revista «Analisis», José Carrasco, membro do Conselho Nacional dos Jornalistas Chilenos, que «prova o ódio mortal da ditadura de Pinochet à informação».

## /D/E/C/A/R/A/S/

**MAO TSE-TUNG:** mais de 46 000 pessoas visitaram terça-feira, em Pequim, o mausoléu de cristal que contém os restos mortais do líder da Revolução chinesa, por motivo, do décimo aniversário da sua morte. As longas filas em frente ao mausoléu, excepcionalmente aberto até ao fim da tarde, e a reedição e publicação de escritos e poesias do que foi considerado o «grande timoneiro da classe operária» foram os únicos sinais de que dia 9 de Setembro se passou mais um aniversário da morte do líder da Revolução. Visitaram o mausoléu dois filhos de Mao, o único irmão vivo, Mao Anqing, de 60 anos, e Li Na, de 47, irmã da viúva de Mao, Kiang Qing.

**NORBERTO LOPES:** o prestigiado jornalista que é honra para o «DL» ter passado pela nossa casa, está disposto a criar um fundo no valor de 5000 contos que, através da Casa da Imprensa, dará anualmente os mais elevados prémios de sempre aos jornalistas portugueses. A doação será (muito provavelmente) anunciada publicamente, no próximo mês de Outubro, por Norberto Lopes e pelo jornalista Mário Branco, presidente da Casa da Imprensa.

**LOENOR BELEZA** diz numa entrevista hoje publicada no «Povo Livre» que os Serviços de Saúde «dirigem-se aos cidadãos utentes e não aos profissionais de saúde», como, de resto — acrescenta — «outros serviços públicos, que existem para os utilizadores». A ministra da Saúde incita os médicos a cumprirem os seus horários, como outros profissionais e trabalhadores, negando que o Governo faça política contra eles. «O Governo não faz política contra os médicos — frisa — , nem faria sentido fazer qualquer política contra quaisquer profissionais, em particular contra profissionais tão indispensáveis ao funcionamento de serviços como são os médicos do Serviço de Saúde».

**DÓRDIO GUIMARÃES** iniciou ontem, na região de Coimbra, a rodagem de um filme sore a vida e obra do poeta Afonso Duarte. Manuel Alegre é um dos elementos que integram a equipa de reportagem que captou as primeiras imagens na aldeia de Ereira, concelho de Montemor-o-Velho, terra da naturalidade do biógrafado. Amanhã a equipa trabalhará em Coimbra onde o poeta estudou e exerceu actividades docentes.

**TERESA GOUVEIA,** secretária de Estado da Cultura, presidiu em Lisboa ao lançamento do livro «Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea», organizada por Carlos Nejar. O volume é o sexto da colecção «Escritores dos Países de Língua Portuguesa», editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda ao abrigo do acordo estabelecido entre a empresa gráfica da Baía e a Imprensa Nacional. Nos termos do convénio, cada uma das instituições dará a conhecer anualmente no seu país respectivo uma obra representativa da moderna criação cultural do outro.

**ANDREAS PAPANDREU,** primeiro-ministro grego, está desde ontem em Bucareste para uma visita oficial a convite do presidente romeno, Nicolae Ceasescu.

Papandereu analisa com Ceasescu aspectos das relações entre a Grécia e a Roménia e outros assuntos internacionais, segundo informaram fontes romenas.

# Português detido no Maputo esteve ligado à Renamo em Lisboa

O cidadão português, António Jorge Pereira da Silva, foi detido há três semanas no Maputo sob suspeita de prática de crime contra a segurança do Estado moçambicano. Natural da província da Zambézia, em cuja capital, Quelimane, sua mãe ainda agora dirige um dos principais hotéis daquele país, o «Chuabo», Pereira da Silva, já tivera uma primeira detenção em 1983, quando aluno da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane.

Após a sua libertação, Pereira da Silva veio para Portugal onde colaborou durante algum tempo com «a oposição moçambicana do exterior, mas em Novembro de 1985 surgiram desavenças e deixou de trabalhar para a organização», segundo afirmou à Anop Jorge Correia, citado como representante da Remano, na Europa.

Há alguns meses, e ainda de acordo com a mesma fonte, a antiga companheira de Pereira da Silva dos tempos da faculdade, Aurora Mendonça, também detida, apareceu em Lisboa e convenceu-o a voltar para a sua terra natal, tendo ele seguido para o Maputo como representante da empresa «Europa / África», com sede no Porto. Aurora Mendonça desempenhava as funções de directora nacional do Ministério moçambicano da Indústria e Energia.

Entretanto, um porta-voz da Embaixada de Portugal na capital moçambicana, referido pela NP, disse que os serviços diplomáticos e consulares portugueses estão a seguir o caso de António Jorge Pereira da Silva, neste momento encarcerado na Cadeia de Machava.

# LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72.
TELEX: 12363

N.º 270


*Poesia portuguesa dos anos 80*

# Sobreviver na Costa Atlântica

«ESTA apresentação é um exercício de imaginação o que, tratando-se de poesia, não me parece despropositado, principalmente quando a poesia a apresentar é a mais recente poesia portuguesa e quando aparentemente tal poesia rejeitou a crítica e a teorização como actividades autónomas, olhando-as pelo menos com alguma suspeita. Crítica e teoria serão exercícios supérfulos exteriores ao próprio processo da criação poética. Por outro lado é sabido que as funções crítica e teórica da linguagem se podem manifestar de um modo aberto e eficaz dentro do âmbito da própria produção textual da poesia. O texto poético será pois um texto polissémico até nas suas funções: texto originário, gerador de si próprio, mas também metatexto executor da crítica necessária.

Dos condicionalismos histórico-sociais que enquadram esta situação e das condições existenciais em que ela se materializa em textos ditos de poesia procuraremos, nesta breve apresentação, imaginar alguns indícios.

Imaginemos um jovem português procurando a poesia, primeiro como leitura e depois como produção textual eleita para a sua própria comunicação. Em breve esse jovem leitor estará rodeado de uma floresta densa de títulos, textos, imagens, referências, mitos, todos aliciantes e poderosos, procurando indicar-lhe um caminho. Caminho que se manifestará como múltiplo ou feito de vários caminhos: sendeiros que se bifurcam, como diria Heidegger, ou constituindo uma floresta de enganos, como disse há alguns séculos o nosso Gil Vicente. Será principalmente Fernando Pessoa e a sua multitude fragmentar de visões labirínticas que exercerá uma fascinação sobre esse jovem leitor; mas será também José Régio a dizer «não vou por aí» (no seu famoso poema «Cântico Negro») insuflando a revolta instintiva à flor dos sentidos. Mas será também o mergulho surrealista nos abismos sabe-se lá de quê, a que se chama a alma humana, de que a ironia de Mário Césariny de Vasconcelos ou a beleza obscura das metáforas de Herberto Hélder são duas aflorações paradigmáticas na poesia portuguesa actual. Mas será também o apelo neo-romântico do fim deste século XX a evocar correspondências com o decadentismo do século XIX propostas como contraponto ao trabalho textual — visual da poesia experimental da década de 60 que procurou, na materialidade possível dos suportes e dos significantes, as novas sintaxes até à reinvenção dos significados para um tempo novo adivinhado. E será o conceptualismo moderno e ferozmente crítico de Jorge de Sena; o neoclassicismo de Sofia; a plasticidade espacial de Ramos Rosa; o sensualismo à flor da pele de Eugénio de Andrade; a releitura rútila de Mário de Sá Carneiro; a textualidade transgressiva de Ângelo de Lima; o simbolismo de sonoridades mágicas de Camilo Pessanha. É José Ferreira poeta militante e delirantemente humano. É Carlos de Oliveira e Vitorino Nemésio e Adolfo Casais Monteiro. Serão estes e muitos outros grandes poetas do século XX português dando razão às teorias intersecccionistas de Fernando Pessoa que finalmente se tornam possíveis, na consideração simultânea de uma teradição do novo que se desenha fragmentar mas totalizante, nas poéticas individuais e na sua relativa transitoriedade prismática, procurando o real absoluto da poesia a que se referia Novalis. Todos de facto carregados desse uitópico absoluto como premissa inicial do trabalho poética, todos seduzindo irresistivelmente o nosso jovem candidato a poeta e colocando-o no centro de um problema que só ele poderá resolver: como escrever poesia nos anos 80 em Portugal?

É em relação à ruptura dos anos 60 que a poesia dos anos 80 se demarca, procurando uma nova identidade cultural

Mas não só este labirinto textual se apresentará ao jovem poeta. As condições existenciais em que ele próprio se encontrará com jovem constituirão uma outra problemática que ele sentirá como prioritária e como determinante da releitura crítica ou do entendimento, tanto da poesia portuguesa como da sua própria proposta criativa: como utilizador dos meios de comunicação e como produtor de poesia. Cria-se assim uma clivagem abismal em que se vive no sobressalto de duas realidades: a saturação do belo que a moderna poesia nos oferece e a insuficiência factual dos meios para dominar as condições da nossa própria existência, o que resultará numa sensação de menoridade existencial que vai invadindo o nosso quotidiano. Apanhado na engrenagem desta contradição, outras surgirão ligadas directamente ao contexto social português. Ainda há pouco eram as luzes da liberdade livre do 25 de Abril de 1974 a ditar a prioridade da intervenção ideológica, inundando de novas conotações as propostas das poesias das décadas anteriores, para logo, diante dos olhos, surgirem pouco a pouco, os contornos de uma sociedade hesitante na aprendizagem dessa mesma liberdade. Agora os valores sociais vão-se diluindo e os valores estético-culturais procuram desesperadamente os meios para se imporem numa sociedade que tende a ignorá-los como modelo de organização colectiva e como padrões de comportamento, deixando os indivíduos entregues à solidão da sua própria iniciativa. Solidão em que o reino cinzento dos economistas e a preponderância do modelo financeiro determinam as relações entre os cidadãos. Onde estão os ideais, as esperanças, as promessas, onde está a utopia que parecia ir materializar-se já amanhã? O poeta dos anos 80 deverá, com a escrita da sua poesia, responder a estas perguntas, ou haverá outros caminhos?

Joaquim Manuel de Magalhães (um jovem crítico e também poeta) publicou em 1981 um livro com o título sintomático «Os dois crepúsculos» nele se referindo como conclusão a «uma geração dessatisfeita»: «em Portugal, como nos países atingidos pelas reformas capitalistas, a palavra dos poetas precisa de reocupar o sentido das coisas que se perdem e das coisas que tardam a vir.

Sabe-se que a espera da poesia é como a da própria história: sem impaciência. Mas pertencemos a uma geração dessatisfeita. Culturalmente nenhum lado faz sentido ou fez um sentido novo. Politicamente, nada esteve ineteressado na criação cultural fosse do que fosse.

Apenas se conseguiu atingir o coração do nada com este vazio. Quando é cada vez mais preciso que a nossa colectividade adquira um coração singular e crescente para poder criar uma plenitude cantável. E aí têm os poetas um dos seus mais radicais desígnios».

Eduardo Pitta, poeta aqui presente, escreve:

«Essa gente não sabe dos corpos a
linguagem da desordem.
Esboça, quando muito, pequenos gestos
periffícos. É uma longa aprendizagem
que pouco lhes diz. Pervertem-se na
ignorância de tudo e de si mesmos e vão
(sobre)vivendo com a lentidão e o
sensabor de quem de tudo desistiu.
Subsistem.
A praia que lhes sobra chega-lhe para a
(des)satisfação do largo mundo.

Assumem-se, outrossim, como a geração do martini.
Progridem de snack para snach ao sabor de liofilizadas cerejas, outros fumos, várias palpites gustativos. Entre a magia do sound e a inutilidade de alguns lances vão auscultando um tempo de procura e merecimento.»

Mas esta dessatisfação, que é uma coordenada existencial, tende a transformar-se em característica textul da poesia que nos últimos 10 anos se vem afirmando. Assim ela surge condicionada e contaminada por valores escriturais contraditórios como por exemplo quando Eduardo Pitta apela para a escrita da desordem (título de um livro seu) mas de facto se serve de uma ordenada e sossegada organização escritural e imagística. É que o que está em causa é a função referencial da escrita que é usada pelos novos poetas para dizer dos sentimentos e dos factos, não usando os valores substantivos das próprias palavras e da própria organização do discurso, isto é, dizendo da desordem e da dessatisfação, mas não ralizando a desordem no próprio texto poético e talvez não esperando que a escrita da poesia lhes traga a desejada satisfação com o mundo.

Poderá mesmo dizer-se que esta jovem poesia recusando as conquistas escriturais da poesia experimental dos anos 60, ou só as utilizando tangencialmente, procura quase masoquisticamente reinventar um discurso, uma ordem, uma nova superfície ou pele para a turbulência da angústia, para a desordem dos valores que se destroem, para a náusea do nada existencial que espreita em cada situação, no intuito de recuperar, nem que seja momentaneamente, um sentido perdido para a sua própria vida.

Os contornos de uma nova geração de poetas começam assim a delinear-se, embora não seja possível dar um nome a essa geração, já que ela própria se desconhece como tal, pois que não existe nenhuma tomada de posição estética comum para além da proposta da proposta de Joaquim Manuel Magalhães, já referida. Poderá mesmo dizer-se que a poesia portuguesa do final dos anos 70 e começo dos anos 80 rejeita ou ignora a ideia de geração, em favor de uma atitude de presença existencial que se dissolve na opacidade de uma sociedade onde não há lugar para a poesia e talvez nem mesmo para o homem. No mais recente livro de Al Berto a temática da solidão aparece com uma intensidade e nitidez como talvez não acontecesse na poesia portuguesa desde o livro SÓ de António Nobre (final do século XIX):

«combinara o encontro no limite deste
século
onde nenhum homem dorme no limiar
do dia
e o sonho se desfaz sob a nocturna incerteza

**E.M. de Melo e Castro**

Continua na pág. 6

## Clip

### Henrique Nicolau na Horizonte

Henrique Nicolau, autor de «O Trabalho é Sagrado», romance policial premiado pela *Caminho*, vai aparecer nos escaparates com outro romance, mas desta vez editado por *Livros Horizonte*. Título: *«A Escola da Verdade»*. Como o romance anterior, é também um policial, mas desta vez projectando-se noutras áreas... Em princípio, a nova ficção de Henrique Nicolau estará à venda já no próximo mês de Outubro.

### Vértice: homenagem a Paulo Quintela

A revista VÉRTICE publicou, com referência ao primeiro semestre de 1986, um fascículo que reúne os números 470/472, e inicia o seu 46.º volume. Além de traduções inéditas de Paulo Quintela, ao qual, no editorial, se presta homenagem, a revista publica estudos e ensaios de António Manuel Hespanha, «Nova História e História do Direito»; de Nuno Rosmaninho, «A morte na Iconografia Medieval»; de Jorge P. Santos Carvalho, «Alguns documentos de ligação do reino da Jugoslávia em Portugal (1941-45)»; Ramon López-Suevas, «Unha visom galega da realidade portuguesa»; Jorge Olímpio Bento, «A situação da moderna pedagogia ocidental — entre tecnocracia e humanismo abstracto»; Maria Graciete Besse, «A ilusão da posse da terra em dois romances de Alves Redol — Gaibéus e Fanga».

Este fascículo de VÉRTICE insere as secções: Criação Literária; Lugares Transitivos; Outros Modos; Crítica de Livros; vários textos sobre o Ano Internacional da Paz, e, como documento, o texto do «Acordo Ortográfico».

**Um é Outros — o folhetim de Jrupe Emigrilian — Pág. 8**

# Lemos para si

## «La aventura de Miguel Littin clandestino en Chile», de Gabriel García Márquez, 2.ª edição, Ediciones El País, Julho, 1986.

NA sua mais recente entrevista, a um jornalista da IPS, que o «perseguia» há cinco anos para uma permanentemente anunciada e adiada conversa, respondeu García Márquez apenas a duas perguntas, contando, entre outras coisas, que tudo o que pretende dizer está nos seus livros e que estes são, todos, «livros de amor».

«Livro de amor» é pois também «**A aventura de Miguel Littin clandestino no Chile**», última obra da García Márquez, agora editada (em Espanha, claro) e que conta a odisseia do famoso realizador de cinema chileno durante seis semanas (princípios de 1985) na sua terra natal, disfarçado de homem de negócios uruguaio para filmar a realidade actual do Chile.

### «O acto mais digno»

Littin — um dos cinco mil exilados chilenos proibidos de voltar à sua terra — mudou o rosto, o cabelo, o estilo de vestir e de falar, e com o apoio de organizações democráticas que actuam na clandestinidade, e de três equipas de televisão da Holanda, França, Itália (além de uma quarta local, fornecida pela jovem e activa Frente Patriótica Manuel Rodriguez), filmou mais de sete mil metros de película sobre o quotidiano chileno, doze anos depois do golpe sangrento dos militares.

As três equipas europeias entraram na mesma altura de Littin, sob os pretextos mais diversos, reportagens ecológicas, turísticas ou sobre a emigração italiana para o Chile (tema da equipa da RAI).

Em fins de 1985, cerca de um ano depois da sua prodigiosa aventura, Littin encontrou-se ocasionalmente, em Madrid com o escritor. Para o prémio Nobel, a história do filme clandestino merecia ser contada. Convenceu o realizador. Conversaram durante uma semana. Gravaram dezoito horas. García Márquez escreveu inicialmente seiscentas páginas, que reduziu finalmente, a centena e meia.

«Mais do que uma reportagem — como escreve o escritor colombiano — a «Aventura de Miguel Littin clandestino no Chile» é a reconstituição de uma aventura cujo objectivo essencial era, sem dúvida, muito mais profundo e comovedor que o propósito inicial de conseguir o filme, ultrapassando os riscos do poder militar».

«**Não foi o acto mais heróico da minha vida, foi o mais digno**», disse Littin a García Márquez. Este acrescentou no prefácio «assim é, e creio que essa é a sua grandeza».

### «Rostos brancos»

Os riscos, os terrores e emoções de reencontro de Miguel Littin com a pátria são admiravelmente recriados por Gabo, que alia ao seu fabuloso talento de escritor a técnica do rigor e do pormenor dos seus muitos anos de actividade profissional como jornalista. É uma comovida viagem por todo o Chile, documentada a diferentes níveis e imagens, e, como é óbvio, de rara oportunidade histórica e política.

O primeiro contacto com Santiago, o aeroporto moderno, a auto-estrada nova e ampla, a cidade mais iluminada e de ruas mais «asseadas», o palácio de La Moneda restaurado, «parecia mansão de sonho ao fundo de um jardim francês», e mesmo as garças nocturnas «pareciam menos indigentes e tristes que outrora». O «sentimento de incerteza» de Littin face a esta inesperada e alegre realidade visual alterou-se porém quando — como sublinha o escritor — reparou melhor nas pessoas.

Viu-lhes a pressa no andar. Era noite e havia toque de recolher. «As almas estavam nos seus rostos sacudidos pelo vento gelado. Ninguém falava, ninguém olhava para qualquer direcção definida, ninguém gesticulava, ninguém sorria, ninguém fazia o menor gesto que revelasse o estado de alma noutros abrigos mais discretos, como se todos estivessem sós numa cidade desconhecida. Eram rostos brancos, que nada revelavam. Nem sequer medo...», conta Littin — via G. Márquez, percebendo que «o esplendor material com que a ditadura tentou apagar o rasto sangrento de mais de 40 mil mortos, dois mil desaparecidos e um milhão de exilados», não pegou no coração do povo chileno.

Patrulhas de choque, escondidas nas estações principais do metro, e camiões providos de água para reprimir manifestações, estacionados em ruas laterais, comprovavam, contou Littín a Gabo, o exílio interno dos chilenos, a contas ainda com a crise económica, a fome (multidões de esfomeados disputando aos cães junto ao rio Mapocho os restos deitados fora pelos vendedores dos mercados populares), a par da «explosão de artigos de luxo, deslumbrantes e inúteis e de obras públicas de fachada fomentando a ilusão de uma abundância espectacular».

Pinochet desnacionalizou minas e empresas e vendeu-as ao capital privado. Resultado: a dívida externa do Chile, que no tempo de Allende era de quatro mil milhões de dólares, atinge agora os vinte e três mil milhões. «O milagre militar fez mais ricos os poucos ricos e tornou mais pobres os restantes chilenos».

### A Frente Manuel Rodriguez

Mas a esperança existe, — escreve G. Márques. A acção conjugada da Oposição democrática chilena, a actividade espectacular da aguerrida e sólida Frente Patriótica Manuel Rodriguez, integrada quase totalmente por membros de uma geração que acabava a escola primária quando Pinochet «assaltou o poder» e cujo símbolo é uma figura histórica da independência chilena de 1810.

«O amor nunca morre, generais»

«Manuel Rodriguez parecia ter poderes sobrenaturais para escapar a todos os controlos, quer internos, quer externos mantendo a comunicação permanente entre o exército libertador que operava do ladoargentino e as forças clandestinas que resistiam no interior».

«Muitos elementos das condições do século passado têm semelhanças mais do que notáveis com a situação actual do Chile» escreve Gabo.

Na ponte do rio Mapocho, que albergou o sangue de milhares dos massacrados de há 13 anos, a mesma ponte que serve de acesso aos mercados e ao cemitério viu Littín, contado por Gabo, multidões de jovens enamorados, á noite, abraçados, passeando sobre o rio, beijando-se entre os vasos de flores das que decoravam os túmulos vizinhos. «**Só em Paris, há muitos anos, vi assim tanto amor na rua**», exclama Littín.

Sãos os jovens conta que estão a impor os seus gostos, o seu modo de viver, as suas concepções originais de amor, da arte e da política, ante a raiva exasperada e senil da ditadura. Não há repressão que os detenha. A música, altíssima, que se ouve em toda a parte — até nos carros blindados dos carabineiros, que a ouvem sem saber o que ouvem — são as canções dos cubanos Silvío Rodriguez e Pabblo Milanês. As crianças que estavam na escola primária nos anos de Allende são, agora, os comandantes da resistência...».

Littín foi ver a casa da Ilha Negra, de Pablo Neruda, encerrada, mas sempre visitada por novas gerações de enamorados que escrevem, nas paredes exteriores, mensagens de amor. «**Juan e Rosa, amam-se através de Pablo**; «**Obrigado Pablo porque nos ensinaste o amor**, «**Queremos amar tanto como tu**» ou outras mensagens mais directas «**O amor nunca morre, generais**», «**Allende e Neruda vivem**», «**Um minuto de escuridão não nos tornará cegos**»....

A casa de campo de Pinochet em terra outrora da Reforma Agrária, a visita de Littín a sua mãe que inicialmente não o reconheceu e outros passos da viagem clandestina davam para mais conversa. O espaço não chega .

Não conto pois mais deste pequeno e precioso livro. Li a edição em espanhol, claro, do EL País. Garcia Márques continua sem editores á altura em Portugal. O seu «Amor no tempo da cólera» vende-se nas nossas livrarias também em edição espanhola. O mesmo poderá acontecer com este. É pena, é triste. É fado?

**E.A.**

## «Chora Terra Bem Amada» — Alan Paton-Publicações Europa-América. Col. Livros de Bolso

Dois dias de viagem separam Ndotsheni de Johannesburg. A distância real é, contudo, ilusória. Entre a pequena localidade perdida na província de Natal e a grande cidade existe todo um mundo de permeio. Um mundo cuja dimensão é a do medo.

Tudo é excessivo na África do Sul: a desproporção existente entre o número de brancos e de negros, o modo como é praticada a segregação racial, a doença que atinge a terra, a «fatalidade» que despedaçou a tribo... E o medo alimentou-se do excesso até se constituir em estrutura da grande cidade.

Na sua viagem a Johannesburg, um velho padre zulu de Ndotsheni acaba por descobrir que este é não só um elemento constitutivo da vida na grande cidade, como também uma presença latente em toda a África do Sul. É esta a revelação que se constrói ao longo do romance «Chora Terra Bem Amada» de Alan Paton, editado pela primeira vez em 1948, e agora publicado em Portugal pela Europa América.

O autor, um sul-africano, elegeu o medo com personagem central do seu romance, mas ao longo do livro ele tenta ir mais longe ao esboçar alguns dos porquês da impossibilidade de um destino feliz para a África do Sul. Foi há quarenta anos e hoje o seu livro pode quase ser lido como uma antevisão do futuro.

É, no entanto, um romance desigual, como se o autor não suportasse mais a impossibilidade por ele desvendada e a tentasse colmatar com gestos caritativos, como se a constatação de que os brancos despedaçaram irremediavelmente a tribo necessitasse do contraponto de que hoje os negros não podem passar sem eles ou melhor, sem a sua técnica, os seus conhecimentos e a sua riqueza.

Mas é, contudo, nestas falhas que vamos encontrar o autor dilacerado entre o dilema de assinar uma causa colectiva ou individual, temendo na primeira a instalação da impossibilidade e na segunda a sua incipiência.

No livro a opção não chega a ser feita. Em vez dela o autor tenta-através do percurso do velho padre zulu, das sua desgraças pessoais, do encontro com uma nova geração da Igreja e com os que a abandonaram por pensarem que o que « Deus não fez pela África do sul, devem os homens fazê-lo»- empreender a viagem entre a inocência e o tempo em que ela não é mais possível.

Em «Chora Terra Bem Amada» não existem por isso apenas duas raças impossibilitadas de conviver, mas também duas raças que habitam num mesmo país e que o amam. Uma negra, cuja tribo « está despedaçada e já não pode ser reconstruída», porque « os homens tinham partido, os rapazes e as raparigas tinham partido e o milho mal atingia a altura dum homem», porque « agradou ao branco despedaçar a tribo e não lhe agrada substituir o que foi destruído». Outra, branca, com um medo nascido do facto de serem poucos, «um medo tão profundo que fazia aparecer a bondade impregnada de ferocidade e cólera» e que, no entanto, tem entre os seus quem afirme: « é somente quando crescemos que sabemos que há aqui outras coisas, diferentes do sol, do ouro e das laranjas. É só então que se dá conta do ódio e do medo da nossa terra».

Existe uma ponte entre as duas raças? Alan Paton esboça uma ou duas respostas, mas no final a sua pulsão continua a ser a do desespero. Quando na África do Sul se perde a inocência, a ideia de conciliação aparece ferida pela visão da impossibilidade. O medo e o ódio são aqui a dimensão patológica de uma relação onde a igualdade, mas também o direito à diferença, se encontram excluídos.

Mas apar além da «doença» do homem, existe a doença da terra: a terra vermelha de Ndotsheni, gasta pela seca e pela inexistência de métodos de cultivo adequados, ou a terra repleta de prédios e ruas que dá pelo nome de Johannesburg, com os seus arredores e uma ciadade das barracas, erguida numa só noite e cuja descrição é feita de um modo exemplar pelo autor.

Desespero e medo: eis a matéria de que é feito o romance «Chora Terra Bem Amada». Não é, não pode ser por isso, um livro militante. Dele estão arredadas certezas e soluções, permanecendo apenas a visão, embora recusada por momentos, de um país sem futuro: « Chora, terra adorada, pelo filho ainda por nascer, que será o herdeiro do nosso medo».

**Clara Viana**


**O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL**

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100$00!

**Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.**

cada número - essencial! não deixe nenhum em falta na sua biblioteca

# Lemos para si

## «Sobre a Noite e a Vida», Orlando de Carvalho, Centelha

POR este fim de férias, minha querida amiga, chegou-me às mãos, de Orlando de Carvalho, o livro de poemas «Sobre a Noite e a Vida». E porque tanto temos falado de poesia, ora acordando num ponto, ora discordando noutro, parece-me, Ana, que precisamente este livro vem ao encontro das nossas discussões. Dir-lhe-ei, para já, que no livro em questão se coligem poemas de vinte e cinco anos. Significa isto que é o calendário de uma vida, aqui apresentada em três etapas: «Noite após Noite» (1959-/1964), «Sobre a Noite e a Vida» (1966/1971) e «Os Rápidos do Sonho» (1979/1984). E como calendário de uma vida, como rol de eventos vários, certamente que Você compreendeu já que muitas são as músicas dos seus dizeres, dos seus versos, da sua métrica.

Embora um tanto limitado por, de momento, me encontrar a dialogar com uma folha de papel em branco (endereçada, no entanto, a si, agora em visita aos monumentos de Londres), sempre adiantarei que este livro de Orlando de Carvalho preenche, em muitos aspectos, a ideia que tenho de poesia.

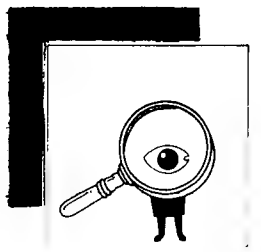
Sabe já, Ana, qual é essa minha ideia: a expansão pelo Universo, uma filiação ontológica e um lugar fechado. Ora o livro de que lhe dou notícia, nesta tão corrente carta pública, é nem mais nem menos dedicado «A uma mulher», e também «A uma raiz», e, ainda, «A um país». Estou certo que já apreendeu o paralelismo destas dedicatórias com os três pontos meus acima enunciados. Ou não...? Diga que sim, pois me atrevo a dizer que nesse pontos ambos estamos de acordo. Caso, porém, se encontre distraída com o Museu Britânico (distracção que compreendo e louvo), lembro-lhe que a expansão pelo Universo se encontra quase sempre ligada a uma mulher. É, pois. Quando se ama, mesmo que não se fale de estrelas ou de novos planetas, um homem, se poeta, é astrónomo — e **sobe em caravela** mesmo quando do corpo amado se não parte. Ouça este soneto (que vou transcrever na íntegra) de Orlando de Carvalho:

De mim a ti o teu súbito flanco,/a sede, romãzeira e a serpente./De mim a ti um breve e transparente/aroma a madrugada frio e branco.//De mim a ti o húmus de que arranco/a espiga do meu sonho adolescente/e o travo de seres rio exactamente/lá onde continuas e eu estanco.//Arco, nuvem, não sei que caravela/te sobe e como um frio despedaça/a firme construção deste meu peito.//Tudo o que nos divide nos nivela,/tudo o que nos destrói ou nos trespassa/é pura confluência no teu leito.

Sobre a nossa íntima filiação ontológica, talvez bastem sete versos do poema «Raiz» (raiz que perpassa os três livros, agora num só, em outros tantos poemas com o mesmo título), versos esses, minha cara amiga, que rezam assim:

Só/este secreto peso sobre a mão/ /este fértil e duplo coração/o meu e o teu ó insone/geratriz/ó mãe morta e movente/semeadora do dia (...).

Atente, Ana, como também a forma dá a um dos versos transcritos toda uma força que de outra forma nunca teria. Refiro-me a três «m» que nos ofertam vida, pausa e movimento, e que são estes, sublinhados para boa compreensão do meu juízo: «ó **m**ãe **m**orta e **m**ovente». Repita, minha amiga, este verso de quando em quando, e diga-me depois, em eventual encontro (pois todos os nossos encontros são quase sempre eventuais), se há ou não movimento, pausa e vida no verso que lhe recomendo. Teimo nisto, Ana, porque reside aqui um dos pontos em que Você discorda um tanto de mim, e que é pura e simplesmente o da **forma e conteúdo.** Aliás, todo este livro (constituído por poemas seleccionados de três livros) não menospreza conteúdo e forma. Você verá quando eu lho emprestar. Mas não me fique com ele, não...?



Relativamente sobre o lugar fechado que eu tenho defendido como base, ou solo, ou pé, de toda a poesia, vamo-lo encontrar no facto de o livro ser também (como já disse) dedicado a um país. País que, sem dúvida, é o nosso — e que nem sempre foi o que hoje é, apesar de nele subsistirem muitas coisas ainda incorrectas. Sim, Ana, o nosso país nem sempre foi o que hoje é — e datas houve que só podem ser cantadas da maneira seguinte, sob o título de «Ódio», em 1959:

Odeio esta gratuita Primavera,-/odeio todo o tempo que não dá/o fruto que se espera.//Odeio folhas, flores, rios e fontes,/odeio o céu sinistramente azul/na surpresa dos montes.//Odeio cantos, risos e bulício,/odeio a luz vermelha do poente/e o seu desperdício./Odeio a cor, o ritmo, a exaltação,/odeio tudo o que nos faz tremer/e abrir o coração,//tudo o que em nossas vegetais raízes/nos sobe como uma veia inesperada/e faz sentir felizes.//tudo o que neste pútrido pavor/de rótulas servis itinerantes/abre o leito do amor,//que neste imundo tempo carcerário/faz esquecer na erva de algum gesto/o ódio necessário!

Muitas outras coisas mais haveria a dizer sobre estes livros de Orlando de Carvalho. Havia, pois. Só que estou convencido de que a suá integral leitura é que o poderá revelar em toda a sua intensidade, intensidade, Ana, que explode naquele triângulo entre nós tão discutido: expansão pelo Universo, filiação ontológica, lugar fechado. Que o mesmo é dizer **Mulher, raiz, país.** Assim eu me entendo, pelo menos, em poesia. Nada, no entanto, Ana, lhe quero impor: uma carta é uma carta — e só o diálogo, face a face, esclarece melhor as coisas. Quer sobre a noite, quer sobre a vida... Aqui me despeço — e, já agora, vou reler o livro para outros bons exemplos lhe apontar em tempo oportuno. Sem qualquer petulância, e um abraço lhe mandando, seu amigo...

**Pedro Alvim**

## Crimes À Rédea Solta, Rusty Brown (Miguel Barbosa), Editora Ulmeiro

RUSTY BrOWN, o detective, mais uma vez envolvido em peripécias policiais cheias de humor. Desta feita, têmo-lo em «Crimes À Rédea Solta .um livro sardónico que nos toca pelo hilariante abordar de um viver onde nem tudo acontece linearmente. Encantatoriamente!

Assim, Rusty Brown começa por nos situar no espaço geográfico (São Francisco) em que se move preocupadamente. É um homem só, mas sobre ele agem as influências de idas ligações afectivo-matrimoniais. Passo a citar: «começou tudo numa noite fria de um Dezembro de rachar esquimós. Eu tinha-me mudado para a Califórnia, em São Francisco, a conselho médico. Não só por causa do clima, mas para fugir às ex-esposas que cada vez estavam mais gordas enquanto eu ia mirrando de fome e preocupações.»

Com problemas de vária ordem, Rusty Brown procura no seu lar o descanso pedido por sofrível quotidiano. Porém, aguarda-o a desordem. A surpresa de encontrar na sua cama uma mulher (Blood Mary) com nome de «um cocktail», passo a citar: «Tinha-me acabado de deitar quando ao estender a mão senti nos dedos uma coisa mole que após várias apalpadelas vi ter uma racha e pensei ser incontestavelmentge um rabo de mulher!. Levantei o lençol e confirmei com espanto ser um branco traseiro de fêmea.»

A incursão do paradoxo erótico na vida do detective é, desde o início deste livro, a burlesca aceitação de múltiplas preocupações. Bloody Mary, a excêntrica filha do não menos invulgar industrial de vinhos («põe a todas as filhas nomes de cocktails»), vai envolver o detective em picarescas aventuras recheadas de mortes. Em situações tão pindericamente dramáticas que o riso eclode desenvoltamente perspicaz.

Bloody Mary é vítima de ameaça de morte por parte de Squeeze Lemon, um escroque que se faz passar por marido dela e que tenta obter dinheiro dos homens em cujas camas ela se enfia como boa amante de «livros históricos de carácter pornográfico», ou, no dizer de Squecze Lemon, como «ninfomaníaca, vítima de depressão nervosa» que se mete «debaixo de tudo».

Perturbantemente, a depreender pela sua entrada na casa do detective, invade a privacidade do desprotegido investigador para o contratar. Libertá-lo da crise económica e presenteá-lo com problemas, pois pede-lhe protecção.

Magnética escrita é esta ciclónica palavra de «Crimes À Rédea Solta» pela leve e dinâmica acção que retrata, os sentidos em estonteante efervescência. Conseguido ludicismo, o seu verbo consegue agarrar-me na sua apreensão de mundos que, sendo banais, nos atiram para argutas reflexões.

Mas, vejamos o que acontece a este

detective tão insolitamente contratado por Bloody Mary...

No cumprimento do seu detectivesco dever, Rusty Brown dirige-se à casa da família de Bloody Mary. Mais uma vez, o aguarda invulgar ambiência e singulares pessoas. Cito: «Quem me abriu a porta foi um velho vestido à corsário com uma perna de pau e uma pala num olho. (...) Deixou-me entrar e caí no meio de um ambiente que lembrava o Capitão Blood em celulóide! Não tive tempo de manifestar o meu espanto porque uma morena com atributos e predicados que me pareceram familiares veio agarrar-me por um braço e arrastou-me para a ré do cenário de um barco de quarenta canhões. / — O Silver não te incomodou? / Não consegui responder porque se dependurou no meu pescoço e sorveu as minhas palavras com os lábios. Usava-me como uma presa fácil capturada numa abordagem.»

Na vivenda de Mr. John Bolelfield é Rusty Brown objecto do intrépido sensualismo da irmã de Bloody Mary. Ao mesmo tempo, fica a saber que Squeeze Lemon é marido de White Lady e que esta também o deseja contratar.

Em contacto com «sui generis' família, Rusty Brown irá sofrer um verdadeiro embasbacamento quando dialogar com Mr. John Botlefield que lhe asseguará não ser Squeeze Lemon o marido de nenhuma das filhas. E que quer ser protegido contra ele.

Depois do contacto com a família Botlefield e aquilo que a ele está inerente, cria-se neste livro o «suspense policialesco. De um modo muito divertidamente louco! E só resta a Rusty Brown desfazer a misteriosa tecitura humana em que o comércio do vinho parece ser a causa de todas as tensões.

Introduzir-se-á em espaços que primam pela promiscuidade, pois Squeeze Lemon colabora com um fotógrafo pornográfico, o Marcus Focus. Assim, fazendo-se passar por milionário, infiltra-se Rusty Brown no «Top-Less Bar», lugar de eleição dos marginais criminosos e dos marginais não criminosos (é o caso do caricaturista que acaba por levar um tiro numa perna e aproveitar-se do acidente para vender o desenho de um «gangster» ao detective). Vejamos como nos descreve Rusty Brown o «Top-Less Bar»: (...), a atmossfera do Top-Less era já de cortar à faca. Havia um cheiro a suor e carniça e, na embaciada claridade das luzes artificiais, os olhos concupiscentes dos espectadores entravam pelas intimidades das «strip-teaseuses» que se despiam sobre o balcão.»

É uma realista escrita onde temos de elogiar o seu mimetismo. O qual se acentua com o desenrolar dos acontecimentos dentro do «Top-Less Bar. Isto é: o assassinato de Marcus Focus quando com Rusty Brown teria de falar acerca das filhas de Mr. Botlefield.

Perde o detective o seu precioso interlocutor mas reconhece, no cúmplice do assassino, o mordomo de Mr. Botlefield...

A partir deste acidente aparece o inspector Smoky Face que, como em todos os livros policiais, não tem um bom relacionamento com o detective Rusty Brown. Contudo, e apesar da mútua antipatia, lutam pela mesma causa. Entreajudam-se a contra gosto. Assim, deste encontro, ficam a saber que o «gangster» (providencial revelou ser a caricatura comprada pelo detective) é «Sam Measless, o Sarampo». Ou seja: «um assassino do Sindicato».

Sam Measless, e dentro do enredo humorístico desta estória, sabe o que é adeontologia profissional. Por isso, recusa a proposta feita por Rusty Brown com a seguinte contagiante veemência: «— No meio em que trabalho há honestidade. Nunca recebo de dois clientes ao mesmo tempo por um mesmo crime.

À medida que Rusty Brown avança na sua pesquisa, assiste-se a amontoar de cadáveres. Morre Mr. Botlefield e White Lady refugia-se no leito do detective.

Entretanto, o inoportuno Smoky Face penetra na erótica privacidade de Rusty Brown. Passo a citar: «Entrava com um sorriso nos lábios e o ar de troça de quem anda a empatar a vida dos outros. White Lady fugiu para a casa de banho, deixando curvas e ângulos eróticos por todo o quarto.»

Quem matou John Botlefield?, eis a interrogação que se coloca. Tudo indica ter sido White Lady, mas...

Rusty Brown desvendará esta trama policial onde outras mortes sucederão ao estilo humorado do autor. Como? Não o digo porque «Crimes À Rédea Solta» aí está para elucidações...

**Ana Paula Portugal**

## «A bela portuguesa» Agustina Bessa-Luís Edições Rolim

«A Bela Portuguesa» de Agustina Bessa Luís é aquilo que eu chamo de «nom sense» da dramaturgia. Porquê? Um homem (Amaro) e uma mulher lizabeth) «representam-se» em matrimonial união. O que, no entender da autora, equivale a inexistente comunicabilidade. Ao marasmo de um vegetar assente na mentira, em corrosivo convívio.

A mulher, uma modista de alta costura, trava com o marido, um aristocrata decadente que é paralítico, uma esgrima onde a palavra se apresenta como um castrante vidro cortante.

Imagine-se uma recta a dividir-se infinitamente em inconciliáveis pontos. Pontos lançados em nadizantes espaços, esses onde o fracasso é a conquista dos viventes. Ou seja: de Amaro e de Elizabeth, seres condenados a suportarem-se. Impiedosamente!

Entre a consciência mútua do malogro que é o seu matrimónio e o desejo de não romperem essa crispante relação, há a evasão desmascarada. A negação do sonho quando se discute a senhora Nachman. Mas, apesar dessa aridez irremediável uma «bela portuguesa» entre eles cresce. Trata-se de uma roseira que se desenvolve, viçosa, no jardim, sem receber cuidados especiais.

Qual o significado de «a bela adormecida», roseira imorredoira, neste texto captador do autismo conjugal me parece ser a questão pertinente a colocar. E quanto às possíveis mensagens desta tragédia teatral nada direi. É que esta peça de teatro se me afigura destituída de absorvente empatia. Claro que do ponto de vista formal está correcta esta escrita. Contudo, há no seu conteúdo algo incompleto. Como se lhe faltasse aquela intrínseca **anima** que confere autenticidade ao conversado. Narrado!

Um texto dramático aspira à sua humana corporalização. Teve-a este mercê da encenação de Filipe Lá Féria. E, por isso, nos é possível observá-lo na Casa da Comédia.

Feitas estas observações, um conselho se impõe, conselho que é o seguinte: não se compre o livro sem antes se ter assistidoà representação na Casa da Comédia. Porquê? Se a ineterpretação de «A Bela Portuguesa» é enfadonha, muito mais entediante é a leitura do texto.

**APP**

*Um jornalista foi ao seu arquivo buscar as horas de gravação das suas conve*
*da Filosofia e da Literatura. O que de lá sai é uma entrevis*

# Foucault e a Literatu

VIVO, Michel Foucault tinha mil rostos: explorador de arquivos, louco apaixonado por música, militante, jornalista, e tantos outros. O seu percurso filosófico enraizou-se numa vitalidade proteiforme. Raro sinal: a própria morte não deixou dele uma máscara única. Ele mantém-se difícil de «cercar», termo que, aliás, não lhe convém. Como em qualquer guerreiro, é notória a sua rebeldia às manobras de envolvimento.

O fragmento de entrevista que aqui publicamos tem uma data muito precisa: é de 20 de Junho de 1975, quer dizer, é de imediatamente depois da publicação de *Vigiar e Punir* (Fevereiro de 1975) e de antes da de *A Vontade de Saber* (Dezembro de 1976).

É necessário descrever as suas circunstâncias: em Junho de 75 eu trabalhava com Michel Foucault num livro de entrevistas. Tratava-se de cercar questões que a sua obra deixava em suspenso, de tentar iluminar alguns pontos obscuros, de prolongar algumas pistas esboçadas aqui e ali. Numa palavra, queríamos fazer, por meio de diálogos, um livro um pouco diferente.

Eu tinha relido todos os seus textos, e encontrámo-nos para uma dezena de sessões de trabalho. Delas ficaram cerca de 15 horas de gravações e a respectiva transcrição dactilográfica em bruto — 300 páginas. Tudo isso, desde então, dorme nos meus arquivos.

A tentativa não resultou, por razões fáceis de perceber, mas difíceis de explicar. Foucault queria avançar, fazer coisas novas. As minhas perguntas devolviam-no à sua obra, punham-no em situação de ter de se explicar. As interrogações sobre o seu percurso conduziam-no — tanto devido à sua «falta de jeito» para entrevistas quanto devido ao seu mal-estar em interrogatórios — a rebater-se no plano da autobiografia intelectual, que ele detestava. O projecto foi assim abandonado, de comum acordo.

Como as suas declarações não foram reexaminadas nem reescritas por Foucault, que nem chegou a lê-las, escolhi, entre elas, uma passagem a propósito da literatura, extraída da minha sexta banda magnética. Suprimi alguns parêntesis e digressões. De resto, a minha intervenção consistiu em reformular, segundo as regras da expressão escrita, frases faladas. Este texto é, assim, da minha inteira, e única, responsabilidade. Falta-lhe o riso, os gestos, a animação de Foucault, que era também — para sabê-lo basta ter assistido a uma aula sua — um grande actor. Espero apenas que no texto tenha permanecido o testemunho da sua lucidez.

**— Que lugar, ou que estatuto, têm os textos literários nos inquéritos que conduziu?**

— Na *História da Loucura*, em *As Palavras e as Coisas*, limitei-me a indicá-los, apontava-os de passagem, era como o passeante que diz: «E a este respeito, não é verdade, é impossível não citar *O Sobrinho de Rameau*». Mas eles não desempenhavam nenhum papel na própria economia do processo.

Para mim, a literatura era, de cada vez, o objecto de uma constatação, mas não o de uma análise, ou de uma redução, ou ainda de uma integração no próprio campo da análise. Era o repouso, o «alto», o brasão, a bandeira.

**— Você não desejava levar esses textos a desempenhar o papel de expressão ou de reflexo dos processos históricos?**

— Não... (silêncio, reflexão). Primeiro, seria preciso abordar a questão a um outro nível.

Realmente, nunca se analisou como, a partir da massa de coisas que são ditas, a partir do conjunto dos discursos que efectivamente se proferem, um certo número desses discursos (o literário, o filosófico) são alvo de uma sacralização, assumem uma função particular.

Parece-me que, tradicionalmente, se fezeram funcionar os discursos literários ou filosóficos como substitutos ou como embalagem geral de todos os outros discursos. A literatura pode servir de exemplo para o resto. Houve quem fizesse a história do que se dizia no século XVIII, passando por Fontenelle, Voltaire, Diderot, ou pela nova Heloísa, etc. Ou ainda, consideraram esses textos como expressão de alguma coisa que, finalmente, não chegava a formular-se a um nível que teria sido mais quotidiano.

Em relação a esta atitude, eu passei da expectativa (assinalar a literatura onde ela existia sem indicar quais as suas relações com o resto) a uma posição francamente negativa, tentando fazer reaparecer positivamente todos os discursos não-literários ou paraliterários que puderam efectivamente constituir-se em dada época, e excluindo a literatura. No *Vigiar e Punir*, trata-se apenas de má literatura...

**— E como é que se distingue a boa da má?**

— Exactamente, é isso que será preciso abordar um dia. Será preciso perguntar, por um lado, qual é exactamente essa actividade que consiste em fazer circular ficção, poemas, narrativas... numa sociedade. E teremos de analisar também uma segunda operação: entre todas essas narrativas, o que é que faz com que algumas delas sejam sacralizadas, pondo-se a funcionar como «literatura»? Dir-se-ia que elas são imediatamente admitidas no seio de uma instituição que era, à partida, bem diferente: a instituição universitária. Actualmente, ela começa a identificar-se com a instituição literária.

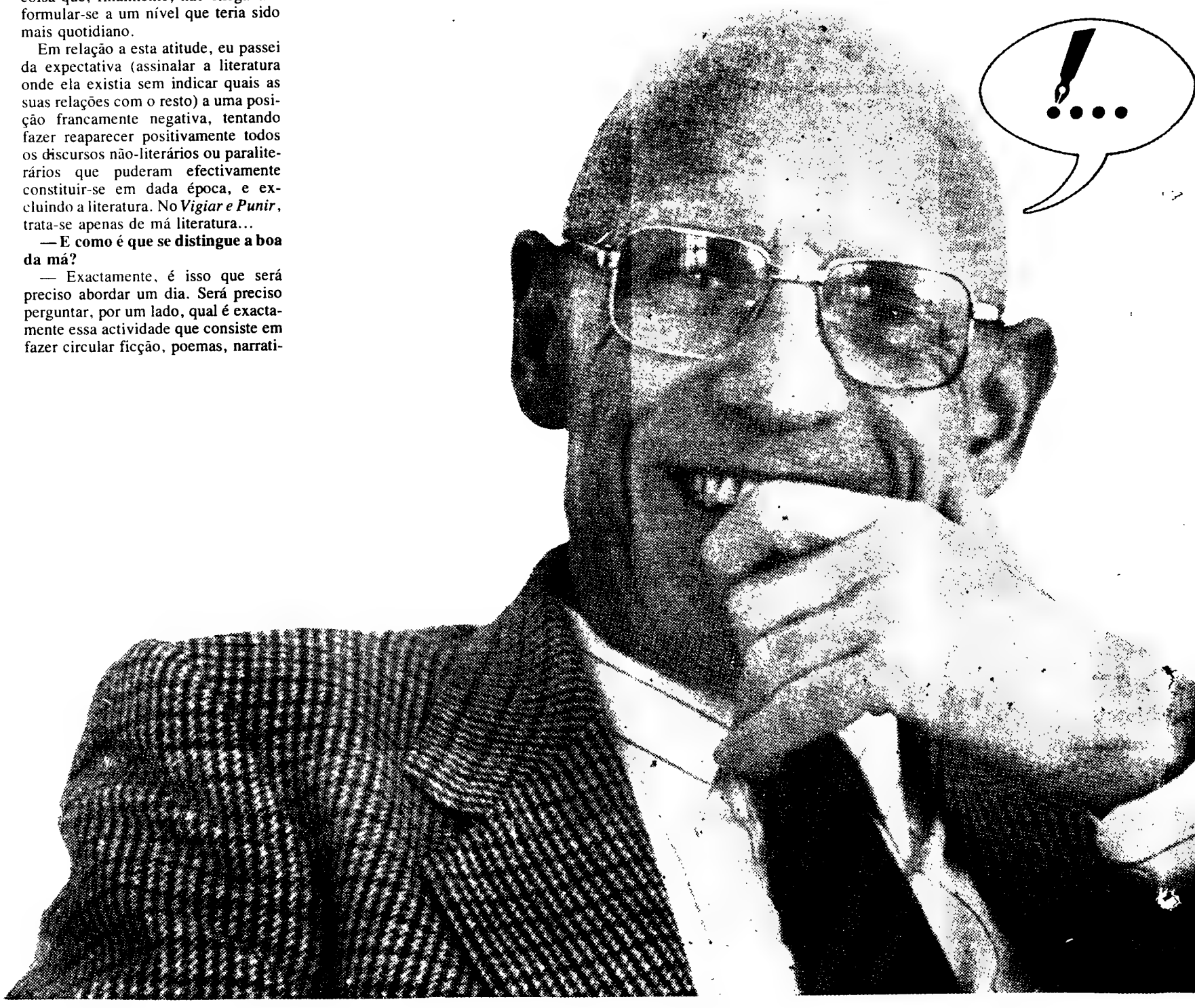
Há uma vertente muito visível na nossa cultura: no século XIX, a universidade foi o elemento no qual se constituía uma literatura dita clássica, que, por definição, não era uma literatura contemporânea, e que, ao mesmo tempo, se fazia valer como único apoio da literatura contemporânea e como crítica dessa literatura. Daí, um jogo muito curioso, no século XIX, entre literatura e universidade, entre o escritor e o universitário. E depois, pouco a pouco, as duas instituições, que de facto eram, no fundo, profundamente gémeas, tenderam a confundir-se totalmente. Sabe-se perfeitamente, hoje, que a literatura dita de vanguarda não é nunca lida senão por universitários. Sabe-se bem que, hoje, um escritor que tenha trinta e tal anos tem à sua volta estudantes que querem fazer teses sobre a sua obra. Também se sabe que a maioria dos escritores vivem a dar aulas, muitos deles na universidade.

Aqui já se tem, portanto, a verdade de alguma coisa: o facto de a literatura funcionar como literatura graças a um jogo de selecções, de sacralização, de valorização institucional em que a universidade é, ao mesmo tempo, operador e receptor.

**— E há critérios internos dos textos, ou trata-se meramente de sacralização pela instituição universitária?**

— Não sei. O que eu queria dizer é o seguinte: para se cortar com um certo número de mitos, entre os quais o mito sobre o carácter expressivo da literatura, foi muito importante estabelecer o grande princípio de que a literatura não tem a ver senão consigo própria. Se ela tem a ver com o seu autor, é mais segundo modo da morte, do silêncio, do desaparecimento daquele que escreve.

*Sabe-se que, hoje, um escritor com trinta e tal anos tem sempre à sua volta estudantes que querem fazer teses sobre a sua obra*



# *versas com Michel Foucault, em 1975, acerca ista inédita... e fascinante*

# ura

Pouco importa que nos refiramos, aqui, a Barthes ou a Blanchot. O essencial é a importância deste princípio: a intransitividade da literatura. Foi, de facto, a primeira etapa graças à qual pudemos desembaraçar-nos da ideia de que a literatura era o lugar de todos os trânsitos, ou o ponto onde iam desembocar todos os trânsitos, a expressão das totalidades.

Mas parece-me que isto não foi, ainda senão uma etapa. Porque, a mantermos a análise a este nível, arriscamo-nos a não desfazer o conjunto das sacralizações que afectaram a literatura. Pelo contrário, arriscamo-nos a sacralizá-la ainda mais. E foi efectivamente o que se passou, ainda até 1970. Viu-se a utilização de um certo número de temas de Blanchot ou de Barthes para uma espécie de exaltação, ao mesmo tempo ultralírica e ultra-racionalizante, da literatura como estrutura de linguagem que não pode ser analisada senão nela própria e a partir dela própria.

As implicações políticas não estavam ausentes desta exaltação. Graças a ela, chegou a dizer-se que a própria escrita, em si mesma estava tão liberta de todas as determinações que o facto de escrever era em si mesmo subversivo e que o escritor tem, no próprio gesto da escrita, um direito inalienável à subversão! Por consequência, o escritor era revolucionário, e, quanto mais a escrita fosse escrita, mais ela se enterraria na intransitividade, mais ela produziria, desse modo, o movimento da revolução! Você sabe que estas coisas chegaram, desgraçadamente, a ser ditas...

De facto, o enfoque de Blanchot e c de Barthes tendiam para uma dessacralização da literatura, rompendo as ligações que a poriam numa posição de expressão absoluta.

Esta ruptura implicava que o movimento seguinte fosse o de dessacralizar absolutamente, tentando ver como, na massa geral do que se dizia, tinha podido, num momento dado, e de certo modo, constituir essa região particular da linguagem à qual não é preciso perguntar se ela transporta as «decisões» de uma cultura, mas à qual é preciso perguntar como pôde acontecer que uma cultura lhe desse essa posição tão singular, tão estranha.

**— Porqu- estranha?**

— A nossa cultura concede à literatura uma parte das coisas que, em certo sentido, é extremamente limitada: quantas pessoas lêem literatura? Que lugar ocupa ela efectivamente, na expansão geral dos discursos?

Mas essa mesma cultura impõe a todos os seus filhos, como caminho que leva até ela, toda uma ideologia, toda uma teologia da literatura durante os seus estudos. Há nisto uma espécie de paradoxo.

*Como é que o discurso quotidiano descuidado, esquecido mal o pronunciamos, entra no campo literário, é admitido na «instituição?»*

Ora, esse paradoxo está relacionado com a afirmação de que a escrita é subversiva. Que alguém o afirme, nesta ou naquela revista literária, não tem qualquer importância nem qualquer efeito. Mas se, no mesmo momento, todos os professores, desde os da primária até aos universitários, se puserem a dizer, explicitamente ou não, que as grandes decisões de uma cultura, os pontos onde ela inflecte... É preciso começar por ir buscá-los a Diderot, ou em Sade, ou em Hegel, ou em Rabelais... bem v^que finalmente o que está em questão é uma e a mesma coisa. Uns e outros fazem funcionar a literatura do mesmo modo. A este nível, os efeitos de reforço são recíprocos. Os grupos ditos de vanguarda e a grande massa de universitários estão de acordo. Isso conduz a uma blocagem política muito pesada.

**— Como fez você para escapar a essa blocagem?**

— O meu modo de pegar nesse problema foi, em parte, o livro sobre Raymond Roussel, e depois, sobretudo; o livro de Pierre Rivière. Entre os dois, há a mesma interrogação: que limiar é esse a partir do qual um discurso (seja o de um doente, de um criminoso, etc.), começa a funcionar no campo qualitativo da literatura?

Para saber o que é a literatura, não são as suas estruturas internas qu eu quereria estudar. Eu preferiria apanhar o movimento, o pequeno **processus** pelo qual um tipo de discurso não literário, descuidado, esquecido mal foi pronunciado, entra no campo literário. Que se passa, nessa operação? O que é que se desencadeia? Como é que esse discurso é modificado em seus esforços, pelo facto de passar a ser reconhecido como literário?

**— No entanto, você abordou obras literárias em relação às quais essa questão não se põe. Estou a pensar sobretudo nos seus artigos para a Critique sobre Blanchot, Bataille, Klossowski. Se eles fossem reunidos num só volume, talvez dessem de si uma imagem pouco habitual...**

— Sim, mas... (silêncio). Não é fácil falar deles a este respeito. No fundo, Blanchot, Klossovski e Bataille, os três por quem me interessei nos anos 60, eram para mim muito mais do que obras literárias ou que discursos internos da literatura. Eram discursos exteriores à Filosofia.

**— Quer dizer...**

— Tomemos Nietzsche, se quiser: Nietzsche representa, em relação ao discurso filosófico universitário, que não pára de reenviar para si próprio, o bordo exterior. Evidentemente, há toda uma fileira da filosofia ocidental que pode reencontrar-se em Nietzsche. Platão, Spinoza, os filósofos do século XVIII, Hegel... Tudo isso passa por Nietzsche. E no entanto, em relação à filosofia, há em Nietzsche uma rusticidade, uma exterioridade, uma espécie de ruralidade montanhesa que lhe permite sacudir os ombros e, sem que isso seja minimamente ridículo, dizer com uma força que não podemos evitar: «Ora, ora, tretas e mais tretas...»

Desembaraçarmo-nos da filosofia implica necessariamente uma desenvoltura como essa. Não é ficando na filosofia, não é refinando-a ao máximo, não é contornando-a com o seu próprio discurso que resolveremos a nossa questão. Não. É opondo-lhe uma espécie de asneira espantada e alegre, uma espeécie de gargalhada incompreensiva mas que, afinal, compreende, ou, pelo menos, quebra. Sim... essa gargalhada quebra mais do que compreende.

Ora, na medida em que eu era, apesar de tudo, um universitário, um professor de filosofia, o que restava de discurso filosófico tradicional incomodava-me no trabalho que tinha feito a propósito da loucura. Há aí um hegelianismo que se perpetua. Fazer aparecer objectos tão estranhos quanto relatórios de polícia, medidas de internamento, gritos de loucos, não é suficiente para se sair da filosofia. Para mim, Nietzsche, Bataille, Blanchot, Klossowski, foram maneiras de sair da filosofia.

Havia nas violências de Betaille, nas doçuras inquietas e insidiosas de Blanchot, nas espirais de Klossowski, alguma coisa que, por um lado, partia da filosofia, a questionava e desafiava, e depois saía dela, e voltava a entrar... Algo como a teoria dos sopros em Klossowski e que está ligado, por não sei quantos fios, a toda a filosofia ocidental. E depois, por causa da encenação, da formulação, da maneira como aquilo funciona num livro como o **Baphomet,** sai-se completamente da filosofia.

Estas idas e vindas em torno da própria parede da filosofia tornavam permeável — portanto, finalmente, risível — a fronteira entre o filosófico e o não-filosófico.

Recolha e selecção de

**Roger-Pol Droit**


UM ROMANCE IMPIEDOSO
ESCRITO SEM COMPLEXOS

OS CABOTINOS

Através da teia intrincada dos jogos do poder, vai sendo desvendada a decadência do último império colonial.

UM AUTOR — UMA REVELAÇÃO

António Ruano

Com esta sua obra muito é dito sobre os últimos anos do Estado Novo e sobre os primeiros tempos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974.
Qualquer semelhança com a realidade *não é* mera coincidência e a identificação das personagens fica à imaginação do leitor.
*Os Cabotinos* — comediantes medíocres de uma peça de equívocos, perseguindo o poder, o dinheiro, a glória e o amor, fizeram-no com a difusa má consciência de quem vive um tempo de epílogo.
Com este romance quem não participou nos acontecimentos vai ficar a saber o que se passou e vai identificar personalidades; e quem esteve «por dentro» vai perceber o que afinal se passou.
Um livro que poderá provocar escândalo. Depende da roupagem que o leitor der às personagens. Que são mais reais do que pode pensar-se.

JÁ À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

EUROPA-AMÉRICA ...a memória no futuro

Acaba de sair Nº 5

ALAVANCA

revista do trabalho

Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores • Desemprego / Salários em atraso • Assuntos de actualidade político sindical

Pedidos às edições UM de OUTUBRO Sociedade Editora de Publicações Lda.

Assina e divulga

RUA DA GLÓRIA 41-2. ESQ TELEF. 36 18 13 • 1200 LISBOA

# No Prelo

# «Os Jogadores de Xadrez»

Encontra-se já no prelo, devendo sair em breve, o novo livro de poemas de Pedro Alvim, intitulado «**Os Jogadores de Xadrez**». A edição é de **Livros Horizonte,** integrando-se o volume na colecção **Horizontes de Poesia.** Constituído por 25 poemas, todos eles se interligando, o livro, através da Matemática, aborda o problema do **possível** e do **impossível.** A chave do dilema, e porque se trata de uma longa sequência poética, surge obviamente no fim... De «Os Jogadores de Xadrez», quarto livro de poesia do autor, apresentamos ao leitor quatro poemas.

## Quase

«Entre o zero escrito e a não escrita raiz quadrada de 2, entre a existência do nada e os incomensuráveis números que negam o nada por, multiplicação, nunca se encontrar dois números que, multiplicados, o 2 proporcionem intacto, finito, como quando 4 irrompe do abraço multiplicado de 2 por 2 — assim entre nos vamos, evolucionamos entre o nome que já não é («Olha, morreu...») e os múrmuros gestos do nome («ele a sorrir, lembras-te...?») em nossa memória sempre por somar.

■ ■ ■

«Mas, ó extremos!, onde o zero se herdeiros somos do que morre, e se herdados somos por infinitos herdeiros, irrompidos sempre da raiz quadrada de 2, qual um eco se propagando não até amanhã, mas até depois...?

■ ■ ■

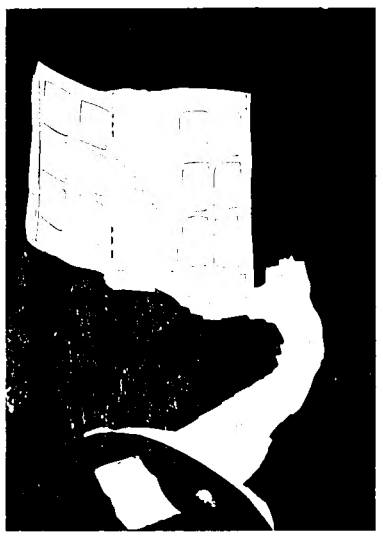
«E para quê, ó extremos!, também o infinito, os incomensuráveis números, a impossível aproximação de 'x' por 'x' igual a 2, se por **quase** sempre nos ficamos, nos detemos ('Quase consegui', 'Quase alcancei!', 'Quase, quase amei...', 'Quase sorri') — e por fim finitos nos morremos com uma raiz na mão incompleta...?

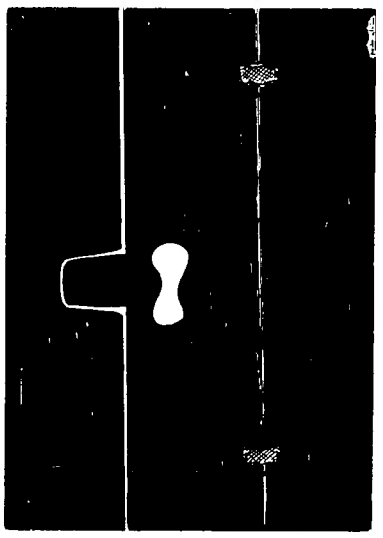
■ ■ ■

«Quase, e só quase, é a nossa condição — quase outros somos não o sendo, e quase como nós o foram outros, e sempre nós e outrem, outrem e nós, nos fomos contando pela vida os números impossíveis de contar.

■ ■ ■

«...Mas porque assim, porque assim fomos, somos e sempre estamos sendo, é que do zero nos vamos mutuamente somando — e somos, irrompidos, a raiz quadrada de 2, a cornucópia abundante nunca escrita que ampla sustém o Universo todo, e conta os planetas, e os pesa na Balança, e na Lira os canta, e o alvo da Lua furta ao Sagitário, e o bule aproxima da chávena, e Vénus afasta do Escorpião, e os Gémeos esconde da Ursa Maior. Que se não fora assim, se





tudo em absoluto assumido fosse, era o silêncio branco das cores misturadas, o envólucro só da voz e não este 'quase... quase...' das estrelas como nomes cintilando sobre nós...»

### Apóstrofo

Assim longos os dias fraccionavam pelas casas do xadrez dois jogadores. Era pela tarde, quando o Sol oblíquo e fulvo se opõe já ao ponto primeiro do seu arco. Altas heras p'lo pátio desenhavam de sombra e luz cavalos diminutos — e tão asssim era, tão assim, tão, que logo as palavras saqueadas no salto morriam dos cavalos. A caminho de Agosto abelhas raras doçura buscavam nos peões — sílabas inseridas em minutos, outro era, porém, ali o néctar: ora o rei uma casa aventurando, ora o diagonal perfil dos bispos, ora as torres tomando posições, ora a branca dama o véu do gesto de quem pela mão a deslocava ao longo do tabuleiro desdobrando... Assim tudo era — e até a métrica no lapso das sombras e da luz um apóstrofo ao ritmo breve dava para que uma letra só não ferisse o medido gesto de quem longo ao longo das casas o finito no silêncio inseria do infinito. Ao longo do tabuleiro os jogadores, assim pelas heras desenhados, como quem subtil desdobra rédeas e o instante sopesa do equilíbrio, apóstrofos colocavam nos cavalos — e a tarde, assim sustida, era e não era o galope disparado que habita o passo do dia demorado.

## Tempo

A caminho de Agosto abelhas raras iam-se por Julho já no fim — e um aberto perfume de flores os lances do xadrez aproximava das fundas raízes que da terra os caules sustentavam cá por fora. Tudo uma só planta desenhava ali no pátio de heras desenhado: corola o tabuleiro, os peões pétalas, pétalas também as duas damas, pétalas igualmente, as outras peças, e trémulas, como folhas, luz e sombra. Ombros descaídos como asas, os edos pelo pólen preto e branco — duas abelhas eram os jogadores (ora um quarto, ora meio, todo o rosto) o néctar libando da estrutura que lentos somavam pelo tempo tão célere de Julho para Agosto.

## Antípodas

Agora nos antípodas é a hora em que o nome dos outros se despenha no sono estelar do espaço anónimo.

■ ■ ■

Tudo lá se desfolha cama a cama qual Outono grande em despedida. Tudo lento cai e se desdobra ao longo dos lençóis de cada casa: ora um corpo nu, ora os sapatos o silêncio calçando das estrelas, as cadeiras também de qualquer mesa, os gestos que se vão pela janela, o grito do amor cortado em dois... Eis em Paus se quebra a paciência de Espadas solitárias conjugadas com o fogo de Ouros avivando corações de Copas carta a carta!

■ ■ ■

Tudo pois é queda do que era e nada está de pé como supomos — e ora nos antípodas é a hora em que o nome dos outros cai em nós e antípodas nos diz que também somos.

**Pedro Alvim**

# Poesia, anos 80: sobreviver na Costa Atlântica

Continuação da pág. 1

um raspar de veia reacende lumes
ilumina o turvo sangue os caminhos e a casa
onde pararam todos os relógios

quanto tempo para erguer a cabeça?
quem nos exterminará? no fim deste século
acordarão homens no outro lado da manhã?

Que vestígios permanecerão desta reclusão?
e a morte existirá ainda
para além do ínfimo estremecer deste corpo?»

Eduardo Pitta e Al Berto são nomes de destaque desta não geração à qual se podem apontar como poetas tutelares Nuno Júdice e João Miguel Fernandes Jorge. Outros nomes possíveis são José Emílio Nelson, Manuel Cintra, Rui Diniz, Artur Rockzane, Teresa Balté, Fernando Cascais, Rui Reininho, Isabel de Sá, Paulo da Costa Domingos, Hélder Moura Pereira, Fátima Maldonado, Ana de Sá, Alexandre Vargas, Rui Baião, aqui citados sem qualquer ordenação especial ou qualitativa. Não geração que no dizer polémico do crítico (também jovem) Manuel Frias Martins, cria um «eidos do desassossego» uma vez perdido o fascínio do comprometimento político mas procurando afirmar uma diferença que reside numa interrogação sobre a raiz da própria liberdade e dos seus usos numa sociedade democrática.

A poesia será agora a diferença sensível, mas não óbvia, onde se espelham as presenças e as ausências e onde talvez ainda seja possível respirar um ar cada vez mais raro.

Colocada assim a problemática existencial que parece ser decisiva para a mais recente poesia portuguesa é necessário tentar delinear algumas características textuais que sejam a execução dessa diferença em termos específicos do discurso poético, principalmente em relação às poéticas imediatamente anteriores da década de 60.

É portanto face à chamada ruptura de 60 que a nova poesia dos anos 80 se demarcará, procurando uma identidade escritural.

Se nos anos 60 (que eu próprio teorizei num livro intitulado «Projecto: Poesia») se deu uma ruptura no discurso poético português, ela consistiu na radical recusa do discursivo e do tratamento descritivo ou referencial do ideológico e do sentimental, características estas que contaminavam ainda as poéticas modernistas dos anos 30, 40 e 50 (geração da Presença, Neo-realistas, e grande parte dos Surrealistas). Então realizou-se uma valorização da poesia como escrita e foram os próprios valores escriturais do texto poético que se transformaram nos instrumentos específicos da criação poética. Tal atitude continha uma clara recusa de todo e qualquer «staus quo» e adquiriu a função de resistência política, sendo o NÃO da poesia de 60 um NÃO também ao discurso oficial do fascismo que invadia e dominava as relações entre as pessoas.

Na área da vanguarda poética a «ruptura de 60» continha duas posições: a dos poetas de «**Poesia 61**» e a dos que se reuniram no projecto da «**Poesia Experimental**». Tais posições podem referir-se sinteticamente do seguinte modo: ambos os grupos de poetas estão de acordo em que a poesia não é mais um instrumento retórico mas sim uma operação linguística de pesquisa e renovação do próprio dizer e escrever. Para '**Poesia 61**» trata-se de produzir um discurso-outro através dum radicalismo semântico que só nos textos se pode manifestar, pois eles próprios são portadores de significados indissociáveis dos significantes. Ao mesmo tempo postula-se uma noção de qualidade abstracta como paradigma desse novo discurso. Para «Poesia Experimental» o projecto é a pesquisa duma semântica-outra a partir dum radicalismo morfológico e sintático em que os significantes são objectivamente os materiais da construção do texto. Significantes e significados são indissociáveis, mas é através do trabalho sobre os significantes que surgirão os novos significados. Daí o uso da visualização (Poesia Concreta) e da sintaxe combinatória. A poesia é um projecto aberto e interminável, cujos parâmetros cumpre ao poeta construir como elementos estruturais do seu poema.

Ambas estas posições acentavam num optimismo quanto à capacidade de acção e intervenção da poesia no mundo actual, procurando transformar o mundo, sim, mas através da palavra poética.

É precisamente esse optimismo que, como já vimos, foi profundamente abalado na década de 70. Para isso contribuiram a crise económica mundial e as sucessivas crises políticas internacionais que caracterizam o tempo que vivemos, dando o primeiro plano ao modelo como regulador das relações entre as nações, sobre o pano de fundo das ameaças de aniquilação total pela energia nuclear.

Para que serve então a poesia? qual é o poder da palavra? como escrever poesia nos anos 80, quando o vazio e o nada são o padrão da linguagem e não sabemos se «acordarão homens no outro lado da manhã»? ignorando também quem manipula toda esta situação e quem nos exterminará.

As respostas da jovem poesia portuguesa prolongam e ecoam uma certa tradição de negatividade, que é característica do simbolismo decadentista do século XIX e que está também, contraditoriamente, presente nas vanguardas da primeira metade do século XX. O niilismo, a abjecção, a recusa, a solidão são por esta jovem poesia assumidos como valores escriturais, propondo um novo sentido do texto poético que consiste na reconstrução dum discurso deliberadamente discursivo, descritivo e referencial criando uma distância tática entre aquilo que se diz, se descreve ou que se refere e o modo como efectivamente se constrói o discurso. Assim se torna possível uma sensibilidade diferente que flutua na superfície dos textos e se constrói de sintagmas caracteristicamente românticos e mesmo até sentimentais. O poeta pode agora utilizar todas as características existenciais da sua própria experiência de homem e, ao mesmo tempo, observá-las à distância, como se o poema fosse um peixe dentro de um aquário. Será esta uma nova forma de assumir e declarar a autonomia do discurso poético como última possibilidade de comunicação através das palavras?

Termino aqui esta incursão imaginativa por uma possível teoria poética da jovem poesia portuguesa. Mas antes de dar a palavra aos poetas eles próprios, proponho à vossa consideração dois títulos que me parecem paradigmáticos: de Eduardo Pitta: «Um Cão de Angústia Progride», 1979, De Al Berto: «Uma Existência de Papel», 1985.

**E.M. de Melo e Castro**

**Bibliografia**


- *A Linguagem da Desordem*, Eduardo Pitta, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983
- *Uma Existência de Papel*, Al Berto, Gota de Água, Porto, 1985
- *Os Dois Crepúsculos*, Joaquim Manuel Magalhães, A Regra do Jogo, Lisboa, 1981
- *Projecto: Poesia*, E.M. de Melo e Castro, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1984
- *10 anos de Poesia em Portugal* 1974--1984, Manuel Frias Martins, Editorial Caminho, Lisboa, 1986

# A Espanha fica ao lado

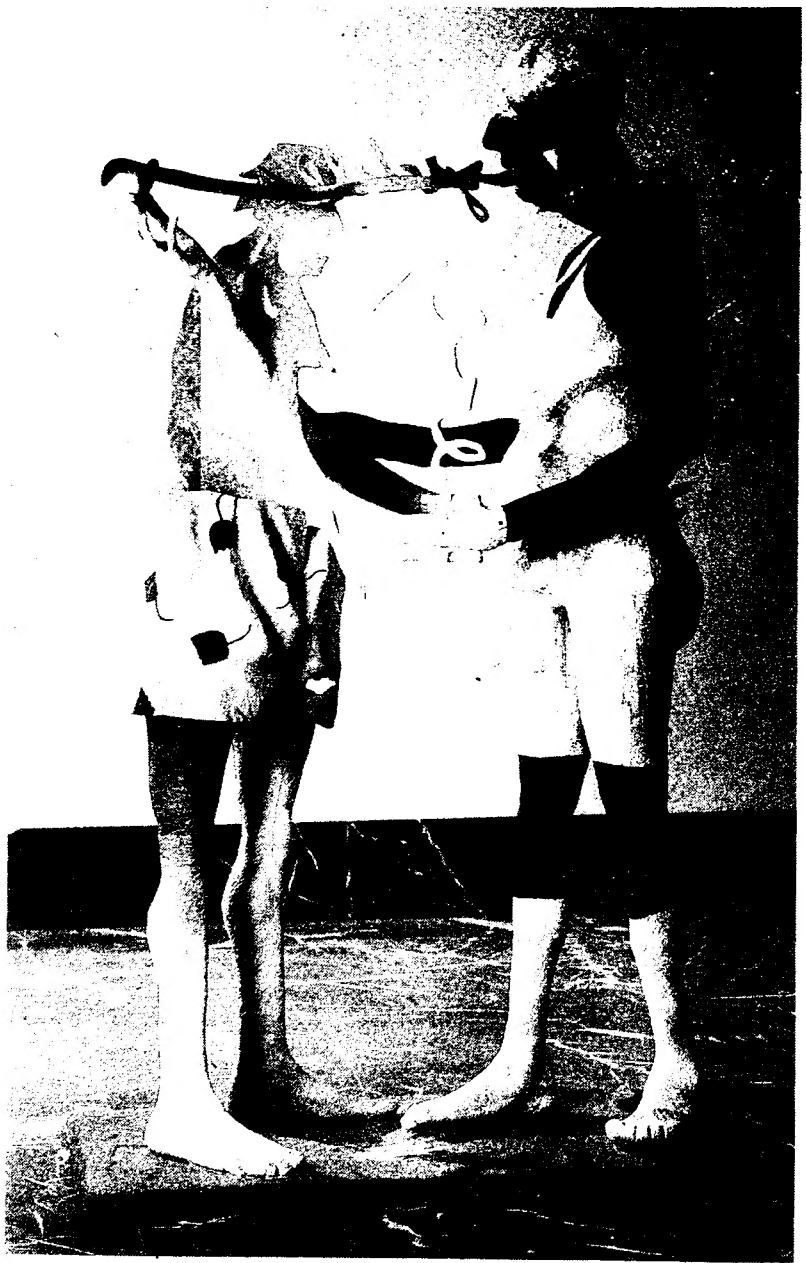
## *...mas as estradas não transportam ideias*

Jesus Ferrero, o «místico pós-moderno»

A «movida» madrilena tem como credor Tierno Gálvan, o velho «Alcalde» já morto, o velho miúdo que olhou sem preconceitos, — *prejuicios,* dir-se-ia em castelhano — os jovens que vegetavam pelas ruas de um imenso labirinto, consumindo-se nas memórias putrefactas dos seus passados gloriosos. Curioso foi, como o despertar da grande capital mexeu nos ritmos dos «pueblos» das manchas imensas, das andaluzias ciganas, das místicas montanhas vascas. (Re)nasceram das cinzas os António Gómez (poeta-taberneiro de Mérida), os Xavi Hernandez (aprendiz numa oficina de letras de Bilbao). Deu-se o boom, provavelmente, iniciou-se um novo ciclo na genialidade do país vizinho.

Em Portugal é praticamente desconhecida a literatura castelhana. Náo se fala do que se faz no país basco, porque isso, nem sequer no resto da Espanha é divulgado. Da Catalunha, pouco se sabe. Existem porém dois nomes bastante interessantes destas comunidades, que é importante dar a conhecer: Rámon Pinilla, candidato ao prémio Planeta (um potenteado na indústria editorial espanhola) e expoente da literatura regionalista e Francisco Nieva, dramaturgo —sublinhe-se o carinho dispensado pelos catalães ao teatro, onde existem curiosos grupos amadores e profissionais, de pesquisa e busca de diferentes atitudes de estar em cena, de fazer cena —.

Os «monstros» das letras estão pouco traduzidos (Lorca, Umbral, Goytisolo...). Os que estão na moda e as jovens revelações são totalmente desconhecidos. Não se sabe o que fazem, o que pensam, que ideias manejam, em suma, é impossível encontrar um livro seu, mesmo em versão original não traduzida.



A palavra do poder, o patético de algumas instituições: «Conversa de galeristas em Benidorm», de Andrés de Nagel

O panorama actual das letras poderá ser o que se segue: Comece-se com o que constitui uma declaração de princípios da nova modernidade: *Há que organizar um escândalo em cada três segundos para lembrar às consciências a prepotência e do absurdo da indústria da cultura*. Disse-o o Rafa Fernandez na revista «Madrid Me Mata», vanguarda da irreverência e porta-voz da «movida». Esta afirmação é o objectivo ideológico desta geração. Eles empenharam-se em minar o instituído, o sacerdócio. Instalaram-se à margem das convenções — de estilo ou de conteúdo —, não lhes dão atenção, não perdoam conformismos. Querem abolir os academismos preparando a geração da rua, dos bares de submundo, dos seus Cais de Sodré, onde a par de cervejas bebidas a gosto, e de um q.b. de danças frenéticas, se alimenta a inspiração de renovadas artes.

Isto traduz-se na actividade de sugestivas editoras, como as «Ediciones Libertarias», que nos dão a desfrutar um *Orintze en el Pais de la Democracia* de Eva Forrest, ou os *Puntos de Vista* de Gregorio Morales Villena. Trata-se da fantasia do estranho mundo de políticas subtis e subversivas (os espanhóis como nós, têm ainda presente os fascismos, e porque não, as democracias duvidosas e camufladas), ou do observar detalhado dos quotidianos urbanos, no choque das gentes, daquelas que se amortecem, de outras que se repelem, enfim, onde o possível acontece ao virar de cada esquina. Num plano que transcende o espaço de uma vivência exclusivamente ibérica, damos de caras com Jésus Ferrero, «o místico pós-modernista», que sem nunca ter estado no Oriente (a sua viagem mais longínqua levou-o à portaria de um prédio em Paris, onde o trabalho nocturno lhe pagava os estudos na Sorbonne) mas porque as Espanhas são também Oriente em relação aos continentes de além-mar, conta em ritmos taoístas as suas histórias chinesas. Da complementaridade do Yin e do Yang, do homem feminino, das parábolas do bom andrógino, dos contributos metafísicos das intrigantes Ásias, que só recentemente começaram a abrir as portas do conhecimento ao consumista Ocidente.

Como Ferrero diz, e referindo-se ao clima literário que se vive neste momento: «Creio que a única forma de ser moderno e de inventar a nova modernidade, é a de trabalhar à margem dos circuitos habituais (editoras, jornais, revistas, prémios das sociedades de autores...) Por isso não me esforço o mínimo, nesse sentido, na correria patética que empree4ndem alguns escritores de cada geração para ver a sua obra publicada...».

Dos consagrados, a respeitar, falar-se-á de Torrente Ballester, Miguel Delibes, Eduardo Mendoza (autor de apenas quatro romances, o primeiro em 1979, e o último, *La Ciudad de los Prodigios* de 1982 que continua a ser um «best-seller».

Falar de todos os outros seria exaustivo e pouco diria ao leitor. Elucidativo será dizer, e repetir, que se vive uma comunidade de direito e de facto. Os escritores comunicam entre si, não defendem a sua sapiência dos olhos indiscretos dos outros. E para isso tem contribuído a descentralização política e a divisão por Regiões Autónomas. É que não se exacerbaram assim (a este nível!) os regionalismos, pelo contrário, preservaram-se as culturas específicas, os velhos idiomas, e desenvolveu-se uma competição saudável entre as diversas «nuances» de pensamento, nesse autêntico e genuíno Jardim das Hespéridas contemporâneo.

Há culturas, talvez porque tenham uma sensibilidade mais apurada, ou simplesmente diferente, que estão destinadas à inovação. Nas artes, nas letras, nas ideias. Espanha sem contestação, é exemplo, e dizer modernismo, vanguarda, ou mesmo, e porque não, futurismo, é dizer Espanha anos 80.

Quando será que esqueceremos os nosso complexos de inferioridade, as nossos batalhas de Aljubarrota, mal ganhas ou mal perdidas, e mesmo que tímida e desconfiadamente, deitaremos uma espreitadela pelo buraco da fechadura para ver o que está do outro lado?

**Luís Guilherme Robalo**

# Ficções

## Academias

PENSEI, primeiro, que poderia, sobre a tábua, compor, do azul ao cinzento escuro, algumas cores. Acrescentando progressivamente mais negro e prussiano, diluindo mais o branco e o azul cerúleo. Depois, colocaria as cores lado a lado na tela e, com uma simples passagem de um pincel quase seco na zona que as separasse, transformaria o céu em nuvens sem se dar por isso, como se a cor, só por si, trabalhasse. Queria cirros naquele sítio do quadro sobre a linha do horizonte ao fundo, uma ligeira cortina de branco cada vez mais carregado que escurecesse as àrvores, as tornasse mais pesadas e trouxesse a distância para a frente. Utilizaria somente uma ou duas das cores com este fim feitas para pintar a transição mais súbita entre o azul do céu e a escuridão da grande nuvem que desenhei a cobrir o centro óptico da tela e o sol para poder dispersar a luz em branco no plano recuado do quadro.

Mas a cor não se comporta assim, não cede a acordos simples nem a ideias. Verifiquei que o trabalho milimétrico que se faz nos seus pigmentos a transformarem-se não é visível nem pode ser reduzido a uma transição de etapas. Só a minha mão a segurar no pincel a foi capaz de perceber e agir sobre ela enquanto eu pensava noutra coisa com, dos olhos, apenas a película sobre a tela.

Quando a música que ouvia acabou, afastei-me do quadro. As nuvens perturbavam a imobilidade do céu e as árvores brilhavam como se tivesse acabado de chover.

*

O súbito impulso do vento afastou o ramo que, frente à janela, ainda impedia os raios do sol de chegar directamente ao vidro. A tela ficou de repente muito brilhante, um fino grito de azul como a cauda de um espadarte moribundo a saltar enraivecido na água. Tudo ficou à vista. A poeira que povoava o ar fora mais rápida que os meus gestos e já estava lá, incrustada nos riscos — agora visíveis — que o pincel deixara nas suas voltas quase casuais sobre o linho. Manchas de terebintina mal diluída brilhavam violentamente no meio de tons mais baços, pondo à mostra todos os restos do trabalho que fizera sobre aquele azul para o uniformizar em volta do traçado das nuvens. Aquilo que na luz indirecta parecia a ausência de cor e o infinito do espaço sob as bordas cinzentas da nuvem, via-se agora como tinta, aplicada da esquerda para a direita com um pincel quase seco, numa altura diferente do cinzento azulado colocado com a espátula no corpo da nuvem. Afastei-me do quadro e olhei-o ao espelho. Movi a cabeça com a mão em frente de um dos olhos. A ténue e esponjosa mancha mais escura no meio do azul pareceu mover-se empurrada pelo vento e o brilho da luz, gananciosamente agarrado pelo óleo mal seco, fez-me deixar desabar o pincel sobre a mesa — porque nunca poderia manter o sol ali, naquele sítio preciso da tela, por detrás da nuvem (assim mais sombria) e contra o céu de tinta que passara e repassara nas últimas horas. Peguei na tela e trouxe-a para a rua. Encostei-a ao vão de pedra mesmo contra o sol. Mergulhei a espátula num pedaço mole de vermilhão francês que pusera na tábua. Uma grande ferida suja e gritante deu cabo do céu.

**Heliogábalo**

# Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

## Capítulo VIII

# A caminho do Sul

PRECISAVA agora de encontrar um lugar calmo para descobrir o destino do bilhete de avião. O mais urgente era deixar o bairro do hotel, recuperar o sangue-frio um pouco perdido, é preciso reconhecê-lo, naquela fuga pelos telhados... Resposta primária a um cartão vindo de um desconhecido que pretende exercer sobre mim poderes quase divinos. E o mais ridículo é que o deixo fazer, deixo-me entalar como um rato. Agora os chuis vão aperceber-se do meu desaparecimento, saberão que um falso nome foi dado à recepção... Bom, não percamos mais tempo.

Um táxi chegava, mandei-o parar sem saber ao certo que direcção tomar. Mudar de colina, em todo o caso. «Solar do Vinho do Porto.» Dava-me conta de que a cidade se tornava cada vez mais estreita, de que estava a exilar-me definitivamente de vários lugares: a Costa, o porto, Janelas Verdes, Graça, Príncipe Real. No bolso, o bilhete de avião cujo destino ainda não conhecia. «Um Fonseca 20 anos, s.f.f.» Enterrado no «fauteuil» de couro bege, procurei descontrair-me e reflectir ao mesmo tempo. A luz tamisada dos candeeiros árabes fazia-me lembrar a do bar, mas um silêncio de igreja proibia qualquer pensamento criminoso. Notei então, pela primeira vez, que o ruído tinha em mim consequências físicas, provocando-me reacções quase da ordem do reflexo. Um pequeno grupo murmurava em inglês, um casal, em frente, bebia sem uma palavra. Aqui, ao menos, nada arriscava, estava sob controlo. Controlo... não apenas o meu, o desse deus-cão também. Os meus dedos sentiam o papel envernizado do bilhete de avião, nada ainda me obrigava a ver o que ele continha. De súbito, pensei que talvez essa viagem inesperada fosse para imediatamente; em geral, deus-cão tinha pressa e contava com as minhas reacções primárias, que agora me esforçava por dominar.

Puxei portanto discreta e lentamente o rectângulo de papel envernizado, contemplando longamente a capa vermelha da TAP. A linha verde tinha desaparecido, a meus olhos especados, perdidos na mancha vermelha, de tal modo enterrados que eu via a dobrar. Dois rectângulos vermelhos mal definidos, duas manchas sobrepondo-se em parte fugiam para todos os lados. Não via senão aquilo, não pensava em nada, como se me tivesse ausentado do mundo, desmaiado na penumbra daquela sala fresca e silenciosa. A mancha vermelha foi como que parasitada por outra negra, os meus olhos reencontravam pouco a pouco uma imagem delimitada, a mancha negra transformava-se em traço, a imagem única libertava-se, via nitidamente umas calças. Lentamente, o meu olhar seguiu o corpo que estava parado diante de mim, tornou-se novamente desfocado quando encontrou o encarnado do colete, reintegrou a sua precisão efémera para cruzar, enfim, o olhar do empregado, ligeiramente perplexo.

«Alguém o chama ao telefone, sr...»

«A mim?»

«Sim, quem está ao telefone não disse o seu nome, mas descreveu-o e disse que era muito urgente.»

Mais um golpe de deus-cão, pela certa. Levantei-me, engoli um pouco de porto, muito lentamente, para sentir a doce queimadura na garganta, quase como se fizesse um último brinde. Que queria ele mais?

Peguei no auscultador, esperei uma fracção de segundo para tentar captar o som da respiração dele e decidi-me, por fim, a falar:

«Sim».

«Você ainda não viu o seu bilhete e já só tem meia-hora para chegar a tempo ao aeroporto, despache-se.»

«Mas que me quer você? Que raio faço nesta história toda? Não me parece que me apeteça partir...»

Deus-cão tinha desligado sem sequer ouvir a primeira das minhas estúpidas perguntas de pequena angústia de um criminoso-existencial. Senti mais uma vez o papel do bilhete no meu bolso. Não tinha alternativa. Aliás, chegadas as coisas a este ponto, que poderia ainda acontecer-me?... Um velho Mercedes mal-cheiroso, com o tecto verde-pistácio, passava diante do «Solar», saltei para dentro dele: «aeroporto».

Por alturas do Rato, voltei a tirar o bilhete do bolso. Por sorte tinha o passaporte na maleta das primeiras necessidades, válido ainda por um ano. Decidi, por fim, erguer a capa vermelha e dedicar-me à leitura do que ele tinha escrito no sítio **destino**. Surpreendeu-me e decepcionou-me um pouco o que deus-cão me reservava. Faro. Estupidamente. Parecia-me que eu valia mais que isso, mais que um voo doméstico, em todo o caso. Talvez não a América, mas pelo menos um trajecto internacional. O condutor interrompeu os meus enraivecidos pensamentos:

«Partidas internacionais ou domésticas?»

«Internacionais.»

Entrei pela porta dos voos internacionais e segui, por dentro, para os balcões dos voos domésticos. Dei o bilhete a uma hospedeira que se pôs a tocar piano no teclado do seu computador:

«Já é tarde de mais para este voo; temos outro dentro de três quartos de hora e posso reservar-lhe lugar nele, se quiser.»

«Está bem. Daqui a três quartos de hora?»

«OK... Ah, um momentinho. Sim, deixaram uma mensagem para si. Dão-lha no último balcão, à direita.»

Dirigi-me lentamente para o balcão indicado, onde a hospedeira me estendeu um envelope em nome de Paulo Santos (o mesmo nome em que o deus-cão tinha reservado o meu bilhete de avião). Como ainda me restava meia-hora, atravessei de novo o corredor para ir até à cafetaria na entrada para as partidas internacionais. «Uma italiana!».

Peguei na chavenazinha fumegante, deixei o saco de açúcar no balcão e fui sentar-me num bloco de mármore branco, entre duas plantas. Abri o envelope, onde vi uma pequena folha branca dobrada em quatro. Prendeu-me a atenção o seu aspecto especial: um papel quadrado, algo como 20x20 cm. Deus-cão tinha dactilografado nele algumas linhas:

«Da próxima vez seja pontual. Boa viagem, apesar do atraso. Em Faro, há instruções para si num dos balcões do aeroporto. Este pequeno desvio era vital para a nossa história.»

De repente, o meu olhar foi atraído por um pormenor insignificante, ínfimo, microscópico. Disse a mim mesmo que sonhava, que não era possível, que deus-cão não podia levar o sadismo a este ponto. Dobrei e guardei a carta, voltei para os voos domésticos, para não falhar o embarque e, encostado a um vidro, voltei a abri-la para verificar. Sim, eu vira bem: não havia dúvida. Deus-cão era um monstro, exercia toda a sua força sobre mim porque sabia pertinentemente o poder que podia estar contido num pormenor microscópico. A última palavra, «história», sobressaía entre as restantes porque deus-cão, com a sua formidável esperteza, tinha posto um ponto vermelho, minúsculo, sobre o segundo **i**. Tive a nojenta sensação de receber de novo pelo correio um dedo cortado, via aquele ponto como a unha pintada de um dedo. Ele tornava-se imenso, já não era redondo, espalhava-se pela folha. Fiz discretamente alguns movimentos respiratórios para não sufocar, guardei a carta e dispus-me a subir para o avião de Faro.

**(CONTINUA)**

## Na próxima semana — Um novo personagem é manobrado

O eu nos outros

# A longa bofetada

ELE entrou, percorreu a casa, olhou-se admirado ao espelho. Era noite, chovia lá fora, onde estaria ela...? «Lucília!» — murmurou dentro de si. Sentou-se no «maple» da sala grande, pôs um disco no «pick-up», fechou os olhos, aspirou fundo o silêncio da casa toda. Um silêncio perfumado de móveis antigos, de livros, de quadros, de tectos, paredes, janelas. A chuva, nos vidros, sobrepunha-se a Mozart. «Lucília» — tornou a murmurar para si. Quando o disco chegou ao fim, mais o ruído da chuva aumentou, afogando-o numa carícia de mil dedos, mergulhando-o no «maple» até ao sono. Acordou num «Ah!», os olhos abertos no relógio, a chuva já morta pelo exterior da casa. «Lucília» — disse então em voz alta. Ergueu-se, foi ao telefone, voltou a sentar-se. Não, ninguém sabia dela. Buscou uma maçã na cozinha, um copo de leite, lavou os dentes como se tivesse jantado. Aquela bofetada há sete anos... «Lucília» — quase que gritou. Olhando o cigarro a queimar-lhe os dedos, a cinza na alcatifa, decidiu-se a procurá-la por todos os cantos da cidade. Impossível, impossível: quantas esquinas teria a cidade...? Como resposta, de novo a chuva pelos vidros das janelas. A manhã fora de pouco sol, a tarde de nuvens — e agora a noite quebrava-se em água por todos os lados. Pegou no guarda-chuva, foi-se ao guarda-fatos pela gabardina. Lucília estava lá dentro, perdida de riso, os braços abertos para ele. «Doida que tu és!» Ele acomodou-se no armário, fechou as duas portas, vestiu-se da mais completa escuridão. Onde estaria ela...? Onde escondida, onde só onde acompanhada...? Há sete anos, sete! aquela maldita bofetada!

**Pedro Alvim**